

REVISTA

DA SEMANA

N. 18 5-5-56 Cr\$ 7,00 em todo o Brasil

TUDO SÔBRE O
CASAMENTO DE GRACE KELLY
O cão policial descobriu Eduardinho





Música para a Juventude

José Siqueira

JOSÉ SIQUEIRA, compositor e regente, é o autor de «MÚSICA PARA A JUVENTUDE», obra destinada à mocidade que ele ama e à qual tão bons serviços prestou, criando, quando presidente da Orquestra Sinfônica Brasileira, os CONCERTOS DOMINICAIS PARA A JUVENTUDE. Disposto de segura experiência didática, com livros publicados («Regras de Harmonia», «Canto Dado em XIV Lições», «Curso de Instrumentação», «Modulação Passageira», «Sistema Trimodal Brasileiro»). Siqueira traça, neste livro, um programa de ensino, palpitante, do qual se beneficiarão quantos tiverem a oportunidade de o ler. «MÚSICA PARA A JUVENTUDE» está dividido em quatro partes referentes às séries ginasiais: Teoria Musical, Canto Orfeônico, Música e Músicos Brasileiros, Contraponto, Harmonia, Grandes Épocas da História da Música, Escolas Musicais, Folclore Brasileiro, Prosódia Musical, Formas Musicais, Instrumentação, Orquestração e Banda de Música. Ilustrado com fotografias e exemplos musicais, é um trabalho definitivo na forma e no conteúdo que vem preencher uma lacuna no ensino.

★

Preço dos 4 volumes pelo reembolso postal :
Cr\$ 250.00

Pedidos a Rosa Paula Machado

Avenida Nilo Peçanha nº 12, salas 1207 e 1209, 12º andar — Telefone : 52-4856 — RIO DE JANEIRO

Ano 56 — Nº 18 — Rio de Janeiro — 5-5-1956

REDATOR-CHEFE — Celestino Silveira

ASSISTENTE — José Roberto Teixeira Leite

PAGINADOR — Victor Tapajós

COLABORADORES — Bolivar Costa, Demóstenes Varela, Eduardo Tourinho, Eneida, Fernando Lôbo, Fortuna, Hélio Abreu, Hynnenny Gomes Ferreira, José Maria Rodrigues, Sérgio Andrade, Sérgio Silveira, W. Guarnieri.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Jeronymo Ribeiro, Marius, Maria Tereza, Ramón.

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, Newton Viana, Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

◆ REPORTAGENS

Mamãe, Já Voltei	4/6
Não Pense Tão Cedo em Ir à Lua	18/21
Paquistão, a Mais Nova República	22/23
Bandeira Saiu da Penitenciária	26/27
Gentes e Coisas de Portugal	32/34
Silveira Sampaio	48/49
Grace, Princesa de Mônaco	57/61

◆ SEÇÕES

Grand Monde	7
Semana em Revista	8/9
Puxe pelo Cérebro	10
Figura em Foco (S. P. de Almeida)	11
Astrológica	16
Flash Paulista	17
Artes	21
Palavras Cruzadas	24
Itinerário do Brasil	25
Por Esse Mundo de Deus	28/29
Pelas Esquinas da Noite	30
Literatura	35
Música	40
TV na Revista	42
Revista há 50 Anos	47
Conversa de Mulher	54/55
Último Flash	62

◆ LITERATURA

Semana Festiva (Eneida)	3
O Avô Arkhip e Lenka (M. Gorki)	12/13
Marta (Breno Accioly)	50/51

◆ HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------	-------

◆ VARIEDADES

A Imperatriz Revoltada	14/15
Quatro Louras e uma Morena	31
O que é um Judeu?	36/37
Horas de Desespêro	38/39

◆ CAPA

Emilinha Borba (Ektacrome de Van Erven)

Este número consta de 64 páginas.



SEMANA FESTIVA

◆ Foi uma semana de grandes comemorações intelectuais, a que começou dia quinze e terminou a vinte e dois de abril. Num dia dezoito desse mês, no ano de 1882 nasceu Monteiro Lobato e para que estejamos sempre festejando esse grande homem, amigo das crianças e infatigável lutador de causas públicas, de profissão escritor, desde o ano passado esse dia é também o dedicado ao livro. Justíssima homenagem quando se sabe que Monteiro Lobato foi um pioneiro do livro no Brasil, aquele que criou uma editora (a primeira) impulsionando as publicações nacionais. Ainda dia dezoito reuniram-se quinhentas pessoas — escritores, políticos e homens de negócios — em torno de Augusto Frederico Schmidt, que nesse dia fazia cinquenta anos de idade. É sempre um belo espetáculo ver e saber que se comemora os poetas, mesmo quando essa comemoração fala de envelhecimento. Não envelhecem os poetas e nosso sempre jovem Schmidt teve, nesse momento, suas **Poesias Completas** publicadas por José Olímpio.

◆ Depois, dia dezenove, fez setenta anos o poeta Manuel Bandeira, aquele que sendo natural de Recife «na verdade nasceu para a vida consciente em Petrópolis» e que «a certa altura da vida descobriu o segredo da poesia», «o segredo do seu itinerário» de poeta, quando na companhia paterna se empossou na idéia de que «a poesia está em tudo, tanto nos amôres como nos chinelos, tanto nas coisas lógicas como nas disparatadas». Bandeira fez setenta anos e as homenagens foram muitas, inclusive uma que tocou sensivelmente o seu coração: uma livrariazinha chamada Pasárgada que surgiu na rua S. José, onde o poeta parece dirigir o movimento livresco num retrato risonho, com aquela juventude que os setenta anos não atrapalham. «Na minha vida de poeta — escreveu Bandeira no seu **Itinerário de Pasárgada**, os meus contactos têm sido sempre com gente nova, o que talvez explique que eu venha envelhecendo de vagar...»

Foram dias bonitos aos quais, felizmente, não faltou o sol e se as chuvas se anunciaram nas nuvens escuras, nem por isso atrapalharam as festas intelectuais. A gripe anda solta com a chegada da umidade, mas o sol, como querendo defender-nos dos espirros e das tosse se vem apresentando claro e loiro. O Boletim Meteorológico pode declarar que vai acontecer isto ou aquilo, mas já está tão desmoralizado que quando anuncia ventos de «rajadas frescas» geralmente há calor e se preconiza chuvas, o sol — de implicância — se levanta e instala sobre a cidade.

◆ Chuvinhas sem prestígio não esbandalharam as festas do livro. Barraquinhas foram este ano, como em 1955, plantadas nos jardins da Cinelândia exibindo em suas prateleiras livros de todos os assuntos e formatos; romances e poesia, ensaios e doutrinas, história e estórias. Como se os livros se sentissem na obrigação de virem apertar a mão do público, como se a todos estendessem os braços, afirmando a mais velha das verdades: sem livro ninguém vive, porque o livro é instrumento de trabalho e companheiro, amante e pai, ferramenta para se plantar qualquer semente na terra, no céu ou no ar. Mais festas houve. Homenageando o Dia do Livro, a Biblioteca Municipal homenageou Bastos Tigre, poeta e humorista, o mais velho bibliotecário da cidade e que no seu discurso de agradecimento contou, com o humor que o caracteriza o que era no seu começo de vida profissional, uma biblioteca no Brasil: lugar onde era muito difícil encontrar o volume desejado. Não foi banal nossa semana com tantas festas de inteligência, tantas comemorações e homenagens. Feliz o povo e o país que podem realizar festas assim. É verdade que a miséria continua, os problemas populares se avolumam, que tudo falta e o erro campeia, mas para que a vida não seja apenas um amontoado de sofrimentos e reivindicações é justo que tenhamos também alegrias e estas foram muitas na bela semana que começou dia quinze e terminou em vinte e dois de abril.

E N E I D A

REVISTA DA SEMANA

«Dick» aceita os agradecimentos de Eduardinho, pelo serviço inestimável que lhe prestou, devolvendo-o aos braços carinhosos de seus pais. O cão e o garoto ficaram excelentes amigos.



O FARO PRODIGIOSO DE "DICK"

FOI ENCONTRAR EDUARDINHO

NO BURACO, EM ÁGUA FUNDA



Setenta e duas horas depois de desaparecido, Eduardinho é entregue à sua mãe, que talvez não contasse mais vê-lo com vida. O garoto limitou-se a dizer: «Pronto, mãe, já voltei...»

-PRONTO, MAMÃE, JÁ VOLTEI...

— disse o garoto ao ser devolvido aos braços da mãe



Quando o menino apareceu, conduzido por um policial, o pai arrebatou-o, gritando: «É ele... É ele...» Eduardinho estava sujo de barro, esfarrapado e com alguns arranhões, mas vivo, vivo...

DURANTE setenta e duas horas, São Paulo em péso acompanhou, com o coração apertado, as pesquisas da polícia em busca do garoto Eduardo Jaime Benevides, misteriosamente desaparecido da casa de seus pais. As estações de rádio e TV movimentavam-se, tomando iniciativas por conta própria, e os jornais forneciam ao público, ávido de pormenores, tudo quanto ia acontecendo de novo. Mas as horas passavam, os pais de Eduardinho iam ao desespero e da criança, nada de positivo... Até quando, subitamente, a notícia correu célere por toda a cidade, pelo interior do Estado, daí para o país inteiro, porque o sequestro de Eduardinho já corria mundo: o menino fora encontrado!

O aparecimento do garoto-herói provocou um contentamento geral. Eduardinho voltou de rosto sujo de barro, descalço (os sapatos desapareceram) e sem camisa, com a calcinha também suja e rasgada. Assim mesmo foi levado à presença do governador Jânio Quadros, que foi dos primeiros a ouvir, da boca de Eduardinho, a sua grande aventura.

APARECEU NUM BURACO

O pai de Eduardinho foi chamado ao Departamento de Investigações para reconhecer o menino que ali acabava de dar entrada. Em minutos as portas do Palácio da Polícia foram dominadas pela multidão curiosa, pelos jornalistas e radialistas... Isso aconteceu por volta do meio-dia de 20 de abril quando Eduardinho foi levado ao D.I., ao colo de um investigador. Seu pai já o reconheceu do quinto andar do edifício, onde se encontrava, e foi esperar Eduardinho no saguão, junto ao elevador. Eduardinho chegou calmo, levando em uma das mãos uma garrafa de refrigerante e um sanduíche. O encontro de pai e filho foi tocante. O sr. José Eduardo Benevides Filho, ao ver a criança, teve a palavra embargada pelos soluços, enquanto Eduardinho, soltando-se das mãos do policial, jogava-se para os braços paternos, gritando: «E' o papai, é o meu papaisinho...»

Depois, no gabinete do Secretário de Segurança Pública, cercado por autoridades e jornalistas, muito desembaraçado e alegre, o garoto explicava ao pai, mostrando os soldados: «Foram eles que me acharam... Eles vão matá o home mau...» E contou, detalhadamente, a maneira por que Dick, o cão policial, fora dar com ele, metido em um buraco.

«MAMÃE, EU JÁ VOLTEI!»

Também a chegada de Eduardinho a sua casa, foi um espetáculo comovente. Todos queriam abraçá-lo e beijá-lo, enquanto na rua espoucavam foguetes, soltos pelos vizinhos e pelo povo que acompanhava a emoção da família.

Guardas e investigadores impediam a entrada de toda aquela gente, na residência de Eduardinho. Este, carregado em triunfo, acenava a mãosinha para os que lhe batiam palmas e, quando viu dona Irene, sua mãe, gritou: «Mamãe, eu já voltei!» como se tudo fôsse normal e ele tivesse ido ao cinema ou ao colégio... Rodeada de amigos e parentes, dona Irene Benevides esfregava as mãos, sob intenso nervosismo. Quando o filho entrou, ainda carregado, projetou-se sobre ele e sua emoção incontida traduziu-se em alegria, através de copioso pranto... Então o choro foi contagioso. Senhoras, ali presentes, não puderam reprimi-lo e o próprio Eduardinho, que até essa altura se portara como um herói fleugmático, não resistiu, perdeu a serenidade... e chorou também!

Os três dias de insônia e incerteza da pobre senhora, haviam se espelhado em seu rosto abatidíssimo. Dona Irene beijava o filho sôfrega-



MAMÃE, JÁ VOLTEI!



À frente da casa, o povo foi juntando e estrugiram rojões de alegria pelo encontro de Eduardinho. Depois ele apareceu à sacada e foi um delírio da massa humana, feliz com o encontro da criança. Em cima: Esta senhora foi quem orientou a busca policial, dizendo ter visto, na véspera, um garotinho acompanhado por um mulato mal encarado, na direção do bairro de Água Funda. E «Dick» incumbiu-se de fazer o resto.

mente, apalpava-o, comprimia suas faces contra as dela, e, voltando-se para um dos guardas, pediu notícias do laudo médico. Respirou aliviada ao saber que o garotinho nada sofrera, além de escoriações nas costas, nos braços e nos pés, provocadas pelas caminhadas mata a dentro, em companhia do «homem preto e feio», como chamou o sequestrador misterioso.

FALA O PEQUENO HERÓI

Depois de um excelente banho, vestido com roupa limpa, calçado e já com seu aspecto diferente, Eduardinho alimentou-se. Foi-lhe servido bife com batatas e arroz.

Apesar de ter apenas três anos de idade, Eduardinho é uma criança faladeira, que sabe explicar as coisas. Explicou que pedira ao homem misterioso, para levá-lo a dar uma volta de bicicleta. Daí vem o início do sequestro, foi prometendo atender ao seu pedido que o sequestrador levou Eduardinho consigo.

Perguntaram-lhe onde havia estado durante aqueles três dias, e o menino, com simplicidade, limitou-se a dizer: «No buiaco!» (no buraco). Depois contou que o «home preto e feio» fizera um grande «buiaco» para ele dormir, brincando de esconder... À noite, o «home» forrava o chão com jornais e cobria o menino com sacos de anagem. Afinal, o «home» não havia maltratado a criança, tornando ainda mais enigmática a razão que o fizera sequestrá-la...

— E o que comia você, Eduardinho?

— Banana, laranja e «micilica»...

(«Micilica» vem a ser mexerica — tangerina).

— Só isso?

— Não, ele também levou doces e sanduíches...

De lado, muita gente acompanhava o diálogo de Eduardinho, que já então concedia uma entrevista coletiva. Era um verdadeiro herói, rodeado de seus admiradores...

Os garotos invejavam Eduardinho, que mastigando o bife, sem pressa, olhava para eles e continuava:

— Aí então os soldados me acharam. Eles vão matá o home... Vão, sim. Tinha um cachorrão assim, deste tamanho... Ele veio comigo até aqui!

DICK. O GRANDE HERÓI

Na realidade, quem descobriu Eduardinho, foi um dos cães policiais, que agora prestam relevantes serviços às autoridades paulistanas. Dick foi conduzido aos terrenos em que encontrou o menino, depois de o terem feito cheirar um pequeno travesseiro, companheiro inseparável de Eduardinho.

Foi uma tia da criança que teve essa idéia providencial: de tanto andar com o travesseiro pela casa, Eduardinho por mais de uma vez levava umas palmadas... Razão porque, foi o travesseiro entregue ao policial que conduzia Dick. E depois de sentir o seu olfato, o cão policial, de súbito, pôs-se a correr, desabaladamente, pelos terrenos baldios, até estacar junto a um buraco. Mas o buraco estava coberto de folhagem, e Dick procurou então atrair a atenção dos guardas. Eles chegaram, descobriram o buraco e deram com a criança, no fundo do mesmo, imóvel, limitando-se a gritar:

— Me tira daqui, moço! Me tira!

Depois, já no colo de um dos policiais, Eduardinho viu o revólver que o mesmo portava à cintura e pediu-lhe que deflagrasse um tiro. Os guardas haviam combinado entre si disparar duas vezes se a criança fôsse encontrada, razão porque foi possível atender à solicitação da criança. Com os dois tiros deflagrados, Eduardinho ficou ainda mais alegre.

x x x

Já depois de encontrado Eduardinho e devolvido aos pais, dois casos semelhantes de desaparecimento de crianças estão sendo registrados pelos jornais. Uma criança de 6 anos, Antônio do Nascimento Batista Gonçalves, desapareceu de sua residência, no dia 22 de abril, e no dia imediato outro registro igual surgiu nas colunas da imprensa. Vivem apreensivos os pais de todas as crianças, em São Paulo, enquanto a polícia se vê a braços com esses dois novos sequestros, para cujo esclarecimento também foi requisitada a colaboração dos cães policiais.

Quanto a Eduardinho e Dick, são agora dois bons amigos. Nas comemorações do Dia da Polícia, o menino e o seu cão salvador voltaram a encontrar-se. Eduardinho foi levado pela família ao Estádio Distrital da Mooca, onde Dick fazia exposições. E nessa cerimônia, o garoto, hoje tão popular em toda a cidade, colocou na coleira do cachorro uma lembrança que é também o seu muito obrigado ao prestimoso auxiliar da polícia.



Aqui está o buraco em que o autor do rapto escondeu Eduardinho alimentando-o de frutas. O faro de «Dick» levou os policiais a esse lugar e lá estava o menino vivo e são, embora bastante assustado.



GRAND Monde

escreve Jeff Thomas

Grand Monde internacional

♦ Muita gente (colunistas inclusive) tem chamado o recente casamento de Grace Kelly com Rainier III, em Mônaco, de «o casamento do século». Acho que deve ser chamado de casamento «interplanetário», porque me parece impossível a enorme publicidade feita em torno desse acontecimento. Atualmente a já princesa Grace deve encontrar-se em lua de mel com seu príncipe num «yacht» pelas ilhas do Mediterrâneo. Um fato curioso que observei nesse casamento foi a ausência do meu amigo Oleg Cassini (último namorado sério de Grace Kelly antes de conhecer Rainier), que teria declinado do convite. Porém seu irmão Gigi Cassini, ou seja o famoso Cholly Knickerboker compareceu.

— Estou seguramente informado de que Conrad Hilton, famoso hotelero norte-americano e ex-marido de Zsa-Zsa Gabor, vai comprar o Hotel Esplanada de São Paulo.

— De Hollywood o conhecido casal Bob Mitchum recebeu pela primeira vez, na semana passada, no Romanoff.

— No Festival Internacional do Cinema, que está acontecendo em Cannes, o Brasil será representado pela película «A Estrada». Como delegado do Brasil já se encontra lá o sr. Jorge Guinle, oficialmente credenciado para participar desse super-acontecimento cinematográfico e mundano.

— Está completamente irreconhecível o «Oscar» concedido a Anna Magani como «a melhor atriz de 55». Em virtude do não comparecimento da laureada na noite da entrega dos «Oscars» aos premiados, Marisa Pavan foi quem recebeu a estatueta. Mas alguém ao levar a cobiçada estatueta ao gravador, deixou que esta lhe chegasse às mãos irreconhecível.

— A figurinista mais comentada no momento em todo o mundo é Helen Rose. Motivo: Helen foi escolhida por Grace Kelly para desenhar seu vestido de noiva. Como vocês sabem, Helen costura para Grace desde o tempo em que a hoje princesa de Mônaco era simples modelo em Nova York.

— De Paris. — O ex-ator-vilão José Lewgoy, que há meses atrás vendia sua roupa para poder se alimentar, entrou com a «bola na rede», depois que o Presidente J.K. assumiu o governo, com importante cargo no Escritório Comercial do Brasil em Paris.

Gossip



Ilde Garavaglia — Está na pista com um paulista.

Irene Dellingshausen continua recebendo cartas do sr. Carlos (Ozorinho) Ozorio, que atualmente se encontra na Meca do Cinema. Entre outras coisas o Ozorinho manda dizer que não está pensando ainda em ingressar na carreira cinematográfica. Enquanto isso a jovem baronesa (Irene) tem sido, com frequência, cortejada pelo já famoso «play-boy» Jorginho Doria. — O colunista Roberto (o louro) Vasconcelos vai realmente para os «States» ao encontro da bela jovem Sinia Câmara Cruz. Parece que o referido colunista está mesmo desejoso de enfrentar um segundo casamento. — A colunista grega deixou seu romance carioca e partiu para Monte Carlo, Cannes e adjacências. Voltará casada? — Já que os cronistas sociais agora estão andando «in love», quero noticiar para vocês o romance da colunista Cecília Dulce com um nosso conhecido colunista, cujo nome não revelarei. «Love» de colunistas. — Fernando Setembrino e Nôno Seve continuam saindo juntos com muita frequência. Parece que já estão pensando em marcar o casamento. — A elegante srta. Silvinha Vidal, que parece ter perdido alguns quilos, me confessou: «quando estou amando costumo perder quilos»... — A bela e elegante Marly Azeredo Lopes (a Elizabeth Taylor brasileira) acabou seu namoro que já estava ficando (um ano) demorado. — Ilde Garavaglia disse-me que está mesmo de «flirt» com um paulista. Determinado ca-



Os colunistas Jeff Thomas e Cecilia (de Santos) Dulce conversam com a senhora Fernanda Pires da Silva no «Baile do Limão».

Social Set

Promovida por este colunista e pelos senhores Bené Nunes e Agenor Ferreira Guimarães, aconteceu sábado passado na Hípica uma «bem» concorrida feijoada com a presença de jornalistas, intelectuais e muitas jovens beldades do «society» para «esqueimar» um jantar-dançante no próximo dia 8 de maio em benefício da Pro-Matre. A feijoada esteve movimentadíssima com discursos, «show» e bate-papos do fabuloso Bené Nunes. Entre os presentes: sr. e sra. Murilo Goulart de Barros, sr. e sra. Raul Cobra Filho, sra. Fernanda Pires da Silva, sr. e sra. Edmundo Janot, sra. Cibele Casciano Gomes, cronistas Jean Pouchard, Fernando Augusto, Diana, Yole Ciasca, srs. Luiz Henrique Lyra, Hercilio Luz, Celmar Padilha, Rubem Braga, Moacir Calheiros, Jackson Flores, Arnaldo Moreira, Bororó, e as srtas. Marly Azeredo Lopes, Baby Vignoli, Diva Dolabela, Regina Malta Campos, New e Lew Cobra, Irene Von Dellingshausen, Manuela de Abreu e Mônaca de Noronha. Na noite de reabertura da «boite» Beguin com Silvio Caldas na pista, pessoas do nosso «society» compareceram para prestigiar a grande iniciativa de Sacha e Machado no novo comando desse «night-club», com a apresentação de seus «show-businesses», como: sr. e sra. Adolfo Graça Couto, sr. e sra. Aluizio Muniz Freire, sr. e sra. Jacinto de Thormes, sr. Jackson Flores, sra. Cibele Casciano Gomes, sr. José Mauro, sr. Eduardo Tapajós, srta. Anita Mendez, sr.

Arnaldo Moreira, cronista Luiz Alípio de Barros. O outrora cronista social Chuck Woodward é agora o «public-relations» do Beguin. ★ Outro dia fui com a senhora Fernanda Pires da Silva almoçar no moderno restaurante do Club Comercial, onde fomos recebidos pelo seu pre-



Zaida Saldanha, Miss Elegante Bangu, da Hípica. «Bola na rede» menina.

sidente sr. Carlos Zenha e seu diretor social sr. Manuel Moraes Barros. Ainda esta semana o Club Comercial vai oferecer um «cocktail» à crônica social. ★ A sra. J. Fomm espera para breve a visita da cegonha. O Fomm anda eufórico. ★ O famoso «barman» Aristides preparou um delicioso «cock-tail». J. T. à colunista Cecilia Dulce quando ela esteve no Sacha's.

rioca parece andar enciumado. — Não compreendo porque Vera Lucia Lins, a bela miss-elegante Bangu da Hípica, não tem ainda namorado. — Fernando Augusto precisa mudar de romance. — Fui informado de que Beatriz Galhembeck e Maria Helena Prado foram as jovens beneficiadas pela carota no automóvel de Daniel Tolipan e Alexandre Camacho, de Bonsucesso até à cidade. Depois os quatro foram vistos no «Night-and-Day» assistindo ao «Banzo-Aiê». — Que determinada senhora desquitada tem sido vista com determinado rapaz, tem; mas que vão casar-se, não sei.

P. S. — No dia 11 do mês passado completei meu primeiro ano de crônica social. Comecei na Vanguarda, na qual escrevi durante três meses uma coluna diária. Depois passei para a Revista «RIO» onde continuo. Hoje faço meu «debut» aqui na «Revista da Semana» onde espero dar a seus leitores, através o meu trabalho, um completo noticiário social. «Bola-na-Réde».

Já está nas bancas o último número da Revista «RIO», que é dirigida pelo jornalista Henrique Pongetti, apresentando reportagens da «saison» que se inicia. E com a chegada do frio o meu «snob» paletó-escamado vai voltar a circular.

A SEMANA EM REVISTA



ELEAZAR
Nuance



VAN Jafa
Lista Negra



SILVIO
Bôca Rica

NACIONAIS

ELEAZAR DE CARVALHO ministrava, durante um de seus famosos «Concertos para a Juventude», uma de suas não menos famosas aulas de educação pública, e lá pelas tantas, resolveu ensinar a pronúncia de alguns nomes de compositores estrangeiros:

— É preciso dizer o nome dos compositores com pronúncia correta. Essa «Berceuse», por exemplo, é de Max Reger. M-a-x R-ê-g-e-r. Não é professor?

E assim dizendo, virou-se para um músico da orquestra, alemão de nascença, o qual saiu-se com essa:

— Não: M-a-x Rêê-g-e-r.

Aí, Eleazar sorriu amarelo e retrucou:

— Bem, isso é questão de nuance.

CONTA UM dos «Jotas», pelo «Correio da Manhã», que encontrou um seu amigo furioso com o crônista e poeta Van Jafa, o qual tanto lhe falara sobre o talento da atriz Ana Edler, que o homem resolveu ir vê-la representando, no Copacabana. Foi, e não gostou. E danou-se com o poeta, que entrou definitivamente para a sua lista-negra:

— Aonde eu o encontrar, eu mato-o!...

DICK, UM CÃO POLICIAL de longo focinho e dentes afiados, tornou-se o herói da semana, após ter salvo, em São Paulo, uma criancinha de 3 anos de morte certa, por inanição. A criança em questão tinha sido raptada havia vários dias, e cento e cinquenta policiais de São Paulo estavam em seu encalço.

Coube a um animal encontrar a criança, escondida em um grotão tapado com uma folha de zinco. Ao receber de volta a criança, sua mãe abraçou-a, e depois abraçou o cão, agradecendo-lhe, como se fosse a uma pessoa humana, o gesto que lhe devolveu a paz de espírito e a felicidade.

EDITH PIAF cantou a valer, no Rio. Boites e auditórios encheram-se de fãs. E a francesa (que já não é criança, e que nunca foi lá muito bonita (agradou em cheio a todos quanto a ouviram).

JANIO QUADROS saiu-se com mais um despacho:

piada, há pouco: o prefeito de Jaborandi, senhor Amadeu Pagliuso, solicitou-lhe verba para a construção de um muro em torno a um grupo escolar local, pois as vacas costumavam ir passear no recinto destinado aos alunos, com grande prejuízo das aulas. Resposta do governador: «Espante as vacas. Muro custa muito caro.»

SILVIO CALDAS está cantando, com imenso sucesso, novamente no Rio de Janeiro. O contrato que o prende a um de nossos principais organizadores de espetáculos é simplesmente fabuloso: um milhão de cruzeiros por quatro meses.

MANUEL BANDEIRA completou setenta anos de idade, entre manifestações de amizade de todos os intelectuais brasileiros, e tendo inclusive recebido provas de afeto de pessoas desconhecidas, anônimos leitores de seus livros. Ao se referir à data, exclamou: «Direta ou indiretamente, a Poesia deu-me tudo, na vida.»

O GENERAL Teixeira Lott manifestou-se de maneira fulminante sobre a Emenda Parlamentarista, dizendo que o Brasil de modo algum está ainda preparado para a adoção dessa medida, que considera contrária à nossa constituição. E não se fale mais no assunto.

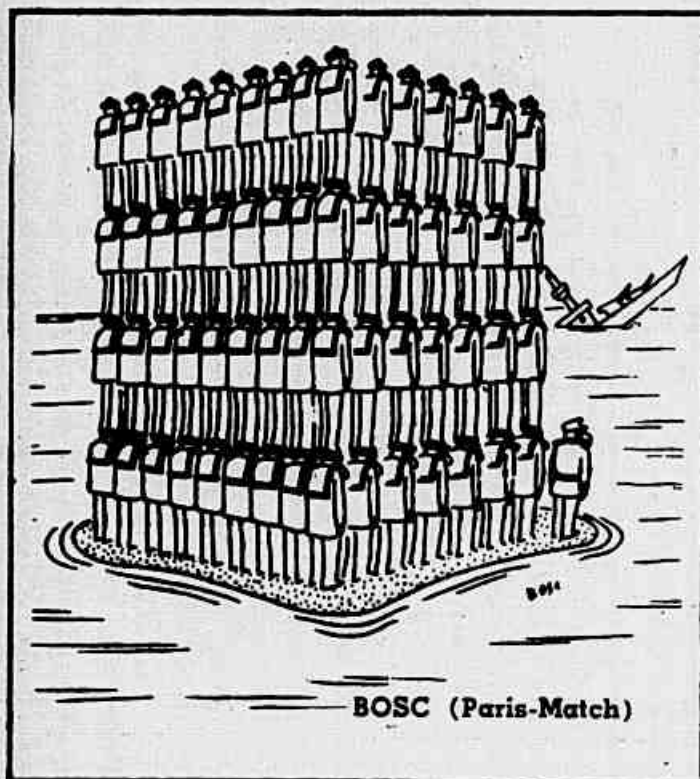


♦ «VOZ DE PORTUGAL» — 20 ANOS — Existe um jornal, no Brasil, dedicado aos assuntos portugueses, que não se impôs apenas ao público português, mas que soube conquistar também os leitores brasileiros. É a «Voz de Portugal», cuja circulação, ampla e prestigiada, se faz em todo o país irradiando ainda para Portugal e províncias ultramarinas. Muito tem ele feito pela aproximação luso-brasileira, servindo às duas nações com o mesmo desvelo e interesse. Festejando o vigésimo aniversário de seu aparecimento, foi celebrada missa em ação de graças, na igreja N.S. do Carmo, da qual damos esse flagrante. A Joaquim Campos, superintendente da «Voz de Portugal», Pizarro Louzeiro, seu redator-chefe, e a todos os elementos da sua equipe, os cumprimentos da «Revista da Semana».

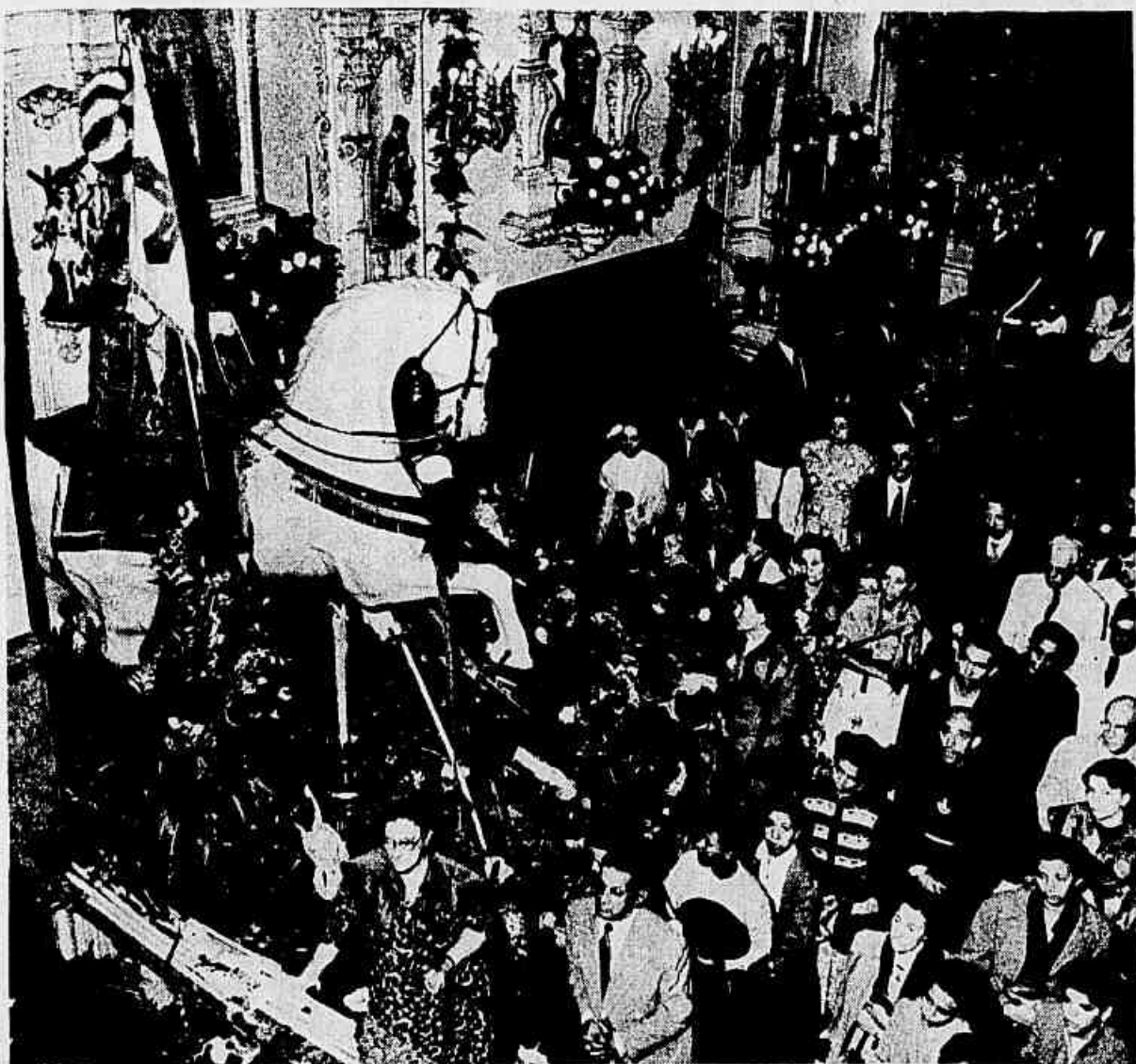
HINO AO PETRÓLEO

PARECE PIADA, mas uma sessão inteirinha da Câmara dos Deputados foi dedicada, há algumas semanas, à discussão do Hino do Petróleo. A Comissão de Educação e Cultura resolveu que o Hino seria composto, e improvisaram-se letra e música. Depois, foi a vez das discussões sobre ambas. A letra está boa? A música presta? Presta, não presta, está, não está. Menotti del Picchia, que antes de depu-

tado é poeta, foi encarregado, ao fim de muitas controvérsias, de reexaminar a letra do hino, corrigindo os erros que acaso tivessem. E tencionam, alguns deputados, levar a música até à Escola Nacional de Música, onde uma comissão de professores daria um parecer sobre ela, vendo se de fato vale, ou não, alguma coisa. Depois as criancinhas vão cantar o Hino do Petróleo nas salas de aula...



♦ NOVOS SACERDOTES — Vinte e um novos sacerdotes brasileiros acabam de ordenar-se. O fato aconteceu em Roma, no Pontifício Collegio Pio Brasiliano. A cerimônia foi celebrada na Basilica de São Paulo, pelo Cardeal Aloisi Masella, que foi, por muito tempo, Núncio Apostólico no Rio de Janeiro, e que recentemente esteve entre nós, como representante papal, por ocasião do Congresso Eucarístico Internacional. Os novos sacerdotes, após haverem celebrado a primeira missa, foram recebidos em audiência especial pelo Papa Pio XII. Eis uma foto do grupo, tomada na sacristia da grande Basilica de São Paulo, em Roma.



♦ **FESTA DE SÃO JORGE** — Como acontece todos os anos, o templo de São Jorge, à Praça da República, recebeu uma enchente humana, por ocasião da festa de seu padroeiro, dia 23 de abril. Extensas filas se organizaram, pelas imediações da igreja, provando, mais uma vez, que a popularidade de São Jorge é verdadeiramente impressionante. Desde as primeiras horas da manhã começou a romaria à imagem do Santo Guerreiro — e ainda por volta das dez da noite, continuava essa mesma romaria, em fluxo inalterável. Pelo Campo de Santana, defronte à igreja, muitas velas acesas davam ao local uma aparência bizarra. E os «trocadores» de imagens e de fitinhas tiveram um dia cheio, não tendo mãos a medir para atender aos milhares e milhares de devotos.

A SEMANINHA

— Afastado, temporariamente, o perigo de guerra no Levante...

Por consequência LEVANTAMOS as mãos para Deus!

— Acôrdio para evitar o transporte ilegal de automóveis para o Brasil...

Sim, como dormiam demasiado, resolveram agora "acordar"!

— Grande quantidade de guardanapos de papel sumiram, levados não se sabe para onde pelo caminhão 6-72-32, cujo motorista a polícia está procurando. (dos jornais).

As autoridades competentes, aqui deixamos uma pista:

Ele foi não sei para onde, Mandado não sei por quem;

Os guardanapos esconde Mas vai levá-los a alguém!

Santos Alves



♦ **ESTUDANTES DE MEDICINA** da Universidade do Distrito Federal efetuaram, diante da Câmara dos Deputados, uma passeata de protesto contra as várias irregularidades que estão acontecendo na sua Faculdade. A Faculdade de Ciências Médicas sempre se deparou com crises, o mais das vezes provocadas pelo seu próprio diretor. Agora, porém, que faz parte, e com destaque, da U.D.F., quando se pensava que tais problemas iriam de todo cessar, eis que eles recrudescem de intensidade e obrigam os futuros médicos a desfilarem pelas ruas da cidade com cartazes mais ou menos bem humorados sobre as suas próprias preocupações. E' de se esperar que tudo se resolva o quanto antes.



CHEVALIER
Espantou-se



COCTEAU
Riu-se



PAMPANINI
Declarou-se

INTERNACIONAIS

MAURICE CHEVALIER foi há pouco homenageado em Hollywood. Notando que os homenageantes eram as mesmas pessoas que conhecera havia mais de vinte anos, ao chegar à América, saiu-se com essa:

— Esse clima de Hollywood deve ser mesmo bom. Será que aqui ninguém envelhece?

JEAN COCTEAU escreveu, especialmente para o casamento de Grace Kelly com o Príncipe de Mônaco, uns textos declamatórios. O príncipe, porém, não os quis aceitar de modo algum, até hoje não se sabe bem por que. O poeta, sorrindo da atitude de Rainer, afirma que é a primeira vez que lhe recusam um presente na vida.

FRASE BOA foi a de Silvana Pampanini, em Roma, de volta de Nova Iorque: «Um italiano tem mais paixão do que um regimento americano».

JÁ A SUECA Anita Ekberg, que ficou noiva («quem é o infeliz?», perguntou seu pai, ao saber da nova), classificou os latinos, em geral, de gente sem sangue, incapaz de trabalho, sub-raça subalimentada e subdesenvolvida.

LADY ASTOR, notando que os fotógrafos assestavam suas câmaras para o seu rosto meio encarquilhado, saiu-se com essa: «Tenham cuidado: da última vez vocês me fizeram sair parecida com o cavalo de George Washington.» Modéstia, minha senhora, modéstia.

UM NORTE-AMERICANO acaba de completar cem anos, e deitou falação pelo jornal, explicando as razões de sua longevidade: «Fiquei solteiro durante todo esse tempo, meus amigos. Casem-se vocês, porque ainda pretendo ir a muitos enterros de amigos...»

PRESTÍGIO É o de Rossana Podestá, que há pouco tempo, quando filmava uma cena em Hillywood, machucou-se numa das pernas. Imediatamente, doze médicos se ofereceram para tratar da perninha da menina. São uns anjinhos.

MARGARET TRUMAN casou-se, mas não de branco. Explicamos logo, seus maldosos: a velhinha explicou que o branco a torna muito feia. Só o branco, cá pra nós?...

DEPOIS DE longa temporada no Rio de Janeiro, já partiu para a Europa a bailarina Alícia Markova, ou Marks. Essa bailarina excepcional conta já 49 anos de idade, mas ainda conserva praticamente os mesmos atributos que a tornaram famosa no mundo inteiro.

HUMPHREY BOGART foi operado em Los Angeles de um tumor no esôfago, mas vai passando bem, segundo declarou seu médico assistente.

ROBERT MENZIES, Primeiro Ministro da Austrália, saiu-se com essa gracinha de frase, para alguns deputados: «Prefiro-os imbecis, a desonestos».

INGRID BERGMANN, René Clement e Raymond Pellegrin acabam de ser «agraciados» com o Prêmio «Limão», da Imprensa Francesa, destinado a ser conferido aos atores e diretores que se salientaram pela falta de sociabilidade e de educação em suas relações com fotógrafos e repórteres. O Prêmio «Laranja», que significa justamente o contrário, foi dado a Françoise Arnoul, Jacques Becker e Georges Guetary.



EKBERG
Irritou-se



MARKOVA
Embarcou-se



ARNOUL
Alaranjou-se

Filhos sadios

As crianças sadias acham prazer nas menores cousas. Elas próprias inventam e confeccionam, com alegria, muitos dos seus brinquedos, porque a sua boa disposição física lhes permite ser activas, esportivas e bem-humoradas.



É, de facto, uma verdade incontestável que a inteligência, o espírito inventivo se desenvolvem mais livre e harmoniosamente num sadio organismo infantil.

Os médicos estão sempre ensinando e lembrando que a fraqueza, uma alimentação mal orientada, o funcionamento deficiente dos órgãos, as doenças, enfim, são causas frequentes de atraso no desenvolvimento físico e mental das crianças. Todas as pessoas esclarecidas sabem o quanto pode a infância influir — favorável ou desfavoravelmente — na vida adulta de cada ser humano. Uma meninice com saúde é património precioso, é indiscutível factor de êxito. Os pais devem, portanto, empregar os maiores esforços para que seus filhos possam contar, no futuro, com essa apreciável reserva de energia.

Sentir-se-á, decerto, muito mais feliz a criança inteligentemente cuidada, o petiz robusto que imagina jogos divertidos e constrói, com poucos meios, pequenos mecanismos engenhosos, do que o garoto doentio, vítima da inexperience dos pais, o qual, mesmo rodeado de bonitos brinquedos, será, na maioria dos casos, desanimado e irritável.

Grande inimiga da saúde é a prisão de ventre, essa intoxicante atonia muscular dos intestinos tão comum nas crianças e nos adultos, e da qual resultam perturbações gástricas, abatimento, falta de apetite, mau hálito, nervosismo, erupções na pele e outros distúrbios mais sérios.

Ventre-Livre é o remédio de confiança para tratar a prisão de ventre e os desarranjos gastro-intestinais. De acção suave e sabor agradável, Ventre-Livre é largamente usado pelas mães experientes e preferido pelas crianças, tanto no Brasil como nos demais países onde penetrou.

Não esquecer nunca:
Ventre-Livre não é purgante

COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 60,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

EM PORTUGAL: A venda na Livraria Clássica Editora Praça dos Restauradores nº 17 — Lisboa



EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)
SÃO PAULO — End. Electr. «PRINCIPEHOTEL»



PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

- 1—O que é «Bashi-Bozuk»:
 - cargo militar, na antiga Turquia?
 - árvore da Indonésia?
 - alfabeto utilizado no Japão?
- 2—Hokusai celebrou-se como:
 - pintor?
 - músico?
 - militar?
- 3—Ricardo Odnopossóf é:
 - violinista?
 - pianista?
 - cantor?
- 4—Como se diz «relógio», em alemão:
 - Ohr?
 - Uhr?
 - Ihr?
- 5—Escreveu «Paris e Helena»:
 - Gluck?
 - Piccini?
 - Auber?
- 6—Qual desses escritores morreu com mais idade:
 - Fontenelle?
 - Bernard Shaw?
 - Thomas Mann?
- 7—A Torre do Tombo fica:
 - em Lisboa?
 - em Leiria?
 - em Alcobaça?
- 8—Com que idade morreu Eça de Queiroz:
 - 65?
 - 45?
 - 55?
- 9—O que é «Narguilé»:
 - serpente indiana?
 - cachimbo turco?
 - sapatilha dos pele-vermelha?
- 10—O nome «Vanderlei» é de origem:
 - alemã?
 - holandesa?
 - inglesa?
- 11—«Uma Tragédia do Amazonas» marcou a estréia literária de:
 - Raul de Leoni?
 - Raul Machado?
 - Raul Pompéia?
- 12—Dizem que, antes de ser pintor, foi soldado:
 - Memling?
 - Matsys?
 - Gerard David?
- 13—A Deusa Heket, simbolizava, no velho Egito:
 - a fertilidade?
 - a ressurreição?
 - a vida?
- 14—Quem foi o fundador do Império Turco:
 - Osman I?
 - Abdul Hamid?
 - Attaturk?
- 15—A maior das pirâmides fica em:
 - Alexandria?
 - Gizeh?
 - Kufarah?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — Cargo militar, na antiga Turquia; 2 — Pintor; 3 — Violinista; 4 — Uhr; 5 — Gluck; 6 — Fontenelle; 7 — Lisboa; 8 — 55; 9 — Cachimbo turco; 10 — Holandesa; 11 — Raul Pompéia; 12 — Memling; 13 — Fertilidade; 14 — Osman I; 15 — Gizeh.

**A FIGURA
EM FOCO**



S. P. A.

Na hora do peditório
Tenho que ser bem matreiro:
Para o Bias sou paulista
Para o Jânio sou mineiro...

U

MA vez Lenka falou-lhe disto, e o avô respondeu-lhe tristemente, alguma coisa contrariado: — És um doido, cala-te. Não podes compreender os cuidados que tomo por ti. Tu não podes adivinhar o que procuro. Talvez fareje a tua felicidade, talvez trate de subtrair-te à vida áspera e rude das gentes do campo. Cala-te, pois!

— Ides pedir? disse-lhes o cossaco, olhando fixamente os seus rostos abatidos.

— Sim, meu benfeitor! — respondeu-lhe suspirando o avô Arkhip.

— Levanta-te, avô, eu te ensinarei a minha casa. Podes dormir lá.

O avô levantou-se, mas faltaram-lhes as forças, e caiu, dando uma pancada nas costas com um dos paus da carroça, pancada que lhe arrancou um grito de dor.

— Não, não te levantes, velho — disse-lhe o cossaco com piedade. Quando tenhas necessidade de pousada, pergunta por Tcherni, por André Tcherni, que sou eu... e agora, apeiai-vos e até à vista.

a esmola, o avô rompia em soluços, Lenka perdia a coragem por completo.

Ainda ouviu outra vez a voz do avô com as suas notas trêmulas e carpideiras que se perdiam no ar pesado e sonolento da vida.

Tudo permanecia em paz como em meio da noite.

Lenka aproximou-se da porta da cerca e sentou-se à sombra que projetavam os ramos das cerejeiras, estendidas algumas delas sobre o caminho, sem escutar mais ruído que o zumbir de alguma abelha.

Tirou o bernal das costas, apoiou a cabeça nele, e depois de ter observado durante algum tempo o céu através da folhagem que se agitava em tórno, adormeceu profundamente, oculto dos olhares dos que passassem pelas altas e espessas ervas.

Ecos singulares que ressoaram no ar, já pela proximidade da noite, despertaram-no. Alguém chorava perto dali e aquele pranto, doloroso e contínuo, era de uma criança. Tão depressa se extinguia como tomavam corpo os soluços. Aproximando-se cada vez mais, Lenka levantou a cabeça e olhou o caminho por entre a folhagem.



O AVÔ ARKHIP E LENKA

Conto de MÁXIMO GORKI

(Continuação do número anterior)

Desenho de RAMÓN

O avô e o neto encontraram-se de frente, com um grupo de álamos, através de cujas hastes se viam tabiques de madeira. À direita e à esquerda viam-se avenidas de álamos cujas verdes folhas estavam cobertas de pó negro, e cujos troncos tinham as côdeas gretadas pelo efeito do calor.

Na frente dos mendigos, e entre duas oliveiras, abria-se uma rua estreita, pela qual desapareceu o cossaco que os tinha transportado até ali. Dirigiram-se para a rua mencionada, com o passo cansado, próprio de quem tem feito muitas jornadas a pé, durante a sua vida.

— E agora, Lenka, como te parece que devemos ir? Juntos ou separados? — perguntou o velho Arkhip, que acrescentou sem esperar resposta: — Creio que seria melhor irmos juntos. A ti, dão-te pouco. Não sabes mendigar.

— E que faremos do que nos sobeje, se nos derem muito? Não poderemos comer tudo, — arguiu Lenka, pondo-se sério e olhando em volta.

— Que faremos, traquinas? É possível que alguém compre a comida que nos sobre. Darnos-ão dinheiro por ela, e o dinheiro é uma grande coisa. Com dinheiro não passarás grandes apuros, quando morrer. E sorrindo, docemente, o avô acariciou com a mão a cabeça de seu neto.

— Sabes quanto juntei, durante a nossa última viagem por água?

Quanto? — perguntou Lenka com indiferença.

— Onze rublos e meio. Não te parece bonita soma?

Nem aquela cifra, porém, nem o tom jovial de seu avô causaram impressão alguma em Lenka.

— Rapazinho, — suspirou Arkhip, — iremos, pois cada um para seu lado?

— Sim!

— É claro que nos encontraremos na igreja.

— Está bem!

O avô tomou pela rua abaixo e Lenka seguiu para cima.

Não tinha andado ainda dez passos, quando ouviu uma voz lamuriante que salmodiava: Meu benfeitor, pelo amor de Deus... Aquela ladainha produzia nele o mesmo efeito que o que produz passar a palma da mão pelas cordas de uma harpa desafinada, quando se começa pela corda grossa até chegar a mais fina.

Lenka estremeceu e apressou o passo.

Sempre que ouvia as súplicas de seu avô, sentia em si alguma coisa desagradável e punha-se triste. E ainda quando, ao negarem-lhe

Viu uma criança, pouco mais ou menos de sete anos, linda, belamente vestida, de rosto meigo e orvalhado de lágrimas, que enxugava de vez em quando com a ponta do seu vestido branco, de indiana. Ia muito devagar, arrastando os pés, levantando espesso pó, e não sabendo evidentemente para onde se dirigia nem porque caminhava daquele modo. Tinha olhos grandes, negros e úmidos, com uma expressão de tristeza e de desgosto. Orelhas pequenas, finas e rosadas que apareciam gentilmente por entre os seus cabelos castanhos, cujas madeixas caíam em desordem sobre o rostinho e as costas.

Apesar do seu pranto, Lenka achou-a cômica — cômica e divertida!... Sem dúvida devia ser muito teimosa!...

— Por que choras? — perguntou-lhe, levantando-se ao vê-la já perto.

A pequena estremeceu e deteve-se, parando repentinamente de chorar, soluçando, porém em voz baixa. Depois, quando olhou Lenka uns instantes, os seus lábios tremeram de novo, o seu rosto contraiu-se cômicamente, o seu peito tornou a agitar-se, e chorando, continuou o caminho.

Lenka sentiu uma estranha opressão e decidiu-se instintivamente a segui-la.

— Não chores: és já crescida e isso é uma vergonha — disse-lhe antes de alcançá-la.

— Vamos a saber: — Por que choras tu?

— Eu... Olha. Se tivesse um desgosto como o meu, não farias outra coisa...

E deixando-se cair no chão cobriu o rosto com as mãos e rompeu a chorar amargamente.

— Bah! — disse-lhe Lenka com desdém. Não és mais que uma mulher, nada mais que uma mulher.

Mas aquelas palavras não resolviam o problema.

Lenka via correr as lágrimas por entre os rosados dedos da menina, punha-se triste e sentia já desejos de chorar também. Inclinou-se para ela e afagou-lhe timidamente os seus cabelos, mas, assustado do seu atrevimento, tirou a mão no mesmo instante.

A pequena continuava chorando sem dizer uma palavra.

— Escuta! disse-lhe Lenka, impelido pela imperiosa necessidade de ir em seu auxílio. — Por que choras? Fala-me. Bateram-te?... Se assim é, isso passa. Sucedeu-te outra coisa? Dize-me; rogo-te... verás como sossegas. Perdes-te alguma coisa, talvez? Responde-me e procuraremos juntos...

— Perdi um lenço... perdi-o! Tinha-mo tra-

zido meu pai da feira... era azul com ramos de flores. Estreei-o hoje e perdi-o!

E chorou de novo com mais força, lançando de vez em quando, e com voz entrecortada pelos soluços, singulares exclamações.

Lenka conheceu a sua impotência para prestar socorro àquela aflita criatura, e afastando-se alguma coisa dela, timidamente fitou pensativo e triste, a escura côr do céu. Não se encontrava bem. Sentia compaixão pela pobre menina.

— Não chores, — disse-lhe, — é possível que ainda se encontre. E ao observar que ela não escutava as suas palavras consoladoras, afastou-se um pouco mais e pensou que, quando a pequena voltasse a sua casa, a castigariam sem dúvida, por ter perdido o lenço, e à sua imaginação ofereceu-se o quadro seguinte: — o pai, um cossaco alto e negro, dando-lhe açoites, e ela, banhada em lágrimas, retorcendo-se o seus pés, cheia de dor e de medo.

Afastou-se, julgando-se um desgraçado, um ser débil e impotente para prestar auxílio àquela criatura. Mas pouco a pouco voltou ao seu encontro. Colocou-se em frente dela, e tratou de encontrar palavras ternas e carinhosas para lhas dizer. Mas não encontrou nenhuma no repertório da sua imaginação. Por fim, falou-lhe:

— Olha, deixa de chorar, rogo-te. Torna para tua casa e conta as coisas como se passaram. Diz sinceramente que o perdeste. Ou já sentes a dor das pancadas que te podem dar?

Tinha começado a falar com voz doce e compassada e concluiu com ironia. Alegrou-se ao ver que ela se levantava.

— Isso — exclamou com ar alegre e satisfeito; — torna para tua casa. Queres que te acompanhe e que diga a teus pais o sucedido? Saberei defender-te, não tenhas medo. E Lenka apurou-se com arrogância, olhando tudo com ar vitorioso...

— Não quero, — murmurou ela, sacudindo lentamente o pó do seu vestido e sem deixar de chorar.

— Se quiseses ir, disse Lenka, com voz forte e carregando o boné sobre as orelhas. Achava-se em pé diante dela, com as pernas abertas e fazendo flutuar sobre o corpo os seus farrapos. Deu com o pau uma pancada no chão e olhou a pequena demoradamente, expressando com os seus olhos, grandes e tristes, todo o seu valor, toda a sua resolução.

A pequena fitou-o com desconfiança, enxugou bem as lágrimas, e disse-lhe suspirando de novo:

— Não é necessário. Não venhas. Minha mãe não é amiga dos mendigos. — E afastou-se, voltando a cabeça duas vezes para vê-lo.

Lenka começou a desanimar. Insensivelmente, mudou o seu ímpeto, tornando a dobrar-se com ar batido, e pondo às costas o bernal que até aquele momento tinha tido na mão, gritou à criança que ia já a dobrar a esquina da rua: — Adeus!

Ela voltou a cabeça pela última vez e desapareceu...

Tudo se fez mais triste e sombrio à roda de Lenka. Aproximava-se a noite e reinava na atmosfera esse calor sufocante que é presságio de tempestade. O sol tinha descido muito sobre o horizonte, e os seus oblíquos raios tingiam ligeiramente de roxo os ramos dos álamos. As sombras da noite envolviam os ramos baixos, e as árvores, já grandes pela sua imobilidade, pareciam maiores ainda e mais compactas. Lenka julgou que aquelas árvores tinham um pensamento e que estavam ali à espreita de alguma coisa terrível... O sol, que ainda se achava sobre elas, apareceu mais sombrio no horizonte tenebroso. Dir-se-ia que o astro descia cada vez mais para a terra.

Ouvia-se falar, mas muito longe, e também mais longe ainda noutra direção, ouvia-se cantar. Aquelas notas doces e trêmulas parecia acharem-se impregnadas de calor sufocante, como o ambiente. Lenka pôs-se triste e começou a ter medo de tudo. Quis ir em procura de seu avô e avançou depressa pela rua. Não tinha desejos de pedir esmola. Continuou andando e notou que o coração lhe palpitava com violência. O andar e o pensar fatigavam-no. A criança tornou incessantemente à sua imaginação. Que se teria passado? Estaria já em casa? Era rica? Se pertencia a uma família opulenta, com certeza que a castigariam, porque todos os ricos são avaros. Mas se era de pais pobres, talvez não a castigassem... Nas casas dos pobres quer-se mais aos filhos, porque neles é que se deparam as esperanças para o futuro...

Estes pensamentos que surgiam na sua mente, uns sobre os outros, aumentavam a tristeza amarga e opressora que com frequência o atormentavam como uma espécie de sombra.

Acentuava-se o crepúsculo. O ar era cada vez mais sufocante. Lenka encontrou alguns cossacos com as suas mulheres e suas filhas, que passaram sem olhar para ele. Deslisou um olhar vago para aquelas criaturas satisfeitas e dirigiu-se rapidamente para a igreja, cuja cúpula brilhava por detrás dos verdes ramos das árvores. Escutou o rumor que faziam os rebanhos que entravam, e chegou por fim à igreja, pequena e larga, com cinco cúpulas azuis, rodeada de álamos, cujos troncos se elevavam por cima das cruzes, banhadas pelos raios do sol poente, cruzes que brilhavam através das verdes folhas como centelhas de ouro.

Estava ali o avô, caminhando para o átrio curvado sob o peso do seu bernal e olhando à sua roda, com a mão colocada sobre os olhos em forma de pala.

Atrás dele via-se um cossaco, de andar pe-

sado, com o gorro caído para a frente e empunhando um bastão.

— Trazes o bernal vazio, não é verdade? — disse o avô aproximando-se de Lenka, que o esperava junto à grade do templo. — Olha o que eu trago. O avô exalou um gemido, e descarregando dos ombros, arrojou ao chão o bernal, repleto de provisões.

— Aqui dão muito, são bastante generosos. Mas por que vens tu com esse ar tão compungido?

— Dói-me a cabeça, — respondeu Lenka a meia voz, estendendo-se no chão ao lado de seu avô que, encostado a um monte de tijolos, acariciava com a mão, numa expressão de avidez e alegria, a sua abundante colheita.

— Estás cansado? depressa iremos dormir. Como se chama aquele cossaco que nos conduziu até aqui?

— André Tcherni.

— Isso mesmo, Tcherni. Pois bem. Perguntaremos por ele, e pela casa de André Tcherni... Mas espera, para cá vem um homem... Sim... há aqui boa gente e muito bem colocada. Todos comem pão de trigo.

— Bons dias, bom homem.

O cossaco aproximou-se e respondeu pausadamente, ao cumprimento do avô.

— Tenham bons dias.

(Cont. na página 58)



O sol do verão banhava-se com coqueteria no lago Lemán. De Montreux se podia ver o sope coberto de neve de Mont-blanc. Lausanne, a cidade deliciosa onde se reunia toda a juventude estudiosa da época, parecia adormecida. Suas ruas estavam como que desertas, despovoadas de seus turbulentos estudantes. Suas vielas e avenidas em ladeira tinham ficado momentaneamente tristes. E o ar fresco das montanhas parecia envolver, carinhosamente, toda a cidade. Caux, do alto de seus 3 mil metros, velava por ela, como um guarda gigantesco. Nos escritórios os empregados, os rostos molhados de suor, examinavam as contas e os afazeres administrativos. Os rústicos camponeses ajuntavam o feno, sem cantar, sob um sol estafante, enquanto os proprietários de lojas arrumavam com elegância as vitrinas de suas casas, buscando atrair as belas estrangeiras que, todos os anos, por aquela época, visitavam a cidade. Tudo era paz e tranqüilidade naquelas paragens, para onde uma torrente de turistas se dirigia, ávidos todos eles de gozar as belezas do país.

Não se via ali somente estrangeiras ricas, com carteiras bem recheadas, mas também inúmeros espécimens daquela raça de judeus errantes, eternamente em busca de aventuras, sejam de que espécie forem, naquela Suíça acolhedora, terra da liberdade.

Naquele ano de 1898, a Suíça dava asilo, em realidade, a todas as vítimas do despotismo, sendo quase que a única nação do mundo a respeitar de fato os direitos do homem, tal como os havia fixado seu cidadão mais ilustre, Jean Jacques Rousseau.

Via-se, nas cidadezinhas suíças, revolucionários russos cujos olhos sonhadores pressentiam a visão de um mundo novo, enquanto eles tomavam taça sobre taça de chá, discutindo e esquecendo, por momentos, sua miséria crônica, tão contrastante com a riqueza inesgotável de suas mentalidades. Isolados, em seus planos de tristes exilados, sonhando utopias longínquas, dão um estranho tom àquelas plagas felizes. Uma atmosfera quase mística se exala de suas reuniões, e se exterioriza em seus discursos, por onde parece passar o sopro das estepes russas.

Lado a lado, lá estão os italianos. Seus olhos negros, profundos, seus gestos apaixonados, incrivelmente individualistas, embora aceitando a chefia espiritual do russo Bakounine, guardam apesar de tudo sua independência individual. São anarquistas e, por métodos próprios, desejam também salvar a humanidade. Bombas, revólveres, facas, tudo é-lhes um método útil. Iluminados, os loucos? Quem pode dizer com certeza? Expulsos da pátria, dispersaram-se pelo mundo a fora, e estão todos dispostos a sacrificarem, pelos ideais, a própria vida, se necessário.

Épocas maravilhosas e doente! A polícia suíça sente que nas ruas, nas aldeias, em qualquer parte onde esses estrangeiros se reúnem em silêncio, o espírito de revolta fermenta e ameaça eclodir. Numerosos atentados estão em preparação. Mas ela não toma providências, só intervindo após a ação. De há muito sabe que certo Lucheni, cidadão italiano, maçom e vagabundo, à 31 de março deixou a Itália, após ter passado alguns anos como criado de certo conde. É um homem honesto e corajoso, porém algo estranho. Fêz seu serviço militar na Abissí-

A IMPERATRIZ REVOLTADA

Por ROBERT VERNON

Ilustração de RAMÓN

Exclusividade no Brasil para a REVISTA DA SEMANA — (Copyright Keystone).

nia, e serviu na guerra contra os etíopes, onde sua bravura imensa lhe valeu uma promoção a oficial. Terminada a guerra, Lucheni voltou à Itália, mas, não encontrando ali trabalho, passou vagabundando uma longa temporada.

Em seu desespero, enviava Lucheni longas cartas ao seu ex-comandante, que terminou por empregá-lo como criado de sua esposa. Competente e zeloso, o antigo combatente se soubera conquistar a amizade do patrão. Porém, por meios misteriosos, entrara ele em contacto com certos agitadores conhecidos, passou a ler livros tendenciosos, jornais subversivos. Um dia, sem qualquer motivo, ele abandona bruscamente o antigo comandante. Toda aquela literatura mal assimilada conturba seu espírito pouco equilibrado. Deseja agora mudar a face da terra, procurando concretizar, não importa a que preço, suas concepções ingênuas e infantis. Como, porém? Cavar trincheiras, unir todos os que pensam como ele, sustentar uma luta sem quartel, no plano intelectual, contra a ordem já estabelecida? Lucheni crê que tais caminhos são por demais lentos para a grande impaciência que o devora. É preciso agir! Ele não está filiado a qualquer grupo, nem possui amigos que o possam aconselhar com calma. Toda e qualquer formação social é-lhe estranha, e o jovem então pacato, subitamente torna-se prêsa de uma grande agitação, querendo de qualquer maneira executar seus projetos estranhos e criminosos, os quais, ao mesmo tempo em que castigam o mundo de sua maldade, ensinar-lhe-ão a respeitar o nome de Lucheni, fazendo tremer as testas coroadas da Europa e do mundo.

CERTA MANHÃ DE SOL...

Sem tardar, apresentou-se a ocasião. A «Tribune de Genève» publicara que Elizabeth, Imperatriz da Áustria, acabara de chegar à cidade. Todos os jornais do dia seguinte dão, com detalhes, a chegada da Imperatriz, mostrando fotografias do famoso personagem já no Hotel Beau Rivage, sublinhando a encantadora simplicidade de Elizabeth, que ao contrário dos demais soberanos, passeia quase sempre sôzinha, e fala familiarmente às pessoas que encontra na rua.

Dizem ainda os jornalistas que, há poucos dias atrás, quando viajando de Caux para Terriet, Elizabeth entablara conversação com as crianças que encontrara no caminho, às quais dera valiosos presentes, comprados, como simples burguesa rica, numa loja da cidade. Dizem

que a Imperatriz é convidada da família Rothschild, para cujo solar encaminhar-se-á, no dia seguinte ao meio-dia, de barco.

Acha Lucheni que seu momento é chegado. Desde as nove horas da manhã, ele está postado em frente ao hotel. Como uma fera, espera sua vítima. Os sinos de São Pedro tocam onze horas. O calor incrível parece esmagar a cidade sob seu peso. No silêncio, ouve-se os saltos de dois sapatos de mulher que batem no chão. Uma alta silhueta desaparece no hall do hotel. É Elizabeth, com a condessa Sztaray e seu médico, e estão já inquietos.

— O barco está a partir, devemos apressar-nos.

— Sei que estou atrasada (diz Elizabeth), mas tenho algumas compras a fazer. Vi algumas bonecas maravilhosas, e não posso resistir à tentação de comprar duas ou três para presentear a filha de Valéria.

As bagagens são levadas pelos empregados, todos os serventes do hotel fazem mesuras diante da Imperatriz, e as duas mulheres, em passo rápido, se dirigem para o ancoradouro.

— O Imperador só sabe escrever dizendo que os canteiros do Prater e de Schoenbrunn estão floridos, diz Elizabeth irônicamente.

Ela e a sua dama de companhia apressam o passo, pois o sino do barco acaba de tocar, anunciando a partida.

— Chegaremos a tempo, olhe só quanta gente ainda se dirigindo para o cais.

Lucheni abandona seu posto. Segue as duas mulheres, dirigindo-se também para o cais, como se fôsse um viajante atrasado. Vai um pouco atrás delas. O cais está deserto, e o barco, longe ainda.

— Vejam só, ainda chegamos a tempo de ver o barco atracar.

Sem ser percebido, Lucheni está agora a poucos passos das 2 mulheres. Súbito, apertando por sua vez o passo, ele ultrapassa as caminhantes, vira-se nervosamente, e, após ter levado ao bolso a mão direita, avança resolutamente para elas. Com um saíão, afasta para um lado a condessa Sztaray, que tomba ao solo, estupefata. Ao mesmo tempo, abate seu punho cerrado, com violência imensa, sobre o coração de Elizabeth, a qual vacila e cai. Depois, Lucheni afasta-se, correndo. Quando a condessa tem tempo de socorrer Elizabeth, lhe pergunta, assustada, se está bem. Não reparou na lâmina que o assassino trazia escondida na palma da mão.

Lentamente, Elizabeth abre os olhos:

— Esse homem lhe fez algum mal, majestade?

A condessa ainda pensa tratar-se apenas de um gesto de bêbedo.

— Não, estou bem. Vamos agora para o barco, pois ele já atracou.

Elizabeth ainda tem forças para correr, rápida sempre, a despeito de seus 61 anos. Todavia, já no passadiço, é tomada por ligeira tonteira, que a faz vacilar, como se o ar lhe estivesse faltando.

— Dá-me teu braço, condessa. O meu peito está doendo um pouco.

Ao mesmo tempo, a condessa sente que o corpo que ela agora ajuda a sustentar se abandona ao léu. As pernas da Imperatriz vacilam. Seu olhar está perturbado, e se torna fixo, enquanto um pesado diadema de brilhantes tomba de sua cabeça.

(Continua no próximo número)

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

◆ Parece que o destino escolheu para sua principal vítima a pessoa de Elizabeth de Áustria, a jovem nobre bávara que aos quinze anos desposou o também jovem Imperador Francisco José, da Áustria. Toda uma série de infortúnios a persegue. Seus parentes sofrem morte violenta, os filhos falecem com pouca idade, seus sonhos esboroam-se apenas esboçados. O choque entre a sensibilidade e o frio materialismo do esposo tornam cética Elizabeth desde bem cedo. E, à medida em que vai envelhecendo, Elizabeth torna-se mais e mais decepcionada dos homens e das coisas. Uma paixão — Heinrich Heine, o poeta — e a obsessão da Grécia, que a leva a visitar, amidiadas vezes, o pequeno país cuja história maravilhosa ainda hoje nos encanta, atenuam em parte seus sofrimentos. Um, porém, é demasiado forte: o suicídio do jovem Arquiduque Rodolfo, herdeiro do trono, apaixonado por uma jovem. Desde então, Elizabeth entrega-se a um misticismo exótico, de que de quando em quando desperta, em violentas crises de desespero.



JUNDIAI

36 VIAGENS POR DIA

AGÊNCIAS:

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885
Fone 34-1395

R. Senador Queirós, 65
Fones 34-2399 e 36-6402

Parque D. Pedro II, 1.092
Fones 32-8733 e 34-5393

JUNDIAI

Rua do Rosário, 277 - Fone 1111

das 6,30
até 21,30 hrs.
de hora em hora



VÁ PELO MELHOR!



EXPRESSO BRASILEIRO

VIACÃO Ltda.

AZASO - EB-4

SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 5 E 11 DE MAIO DE 1956
(HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

- ★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — A semana, no seu caso, será muito boa para o início de negócio ou de viagem. Os influxos reinantes favorecem as iniciativas e dão estímulo para acometimentos ousados até.
- ★ TOURO (21/10 — 20/11) — Não faça nem receba visitas durante a semana. Evite tal coisa, como puder. O isolamento se impõe, principalmente nos dias 8, 9 e 10. A ambiência astral, não obstante, lhe favorecerá os negócios.
- ★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — O novo período propiciará novas e boas relações de amizade e facilitará o concurso de que o leitor tiver necessidade, mesmo no âmbito de sua vida sentimental. Os três últimos dias da semana serão os melhores.
- ★ CANCER (23/12 — 20/1) — Os negócios imobiliários estão mal astralizados e, do mesmo modo, as compras a prazo. Não feche negócio, na espécie, no curso da semana entrante. Se o fizer terá grande dificuldade na liquidação.
- ★ LEO (21/1 — 20/2) — O leitor poderá impor seu ponto de vista nas questões em que tiver de intervir ou em que seja parte. Seu poder de insinuação será aumentado no curso da semana em pauta.
- ★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Os três primeiros dias da semana serão altamente destavoreáveis às atividades profissionais do leitor. Não se aventure em tais dias. O influxo dos dias restantes não será mau. Poderá empreender algo.
- ★ LIBRA (23/3 — 20/4) — O ambiente dos astros lhe dará, durante a semana, tôdas as possibilidades para a recuperação do que houver perdido. Suas finanças serão restauradas e os negócios se manterão em equilíbrio.
- ★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Ventos bem adversos soprarão no setor de sua vida sentimental. Há perigo de rompimento e de noivado desfeito. Suas atividades se desenvolverão normalmente, embora, com a mente perturbada, não consiga grandes coisas.
- ★ SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — O leitor terá um bom período para conseguir o que pretender nos meios políticos ou oficiais. Os pedidos e as solicitações que fizer serão bem acolhidos. Os quatro últimos dias da semana serão os melhores.
- ★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Não deve iniciar viagem no novo período, seja qual for o meio de transporte. Há perigo de acidente e de agressões, principalmente nos dias 6, 7 e 8.
- ★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — A semana oferecerá um ambiente astrológico inteiramente favorável aos interesses e aos negócios do leitor. Aproveite a oportunidade para fazer o necessário reajustamento de sua vida.
- ★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Haverá nos últimos três dias da semana forte ameaça de desentendimento com pessoa íntima. Os astros não lhe favorecerão as novas relações de amizade nem os casos sentimentais.

◆ OS NOMES DA SEMANA

Maio, 5	—	Corintho	—	Felícia.
" 6	—	Arnaldo	—	Sebastiana.
" 7	—	Domício	—	Selma.
" 8	—	Domingos	—	Aladir.
" 9	—	Vitor	—	Vitória.
" 10	—	Rogério	—	Dagmar.
" 11	—	Antônio	—	Erminia.

◆ EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Maio, 5	14° 57' 10"	(Signo do Touro)
" 6	15° 55' 15"	" " "
" 7	16° 53' 19"	" " "
" 8	17° 51' 22"	" " "
" 9	18° 49' 24"	" " "
" 10	19° 47' 23"	" " "
" 11	20° 45' 22"	" " "

AS GARÔTAS DO GIOVANNI

HÉLIO ABREU

◆ O carioca talvez estranhe o nosso assunto de hoje. Talvez nem mesmo o entenda, se não conhecer São Paulo. A paulicéia, como toda gente sabe, é a mais dinâmica de todas as cidades brasileiras. Seu povo trabalha dia e noite num vaivém constante, numa louca vontade de fazer mais e melhor, tudo. Durante o dia as enormes chaminés ferem os céus, num desafio vaidoso à crise econômica que avassala o país. Mas o paulista faz mais que trabalhar e produzir. Ele vive também. E como vive! Sua semana de trabalho morre quando os automóveis, em longas filas, se deslocam rumo a Santos e Guarujá. Depois, domingo à noite ou segunda-feira pela manhã, ele recomeça a porfia que só é interrompida ao pôr do sol ou nos momentos das refeições. E é aí que São Paulo brilha mais. Ah, os bons pratos do Fasano, a exótica cozinha do Ike (restaurante chinês) e o delicioso talharim do Giovanni. Aliás este restaurante merece algo mais que uma simples citação. A ele vão ter personalidades das mais ilustres e é considerado o único genuinamente italiano entre os muitos que existem em São Paulo. Comendadores, homens da alta política, artistas e alguns filhinhos de papai sentam-se, democraticamente, ao redor dos longos balcões onde, servidos por garçonetes bem educadas e quase sempre bonitas, saboreiam os

quitutes do mestre Giovanni. Há tempos convidei o Presidente Juscelino, quando candidato, para uma visita a esse conhecido restaurante da rua Vitória. Por falta de tempo Kubitschek não compareceu. Não sabe ele o que perdeu. Perdeu, inicialmente, o «bon giorno» simpático de Giovanni Bolzatti. Perdeu o cumprimento de um ajudante de cozinha a quem apelidamos de «Juscelino», tal o seu partidatismo. Deixou o Presidente de apertar as mãos dos comendadores Ítalo e Francisco Franceschi, e de abraçar seu correligionário Mário Martino. Mas perdeu mais o Presidente. Perdeu mais porque deixou de ver a graça da Rosette, o falar macio da Maria Rosa e os olhos tristonhos da Sônia. Falemos também de Marcela, outra garçonete que tem levado milhares de glutões (e outros que não o são) ao número 814 da rua Vitória. E quando se anuncia que este italiano que já morou em Roma, Paris, Bengazi, Indochina e não sabemos mais onde, tem um novo prato a apresentar, é aí que as filas se multiplicam. Sobre ser um formidável bálsamo para o estômago, é também o restaurante um magnífico espetáculo para os olhos. Vale a pena, em qualquer tempo, descansar a vista nas garôtas que Giovanni, com mão de mestre, escolheu para ornamentar (e também servir) à sua casa comercial.

◆ **GATO** — Destinado ao sr. Mário Aprille, alto prócer petebista, chegou do Sião (hoje se diz Tailândia) um legítimo gato siamês. O bichinho, segundo informa Aprille, está passando muito bem e dentro em breve fará miau-miau em português.

◆ **GATA** — O comendador Vicente Amato Sobrinho, da alta indústria farmacêutica, acaba de comprar uma linda gatinha angorá. A bichinha é branca como neve e tem os olhos verdes. O comendador Vicente Amato é vizinho do sr. Mário Aprille.

◆ **FARESP** — Continua o impasse do preço do algodão. Os produtores não estão satisfeitos com a solução dada ao problema pelo ministro José Maria Alkmim. O sr. Clóvis Santos Sales, presidente da Faresp, tem molhado a camisa em busca de uma saída.

◆ **GADO** — Deu em nada a reunião dos pecuaristas com o presidente do Banco do Brasil. O sr. Sebastião Pais de Almeida deliberou não elevar o preço base do financiamento do boi magro. Aliás, o preço atual é o mesmo de cinco anos atrás: Cr\$ 1 200,00 por cabeça.

◆ **TURISTA** — O sr. Nelson Mendes Caldeira continua (em companhia de sua esposa) sua excursão pela Europa. O chefe do Consórcio Brasileiro de Investimentos deverá regressar ao Brasil em junho próximo.

◆ **PARIS** — Segundo informam os cronistas sociais, embarcará em breve com destino à França a sra. Rosette Lunardi, uma das mulheres mais elegantes de São Paulo.

◆ **KUBITSCHKEK** — O prefeito de Ribeirão Preto, sr. Costabile Romano, vai avistar-se com o presidente Juscelino Kubitschek. Neste sentido já solicitou (e obteve) uma audiência com o chefe da nação.

◆ **VIAGEM** — O sr. Waldyr Lisboa, diretor-gerente em S. Paulo do Banco Hipotecário e Agrícola de Minas Gerais, tem feito constantes viagens entre esta cidade e Belo Horizonte. O referido senhor já foi deputado estadual em Minas e é uma das figuras de maior destaque no PTB montanhês.

◆ **INDÚSTRIA** — São Paulo deu um novo passo no setor da eletro-metalurgia. Trata-se da inauguração das novas instalações da fábrica dirigida pelo sr. Romualdo Tulli.

◆ **REGRESSO** — Quando esta revista estiver circulando já terá regressado de sua viagem aos Estados Unidos a srta. Maria Lúcia Furquim Paoliello, da alta sociedade de São Paulo. A senhorita em questão não conseguiu vir de avião, em virtude do grande volume de sua bagagem: Nada menos que 12 malas e 22 pacotes de diferentes tamanhos. Essa vasta bagagem ocupa vasto espaço nos porões do navio



JOAO GOULART



JAYME COSTA



GUILHERME DE ALMEIDA

◆ **POETA** — É com prazer que levamos aos nossos leitores a notícia de que o sr. Guilherme de Almeida lançará um novo livro de poesia. (Aqui para nós, que ninguém sabia, eu sou um grande admirador do grande Guilherme. Eu o admiro tanto quanto detesto o Salomão Jorge).

◆ **JANGO** — Correm rumores de que o gesto de renúncia do sr. Lino de Mattos (afastando-se da prefeitura da capital) foi inspirado pelo sr. João Goulart. Buscando esclarecer o assunto fomos ouvir o sr. Paulo Marzagão, destacado prócer do PTB paulista e atual Delegado do Trabalho. Como bom cidadão de Camanducaia o sr. Marzagão falou muito e nada nos disse. Ficamos na mesma...

◆ **AFTOSA** — Pronto já se encontra o trabalho do sr. Antonio Ferreira Braga Filho sobre a febre aftosa. O sr. Antônio Braga avistou-se com o presidente Kubitschek na cidade de Assis, onde, em linhas gerais, deu conta de sua obra.

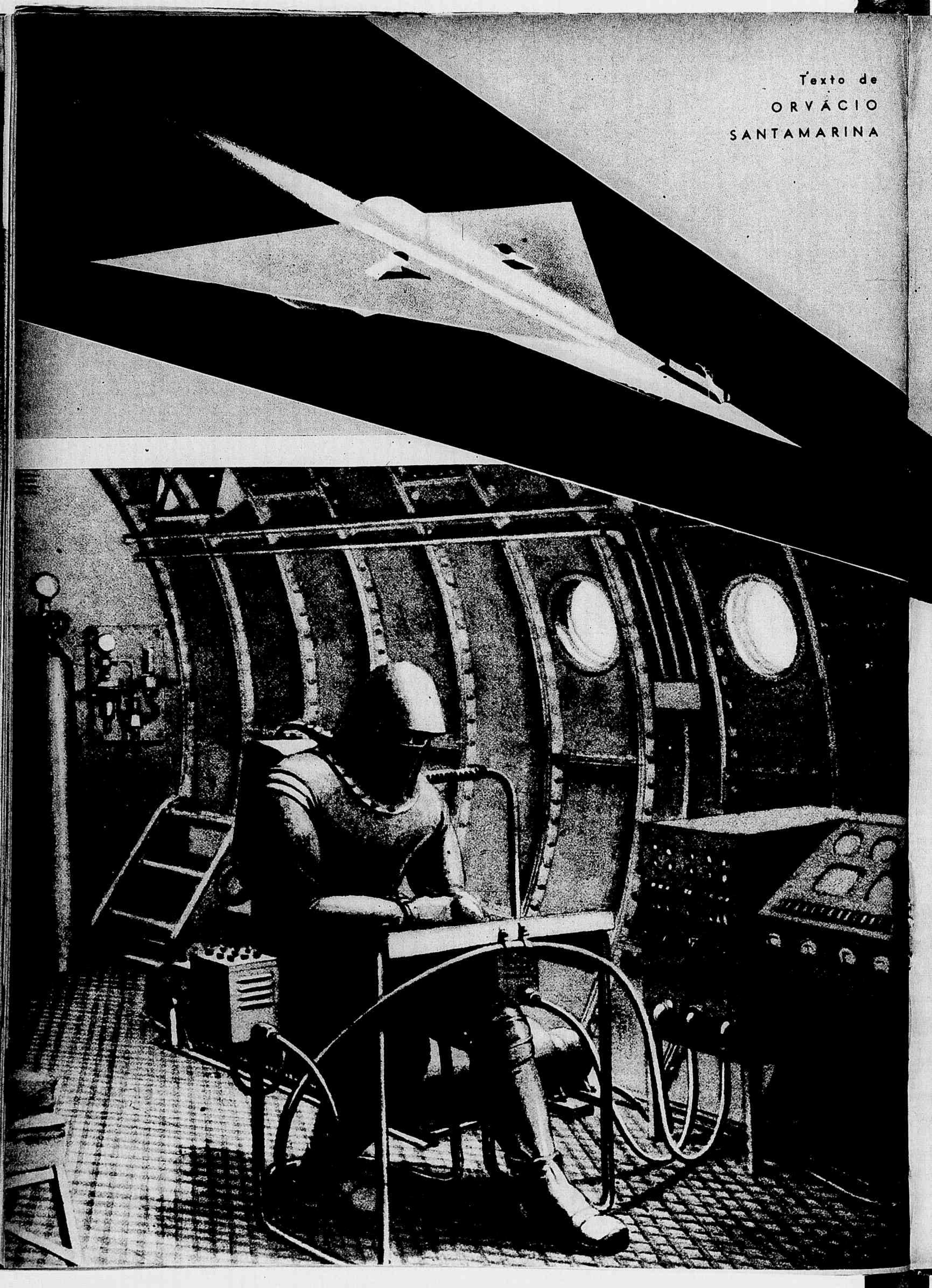
◆ **ESPINGARDA** — O sr. Paulo Campos Moura adquiriu uma nova arma de caça destinada a sua (já grande) coleção. Trata-se de um legítimo bacamarte de cano de gramofone, do mais alto calibre. Comentando o fato, disse o major Newton Santos: «Só mesmo assim será o Paulinho capaz de acertar em alguma coisa. Não conhece ninguém que tenha pior pontaria que ele».

◆ **ESTOUROU NAS COSTAS** do Jaime a peça Copacabana S/A. Com eleito, não foi feliz o conhecido (e quase consagrado) ator nacional, sr. Jaime Costa, em sua nova apresentação ao público da Paulicéia. Jaime, que desejava repetir o sucesso de Santa Marta Fabril S/A (peça de outrem) levou a pior e foi bater com os «costados» na justiça. Voltaremos ao assunto.

◆ **RENÚNCIA** — O gesto do sr. Lino de Mattos, renunciando à Prefeitura da capital antes do pronunciamento do Senado sobre acumulações de mandatos, foi muito bem recebido pelos paulistas. S. Ex^a agiu com acerto, é o que dizem.

◆ **SUICÍDIO** — Nas rodas políticas o assunto do dia é o desligamento do deputado Juvenal Rodrigues de Moraes do PSD. A medida punitiva foi adotada contra o referido parlamentar em virtude de sua atitude independente aceitando a indicação de seu nome à presidência da Assembléia estadual. Não causou boa impressão a deliberação da executiva do pessedismo bandeirante. Aham os círculos políticos que o partido não agiu com o mesmo rigor em relação aos srs. Lincoln e Antônio Feliciano, Cunha Bueno e Pinheiro Júnior, todos «ovelhas negras» do partido por ocasião da adoção da candidatura Kubitschek. Há quem afirme ter o PSD bandeirante cometido suicídio coletivo, ao tomar a medida acima.

Texto de
ORVÁCIO
SANTAMARINA



NÃO PENSE TÃO CEDO EM IR À LUA

Os aparelhos até agora imaginados não superam os obstáculos a vencer — Os satélites e as estações intermediárias — O que há de positivo na astronáutica

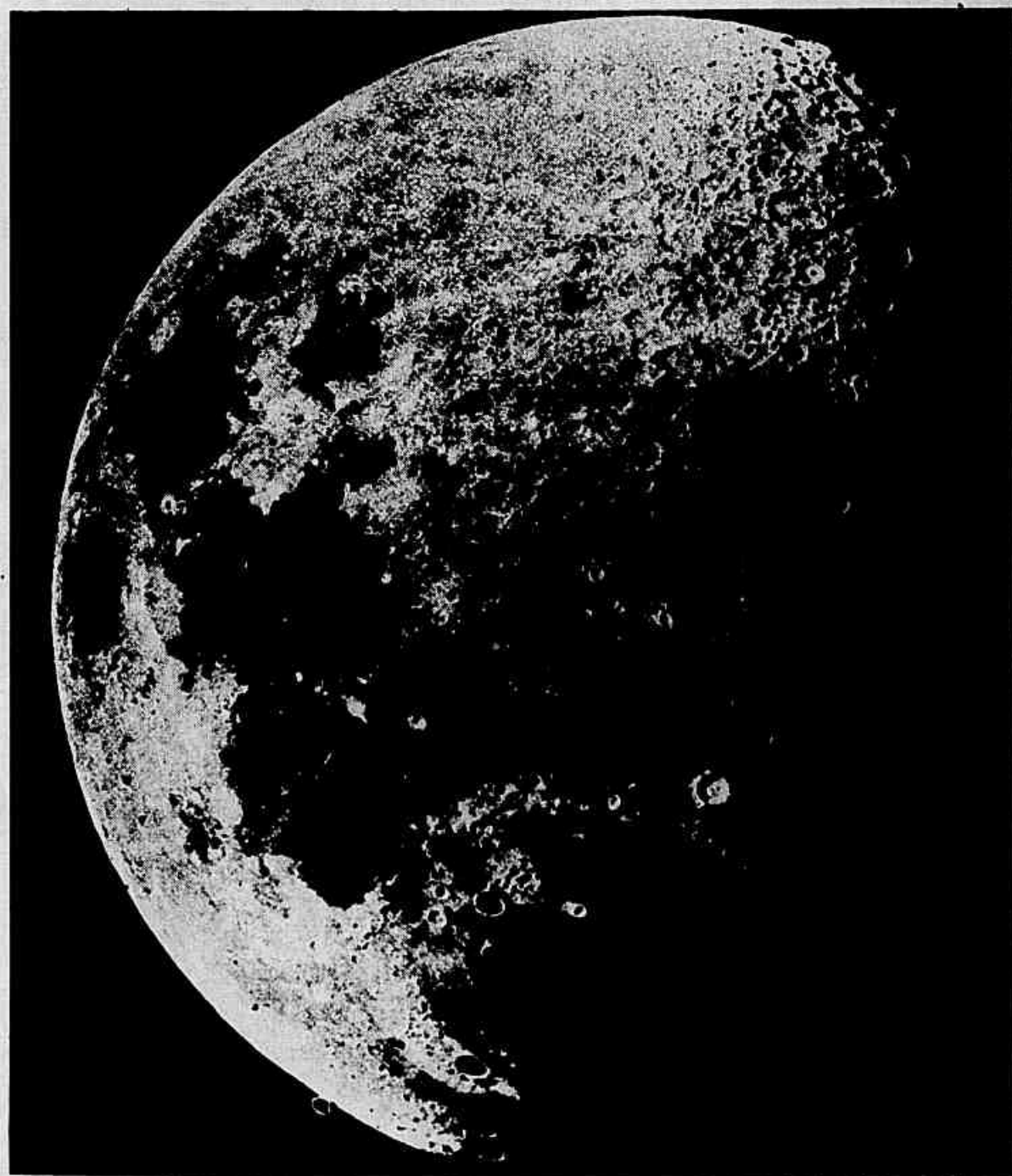
Conseguirá o homem de nossos dias pisar em outros planetas?

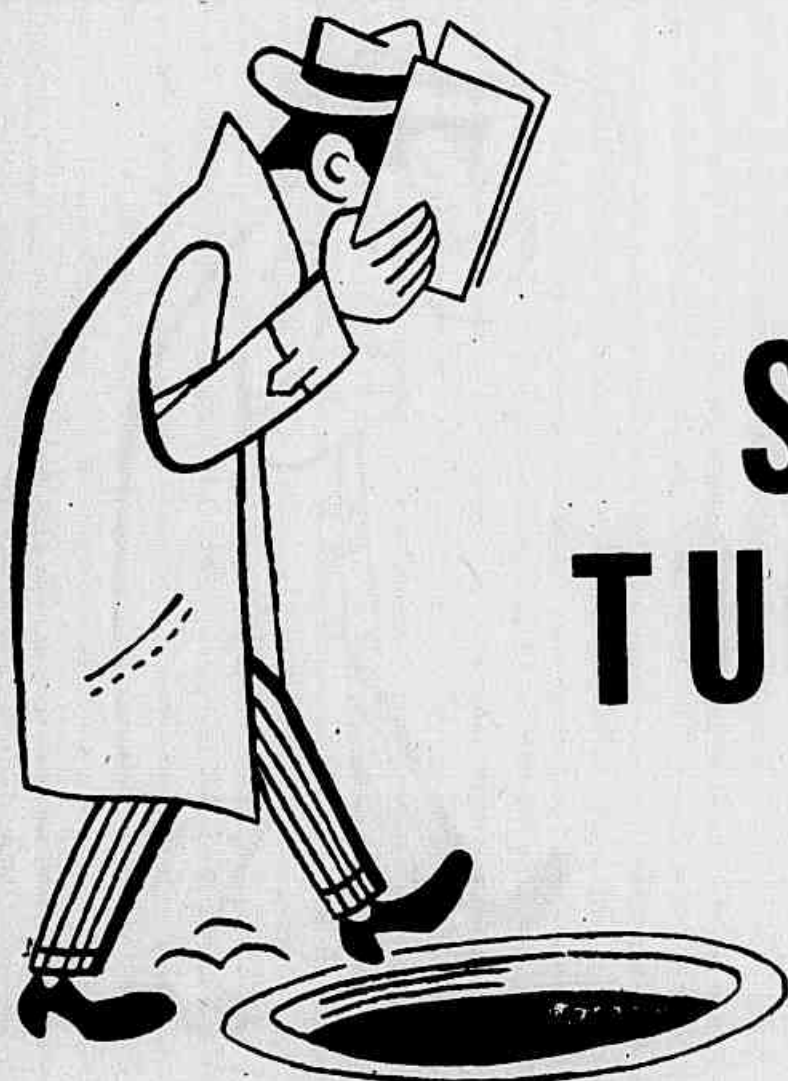
idéia e no trabalho, veio colher os primeiros frutos no século XX, quando se desvendaram aos olhos humanos novos horizontes. Passamos a viver em uma época em que o incrível se tornou possível. Firmaram-se os princípios fundamentais da astronáutica. Desenharam-se e experimentaram-se as formas grosseiras das primeiras naves-foguetes. Conheceram-se a V-2, o «Wac Corporal», o «Aerobee» e o «Viking», que chegou a atingir 400 kms. de altura. Os senhores da guerra ficaram encantados com os grandes progressos da astronáutica. Apoiaram tôdas as pesquisas indicadoras de que era preciso subir, conquistar o céu em sentido vertical. Há pouco mais de dois anos os investigadores divulgaram que, dentro de 15 anos, satélites artificiais girariam em torno da

ESTA pergunta preocupa todos os cérebros. A curiosidade humana, em qualquer latitude do globo, gira em torno dela. Até já se explora a credulidade dos ingênuos. O **Hayden Planetarium**, de New-York, anunciou — a título de experiência — que reservava lugares para viajantes que quisessem ir à Lua e outros planetas. Recebeu 25.000 pedidos do mundo inteiro e todos feitos seriamente. As crianças também sonham com a objetivação dessas fascinantes viagens, com as aventuras inéditas nos espaços siderais. As fábricas de brinquedos acalentam-lhes as esperanças e o encantamento, fornecendo-lhes astronaves tripuladas por ousados exploradores interplanetários... Romances e filmes levam leitores e espectadores através das nebulosas, dando geralmente falsa idéia dos estudos científicos realizados até agora. Já está difícil distinguir a realidade da ficção, o cientista do impostor. Para satisfazer a curiosidade dos leitores, resolvemos fazer esta reportagem, que revela opiniões de cientistas de diversos países e os estudos por eles feitos até o presente. Dêste modo, poder-se-á ter idéia das reais possibilidades de ir à Lua, a Marte, a Vênus.

Há muitos séculos imagina o homem a conquista do céu. Newton, Kepler, Da Vinci arquitetaram planos para a grande aventura... O desvairamento jamais abandonou a alma das criaturas. A persistência na

NEM MESMO o formato das naves interplanetárias está estabelecido em definitiva. Uma coisa é certa: o foguete terá de possuir uma super-estrutura, capaz de resistir ao impacto tremendo da pressão atmosférica, e seus habitantes usarão forçosamente roupas especiais. Só assim o objetivo dos cientistas — de atingir a Lua — poderá ser conseguido.





EU SEI TUDO

DE MAIO

À noite você é diferente!

10 tipos de doentes indesejáveis

Um visitante do espaço exterior

Enxaqueca, uma doença útil

Fim do pesadelo atômico?

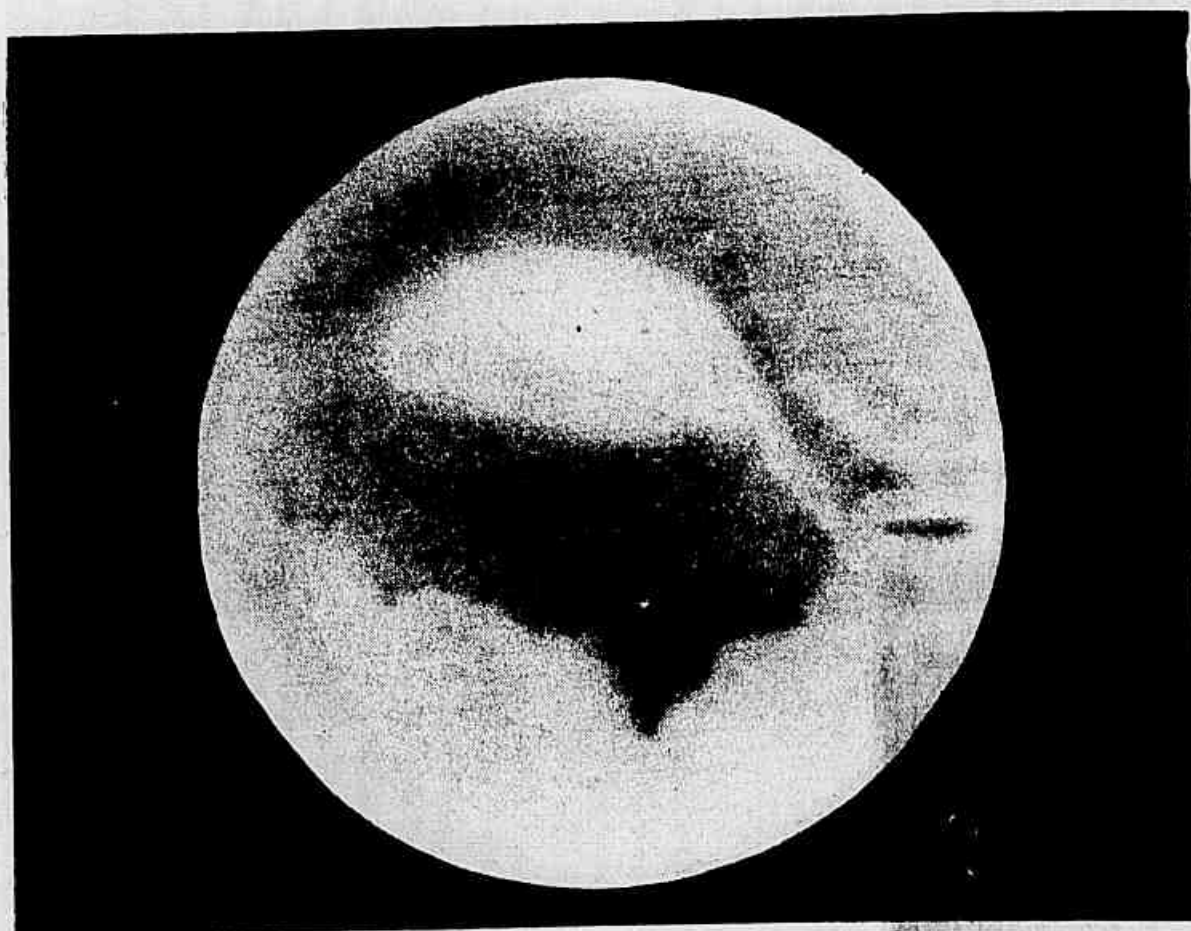
REDAÇÃO

RUA MARANGUAPE, 15 - RIO

PREÇO

Cr\$ 10,00 EM TODO O BRASIL

NÃO PENSE TÃO CEDO...



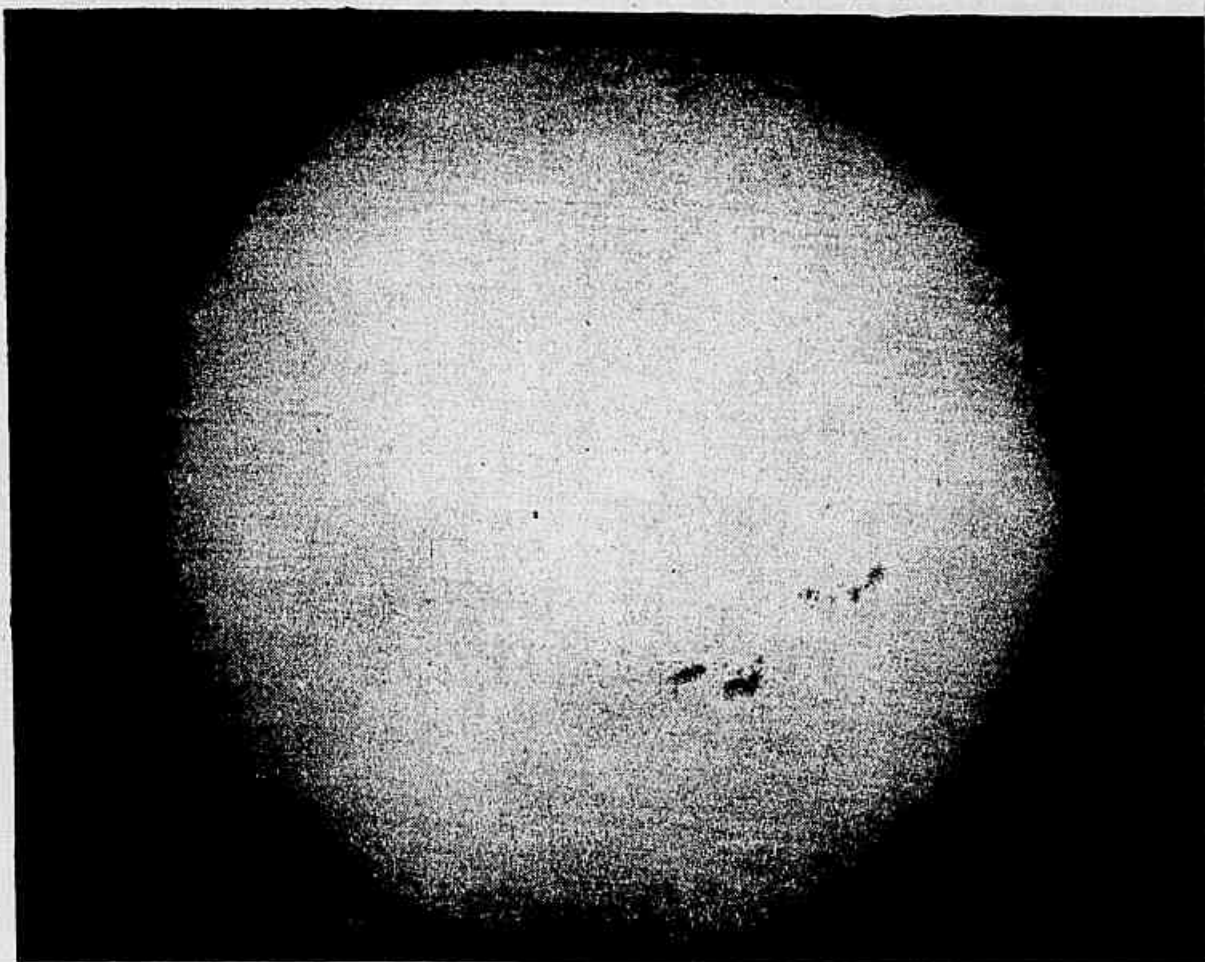
A TEMPERATURA elevadíssima do Sol dificilmente permitirá que o imenso astro venha a ser, algum dia, visitado pelos habitantes da Terra.

Terra e seus balcões serviriam de trampolim às primeiras expedições cênicas. Não foi preciso esperar tanto tempo. Anunciou-se oficialmente nos Estados Unidos que este ano serão lançados diversos satélites sem passageiros, equipados com aparelhos automáticos para transmitir informações científicas. Daí é lícito esperar maior aceleração no desenvolvimento dos estudos siderais.

Disse um jornalista europeu que a nossa época faz lembrar a que precedeu a dos grandes navegadores terrestres e concluiu: «Se o primeiro foguete que atingiu a estratosfera marcou o século das descobertas celestes, o bom senso objeta que a situação é rigorosamente inversa. Colombo ignorava o que ia encontrar. Dispunha apenas do barco. Os pioneiros da nova idade possuem, ao contrário, cartas do céu notavelmente esclarecedoras e fotografias minuciosas do Sol e da Lua». O problema para eles consiste justamente na condução.

OS GRANDES OBSTÁCULOS E A LUTA PARA VENCÊ-LOS

A gravidade constitui o maior obstáculo aos navegadores do espaço. Para vencê-lo a nave cósmica deve atingir a velocidade mínima de 40.000 kms. por hora. Não obstante os formidáveis progressos científicos, está-se longe de atingir a tamanha velocidade. Isso, todavia, não leva ao desânimo. O cérebro dos astronautas não descansa. A idéia do foguete múltiplo não vingou. Lançado o engenho, a certa altura uma parte, esgotado o combustível, desprendia-se do conjunto e caía de paraquedas. Antes, porém, servia de trampolim ao restante, que aproveitava o impulso, prosseguindo a viagem pelo espaço. A velocidade sucessiva atingia 25.000 kms. à hora, mas não dava para vencer a gravidade. As dimensões do foguete diminuíam consideravelmente em cada etapa. Torre gigantesca, provida de possantes motores, deslocava-se na vertical para Este, aproveitando o movimento da Terra, que é de 1667 kms. por hora no Equador. Ao partir, os viajantes deviam sentir certo bem-estar. Cálculos científicos indicavam a rota aos navegadores e permitiam seu encontro com outros planetas. O êxito da viagem, de acordo com esses cálculos, dependia da velocidade, da escolha judiciosa da direção, do dia e hora da partida. A chegada ao destino devia ser mais complicada: a atração do astro-objetivo arriscava despedaçar a nave de encontro ao solo, numa sucção prodigiosa, impedindo os ousados tripulantes de conhecer o lugar a que haviam chegado. A tripulação, munida



MARTE talvez seja alcançado pelo habitante de seu vizinho maior, a Terra. Há quem diga que o planeta seja habitado, mas tudo é hipótese.

de escafandros, viajava justamente na última parte do foguete. Aparelhos especiais determinavam sua posição na órbita teórica. Os americanos avançaram mais no aperfeiçoamento dos aparelhos, fazendo experiências com foguetes únicos, que atingiram a exosfera, onde a temperatura se eleva a 1.500 graus e o vácuo é tremendo. Esses foguetes voltaram meio fundidos. Se tivessem levado tripulantes, teriam sido carbonizados.

Os riscos de fracasso da prodigiosa aventura provocam ainda ceticismo e ironia. Mas os pessimistas — dizem os otimistas — poderão ter grandes surpresas... Os gênios do século passado poderiam acreditar que a energia atômica seria obra de seus bisnetos? Cientistas, em todos os quadrantes do globo, entregam-se a constantes estudos e experiências. Prêmios sedutores, além do triunfo das descobertas, desafiam a tenacidade deles.

Os astronautas imaginaram a construção de uma estação intermediária, onde a atração terrestre é fortemente reduzida. Já foram divulgados diversos projetos. O novo planeta, que será habitado, girará à grande velocidade: 26.000 kms. à hora. Bastará esforço menor para que um foguete lançado dali atinja a velocidade que lhe permite liberar-se do resto da gravidade. Sua órbita será situada a 1.730 kms. da superfície terrestre e uma frota de veículos do espaço, com velocidade de 25.487 kms. por hora, manterá as comunicações. Nessa altura a gravidade é tão fraca, que pode ser compensada pela força centrífuga do satélite. Como não haverá nem ar nem atração terrestre tendente a afastá-los do astro artificial — informam os cientistas — os astronautas andarão nas paredes externas, passearão no espaço arrastados pela inércia, mas deverão estar presos por corda, a fim de que o movimento inicial muito brusco não os leve para o infinito. Sua vida fisiológica e o equilíbrio nada sofrerão. De volta à Terra reduzirão a velocidade graças a potentes reatores, que lançarão jatos em sentido contrário da marcha até 1.722 kms. à hora. O engenho entrará então numa trajetória em forma de eclipse. A uns 80 kms. de altura, o ar aquecerá gradualmente a superfície do aparelho até o vermelho vivo. A tripulação não deve, entretanto, sentir esse calor: será protegida por isolamento completo e refrigeradores. Pouco a pouco a resistência do ar freará a velocidade do meteoro artificial, que pousará na base à velocidade aproximada de 100 kms.

ARTES

JOSÉ ROBERTO

Notinhas

1 **DÉA CAMPOS** Lemos está expondo seus trabalhos no Instituto Brasil Estados Unidos, à rua Senador Vergueiro, 103, Flamengo. Ao que nos consta, é sua primeira exposição. Déa foi aluna de Zélia Salgado.

2 **ALGUNS IRLANDESES** retiraram da Tate Gallery, de Londres, a tela "Jour d'Été", de Berthe Morisot. A obra em questão, dizem seus raptos, está em poder dos ingleses indêbitamente, pois pertence de fato à Irlanda.

3 **NO MUSEU do Índio**, à rua Mata Machado 129, no Maracanã, realiza-se, sob os auspícios do Conselho Nacional de Proteção aos Índios e do Serviço de Proteção aos Índios, uma interessante Exposição de Arte Indígena. Essa Exposição foi inaugurada no dia 19 de abril, Dia do Índio.

4 **QUANDO O POETA** Manuel Bandeira completou setenta anos, seu retrato, por Portinari, foi inaugurado na sala de sessões da Academia Brasileira de Letras. Portinari foi, assim, o primeiro pintor moderno a ter uma obra naquela Casa, cuja mentalidade arcaica vai, pouco a pouco, cedendo terreno às novas idéias.

5 **É POSSÍVEL** que venha ao Rio e a São Paulo uma importante coleção de obras de arte norte-americanas, propriedade do senhor Lawrence Fleischmann, de Detroit. São 60 quadros e 5 esculturas, abrangendo nove gerações de artistas ianques.

6 **BERNARD BUFFET** talvez seja, presentemente, o pintor francês de maior nomeada, entre os da nova geração. Agora mesmo, sua exposição na Galerie Douant-David et Visconti vem obtendo remarcável êxito junto ao público e à crítica.

7 **O SALÃO Moderno** está às portas. Do júri fazem parte os críticos Mário Barata e Santa Rosa. Quanto ao Salão Acadêmico, será também realizado no moderno edifício do Ministério da Educação e Cultura, o que não deixa de ser muito desagradável. Como colocar, numa atmosfera atual e arejada, uma tela de Hernani de Irajá ou qualquer outro pinta-monos semelhante?

8 **DI CAVALCANTI** terá, na próxima Bienal de Veneza, sala especial. Da delegação brasileira constarão trabalhos de Aldemir Martins, Fayga Ostrower, Marcelo Grassmann e outros.

9 **EM FINS** do ano passado, o pintor baiano Quaglia expôs no Diretório Acadêmico da Escola de Belas Artes. Partiu subitamente, e deixou suas telas entregues aos cuidados de "amigos". Os trabalhos, porém, desapareceram da sala da Escola em que eram guardados. Quem são os responsáveis pelo furto?

10 **SIMEÃO LEAL** é o novo encarregado da Sala de Exposição do Ministério da Educação e Cultura. Terá, logo de saída, de enfrentar um sério problema: o famigerado Salão Acadêmico, que, sem lugar para "espalhar-se", pretende tomar de assalto o recinto...

11 **COGITA-SE EM** criar, em Belo Horizonte, o Museu de Arte Moderna local. A sede do Museu será o ex-Cassino ou o Yacht Clube da Pampulha. A capital de Minas precisa mesmo de um Museu de Arte.

12 **VAN ROGER**, pintor belga, está expondo na Petite Galerie (ao lado do Rian). Esse artista, irmão da escritora Yvonne Jean, morou há tempos no Brasil. Atualmente, reside em Paris.

13 Na Galeria Montparnasse realizou-se a mostra do pintor português De Castro e Solla, há alguns anos residente no Brasil.

14 **DORIVAL CAYMMI**, o magnífico cantor popular, também organizou uma exposição de suas pinturas ingênuas e belas, no Clube 36, onde presentemente se exhibe. A Exposição certamente alcançará êxito.

15 **UMA SÉRIE** de aulas sobre História da Arte está sendo ministrada por Flávio de Aquino no auditório do Instituto de Pesquisas Educacionais, sob os auspícios do Instituto Municipal de Belas Artes. O endereço é: Avenida Almirante Barroso, 81, 7.º. O horário é das 17 às 18 horas.



SANTA ROSA



DI CAVALCANTI



ALDEMIR MARTINS



JOAO QUAGLIA

UM ARTESÃO paquistanês, terminando de aprontar a bandeira verde e branca de sua pátria. O Paquistão é a mais jovem República do mundo, e seus 80 milhões de habitantes exultam de alegria e entusiasmo.

PROCLAMADA A REPÚBLICA ISLÂMICA DO PAQUISTÃO, EM MEIO A GRANDES MANIFESTAÇÕES DE JÚBILO DE SEUS OITENTA MILHÕES DE HABITANTES ★ O GENERAL ISKANDER MIRZA, PRIMEIRO PRESIDENTE ★ PARA O ANO, ELEIÇÕES ★ MOHAMMAD ALI JINNAH, PRIMEIRO MINISTRO E IDEA-LIZADOR DA REPÚBLICA

Texto de HAROLD GREEN

PAQUISTÃO

primeira república islâmica do mundo

DESDE o dia 23 de março de 1956, há pouco mais de um mês, portanto, o Paquistão é a mais nova República do Universo. Com efeito, essa idéia de transformar o grande país muçulmano em República, idéia que já datava de oito anos, adquiriu sua forma perfeita a 2 de março, quando a Assembléia Constituinte daquele país decidiu pô-la efetivamente em prática, e concretizou-se três semanas exatas depois, com a Proclamação da República. Não obstante, continuará o Paquistão a fazer parte da Comunidade Britânica de Nações — do «Commonwealth» —, de vez que, segundo os seus dirigentes, essa

filiação só benefícios lhe poderá trazer, para o futuro.

PRIMEIRA REPÚBLICA ISLÂMICA DO MUNDO

Ao ser proclamada a República, no Paquistão, milhares de pessoas saíram às ruas de Karachi, empunhando bandeiras nacionais, verdes e brancas, e cantando hinos patrióticos. As sete em ponto da manhã — hora em que foi proclamada a nova República —, ouviram-se trinta e um tiros, que comemoravam o acontecimento. A grande diferença que existe entre a nova forma de governo e a antiga, é que agora, a Rainha da Grã-

MOHAMMAD ALI JINNAH, 1º ministro da nova República, para cuja fundação muito colaborou, aqui aparece quando de uma reunião, em Karachi, dos principais chefes indianos. É o que envergava a túnica escura.





O TRABALHO, no país, é encarado com grande seriedade. E ao serviço militar não escapam as próprias mulheres. Algumas delas, em brancos e bizarros uniformes, passo cadenciado, fuzil em riste, dirigem-se para um campo de treinamento, a fim de melhorarem a pontaria. O Paquistão está se preparando, por via das dúvidas.

Bretanha já não é o Chefe do Estado Paquistânico, nêle mandando por intermédio de um governador. A denominação oficial dada a República é: «República Islâmica do Paquistão».

O PRIMEIRO PRESIDENTE

O primeiro presidente do Paquistão é justamente o ex-governador do país, general Iskander Mirza, que conta 55 anos de idade. Foi eleito em fevereiro para o alto cargo, por uma Assembléia Constituinte, que hoje é o Parlamento Nacional. Antes de ser governador geral do Paquistão, Mirza já fôra o primeiro ministro da Defesa do então recém-criado país, demonstrando excepcionais qualidades. Em 1954, por ocasião do delicado estado político do país, tendo o então governador geral Chulam Mohammad dissolvido o Parlamento e estabelecido uma série de medidas rigorosas, Mirza, ministro do Interior, teve de sustentar luta tremenda e desigual, para explicar aos seus concidadãos

atemorizados pelas perspectivas de uma ditadura, os bons propósitos do governo. Retirando-se pouco depois Chulam, por motivo de saúde, Mirza foi investido no alto posto de governador geral. Agora, foi eleito, pela Assembléia Constituinte, o primeiro Presidente da República Islâmica do Paquistão.

A CONSTITUIÇÃO

Quando jurou a nova Constituição, lêz questão Iskander Mirza de frisar que, em grande parte, aquele dia de tantas alegrias para a nação paquistânica era devido ao primeiro ministro Mohammad Ali. Foi com efeito graças à firmeza e à força de vontade dêsse homem público que inúmeros impecilhos até então considerados impossíveis de serem vencidos foram ultrapassados. Quanto à Constituição do Paquistão, é moderna, e consagra em seus pontos essenciais: 1) a supremacia da vontade do povo incorporado no Parlamento pelos seus representantes eleitos; 2) total liberdade de credo — o que

vem beneficiar grandemente a minoria indiana que reside, ainda, em território paquistânico, e que solia perseguições religiosas de parte dos muçulmanos; 3) absoluta igualdade perante a lei de todos os cidadãos, bem como liberdade de expressão, de locomoção, direito à propriedade, etc., etc.

O TERRITÓRIO

Talvez seja o Paquistão uma das poucas Repúblicas cujo território não é contínuo, isto é, cuja área geográfica sofre uma solução de continuidade. Com efeito, entre as duas partes em que se divide o país, Paquistão Oriental e Ocidental, estende-se quase mil milhas de território indiano. Tanto um como outro território terão suas Câmaras e um Supremo Tribunal. O Urdo e o Bengali são idiomas oficiais do Paquistão, e todos os documentos e bem assim moedas e selos postais deverão ser redigidos em ambos. Na Assembléia e na administração, naturais do Paquistão Ocidental e do Oriental se equilibram em número.

PRIMEIRAS ELEIÇÕES

Escolhido pela Assembléia Constituinte, o general Mirza tomou posse de seu cargo de Presidente da República Islâmica do Paquistão. Contudo, já prometeu, aos seus quase oitenta milhões de compatriotas, que fará realizar eleições livres no princípio do ano que vem, para que todo o povo paquistânico possa escolher aquele que irá reger-lhe os destinos. Há grande otimismo em todo o país, que, com um presidente capaz e honesto, como Iskander Mirza, certamente há de alcançar seus objetivos de paz e prosperidade.



ÊSSES HOMENS tomam parte em uma manifestação de regozijo, levada a efeito em Karachi quando da proclamação da República Islâmica do Paquistão, um país moço, imenso e povoado por homens decididos e alegres.

A qualquer hora
do dia

ou da noite

a

RÁDIO RECORD

de São Paulo

tem um PROGRAMA

que VOCÊ ouvirá

perfeitamente

em qualquer

ponto do país

EXPERIMENTE!

ondas médias: 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas: 19, 25, 31 e 49 metros

Record

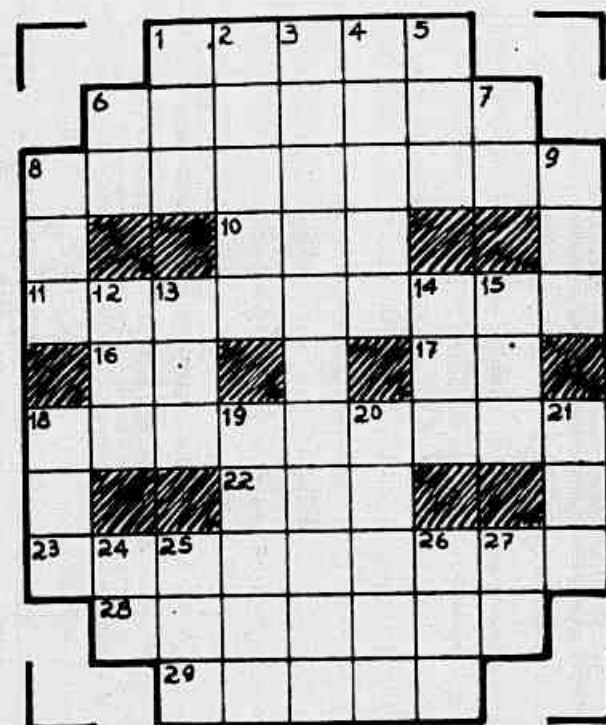
PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMAS Nº 118

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Quase resolvido — 6. Armadilha para caça gráuda (pl.) — 8. Beliscar — 10. Rio da França, afluente do Ródano — 11. Mestre das jangadas grandes — 16. Rio da Rússia — 17. Encanto — 18. Investigação do absoluto — 22. Antigo distrito da Turquia asiática — 23. Moradores — 28. Abandaria — 29. Cinco vezes a primeira.

VERTICAIS: — 1. Cosmético para o rosto — 2. Provocar — 3. Ciência que tem por objeto o estudo dos manuscritos antigos — 4. Campo de discussão — 5. Nova letra do alfabeto árabe — 6. Símbolo do metalóide de peso atômico 79,916 — 7. Nome de diversas províncias de Portugal — 8. Mulher cuvilheira — 9. Grande número — 12. Palavra céltica que significa filho — 13. Afluente do Reno — 14. Cidade da Índia — 15. Indígena dos rios Paranapanema e Peixe — 18. Insignia militar da Ordem de S. Miguel — 19. Rinite atrófica acompanhada de mau cheiro — 20. Suplicar — 21. La-sustenido, na nomenclatura alemã — 24. Símbolo do metal de peso atômico 9,02 — 25. Outro nome de Cibele, esposa de Saturno, mãe de Júpiter — 26. Buraco na meia — 27. Feminino da terminação ão.



Oliver - Rio

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Serpente — 6. Fêmea do marreco — 8. Gemido — 9. Preposição indicativa de companhia — 10. Sufixo designativo de diminuição — 12. Marotagem — 15. Índios do rio Machadinho — 20. Brisa — 21. Achas graça — 22. Pedra de moinho — 23. Uma das cinco partes do mundo — 26. Galhos.

VERTICAIS: — 1. Aqui — 2. Inferno — 3. Deitariam brotos — 4. Do verbo remar — 5. Antes de Cristo — 6. Dá miados — 7. Oásis do Saara — 8. Amarga — 11. Domesticação — 13. Aguardente proveniente da fermentação e destilação do melão — 14. Seguiam — 16. Argola — 17. Medida de uma superfície — 18. Burro — 19. Quer bem — 24. Símbolo do cromo — 25. O Senhor, na filosofia hindu.



SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 117

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: ossamenta — rebaixais — an — tiã — ra — dará — miar — alestesia — tolerante — odor — cion — la — anu — Co — historiar — arrozeira.

VERTICAIS: orada — senal — Sb — aatás — MII — exame — na — tirai — asara — ré — is — tir — tolha — Odair — lo — Erato — acuré — Ni — tocar — enora — noz — sr — II.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: barômetro — ar — rés — ar — baré — temi — aleitaria — carolismo — amar — liar — ro — are — Rn — artralgia.

VERTICAIS: babá — aral — orei — me — esta — rami — oria — ré — Er — til — cara — amor — Ra — orar — Ilél — si — mari — orna — rã.



A FORMAÇÃO DO CEARÁ

EDUARDO TOURINHO

NFELIZ com seu cunhado Frutuoso Barbosa na conquista da Paraíba, o nobre agoriano Pêro Coelho de Souza obteve licença do governador geral Diogo Botelho para uma **Entrada** em Ibiapaba. O objetivo era a preia de índios no Jaguaribe. O **regimento** que lhe foi dado tem a data de 21 de janeiro de 1603. Mas é em julho desse ano que deixa a Paraíba e, por terra, chega do Jaguaribe e acha os três barcos que antes enviara com provisões e armas. Rodeiam-no sessenta e cinco expedicionários, entre os quais estão Manuel Miranda e Martim Soares Moreno — que contava dezoito anos e devia adestrar-se na **língua brasileira**. Da **Entrada** também participaram João Vaz Tataperica e os «línguas» Pêro Cangatá e Tuim Mirim, que era francês. Duzentos índios frecheiros — de que eram **principais** os tabajaras Mandiocapuba, Batatam, Garagatim e o potiguar Guaraguinguira — completaram a tropa. Berredo elevou tal contingente a oitocentos e d'Abbeville a oito ou dez mil homens.

Perto do Jaguaribe, um índio aprisionado informa estarem os seus apercebidos, não desejando comércio com brancos. Mas Pêro Coelho enche-o de presentes: facas, tesouras, machados. Atraída, no dia imediato a tribo achegou-se ao Capitão. Uma taba próxima fez a mesma coisa e, assim, engrossados de cinco mil homens, os expedicionários vararam as brenhas. Alcançam Outeiro dos Côcos, Enseada Grande do Ambar e Mata do Pau de Côres, que o gentio chamava ibiráquatara. Passam Camocim mas, em fins de janeiro de 1604, são — nas faldas de Ibiapaba — atacados pela indiada que sete franceses armados de mosquete comandam. A gente de Pêro Coelho repele os atacantes e acampa. Mas à noite — sob os rigores da sede e da fome — sofre novo ataque. Dia claro, os da serra sopram numa «trombeta bastarda» e Tuim Mirim, respondendo adequadamente, vai com eles parlamentar.

Para consertar pazes, «Diabo Grande» — chefe dos contrários — exige a entrega de Manoel Miranda e do «língua» Pêro Cangatá. Na certeza da recusa, com os seus desce a serra e contra os expedicionários combate até cair a noite. Na manhã seguinte, é o Conquistador que sobe a montanha e vai desalojar o inimigo da paliçada em que se enrincheirara. Avançando mais, destrói a «cerca» de «Mel Redondo» — outro chefe rebelde — e persegue os selvagens até o rio então conhecido como Arabé. Improvisa um arraial e, combatendo nas cercanias, aprisiona Ubaúna — **principal** de valia — que o gentio vê-se forçado a resgatar celebrando a paz.

Pêro Coelho alcança Puncaré e pensa em chegar ao Maranhão. Mas tais desígnios se opõem os soldados. Na terra que chamou Nova Lusitânia e na Nova Lisboa — o povoado que fundou — deixa o Conquistador quarenta e cinco soldados sob o comando de Simão Nunes. Regressa a Paraíba e, prisioneiros, envia ao governador Diogo Botelho dez franceses e numerosos indígenas. Em troca, solicita ajuda para continuação da conquista. Mas o preiamento de silvícolas provocou, na Bahia, a reação dos inicianos e isso impediu qualquer auxílio por parte do governador.

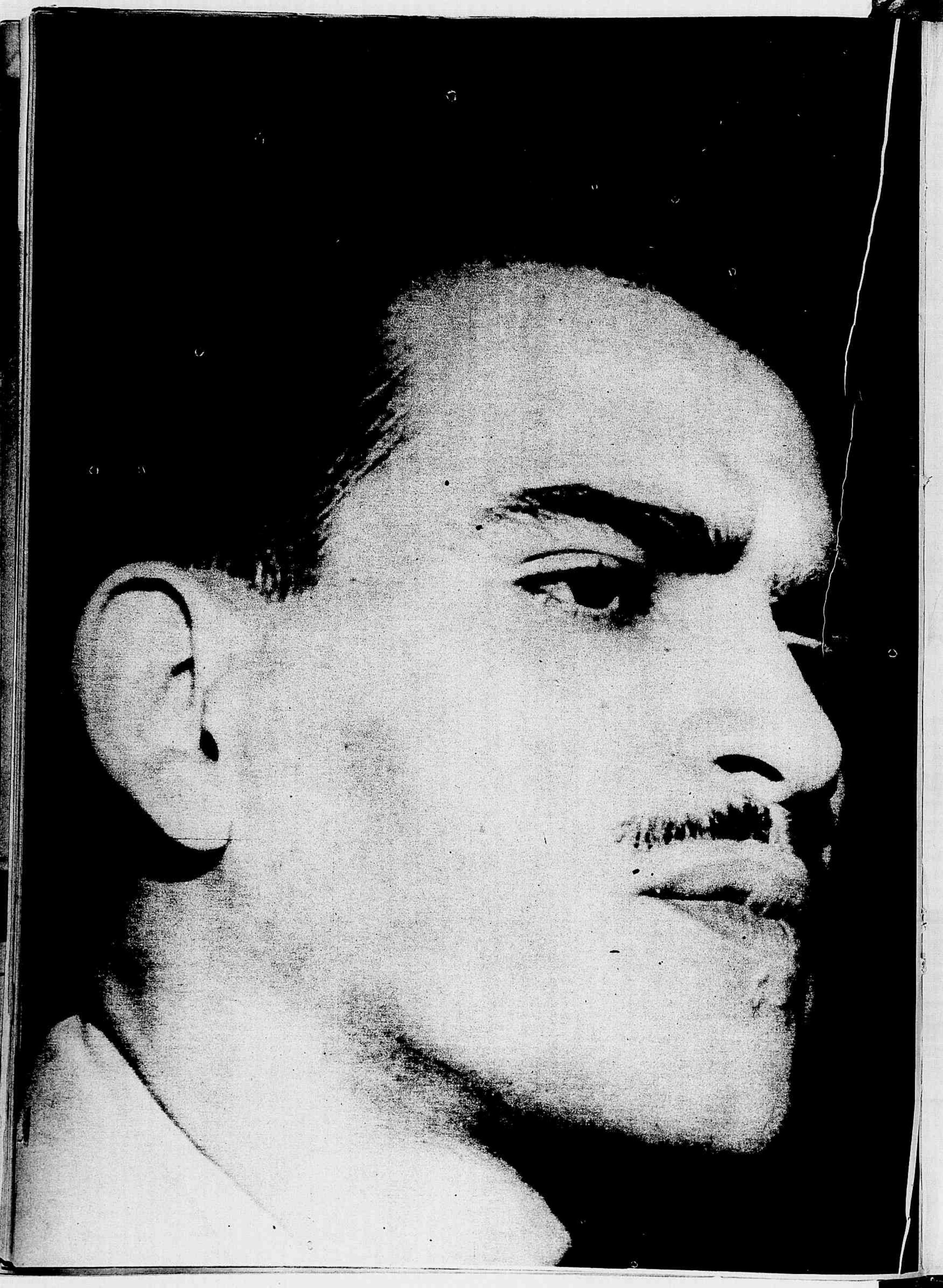
Tupinambás. Numa caravela, em 1605, ao Ceará volta Pêro Coelho com a esposa — D. Tomásia — e os filhos. A Simão Coelho e aos soldados um ano e meio antes no Ceará deixados, encontra baldos de todas as resistências. Logo pediram ao Capitão licença para acampar junto ao Jaguaribe, onde achariam os cobiçados recursos. Mas atravessam o rio e, em seguida, fogem...

Assim, com dezoito homens estropiados, a mulher, os filhos e o índio Gonçalo, sentiu o Conquistador só lhe restar a volta a Paraíba. Numa coluna — filhos na frente, os soldados no meio, ele e a esposa na retaguarda — empreende a retirada. Mas a Sêca calcinava, a luz fervia, a terra queimava. Pouco depois, teve de transportar nos ombros dois de seus filhos. Ainda assim a todos alentava sua inquebrantável coragem e, assim, todos passaram heróicamente à História como os primeiros **flagelados**, os primeiros **retirantes** do Ceará. Na noite do terceiro dia de marcha, dessedentam-se numa cacimba, mas — temerosos de ataques do gentio — novamente se põem a caminho. Morre um soldado e outros instam com o Capitão para que os deixe ao lado do companheiro. Mas a alma dura de Pêro Coelho reergue-os e a travessia é recomeçada. Outro soldado sucumbe e D. Tomásia — a esposa do Conquistador — pede-lhe que se salve e ali a deixe acabar na companhia dos filhos... Mas seguem adiante, vêem a cacimba de Água Amarga — de onde ninguém pode beber — e, vencendo mangues onde aratus crus foram saboreados como se um manjar fôra — os retirantes alcançam Água Maré. Nas salinas potiguares, assistem passar o barco enviado em seu socorro que — do largo — não os vê. E o bando de esqueletos ambulantes «que o vento derribava» volta a mover-se sobre a areia escaldante. Tomba para sempre o filho mais velho do Conquistador... Mas, enfim, pela praia branca — tal uma miragem — gente caminha... E' — crucifixo alçado — o vigário do Rio Grande do Norte. São índios, rédes, mantimentos. E' a salvação. Em Natal, Jerônimo de Albuquerque — pela segunda vez governador — acolhe-os e, em 1606, lá-los voltar a Paraíba. Mais tarde seguiu Pêro Coelho para Madri, onde gastou anos a pleitear compensações. Nada obteve e na Europa encerrou seus dias, sem mais ter voltado ao Brasil.

♦ A 20 de janeiro de 1607 — a partida de Recife — começa a malograda tentativa dos jesuítas Luís Figueira e Francisco Pinto para início da catequese dos selvagens do Ceará.

Acompanhados de quarenta índios potiguares, tabajaras e tupinambás chegam ao Jaguaribe. A pé, empreende a subida da Serra de Ibiapaba. Mas a 11 de janeiro de 1608 sofrem o terrível ataque dos Tocarijus. A golpes de tacape, sucumbe o padre Francisco Pinto. Numa carta que o barão de Studart teve a primazia de publicar, narrou o padre Figueira a morte do companheiro. Os Tabajaras, depois, moveram aos Tocarijus uma guerra de extermínio e a tangapema que fulminou o padre Pinto foi mandada para o Colégio dos Jesuítas, na Bahia. Mas Martim Soares Moreno — que serviu no Forte dos Reis Magos — visitava de quando em quando o Ceará. Cultivava a amizade de chefes indígenas. Por volta de 1610 é mandado por D. Diogo de Menezes ao Ceará acompanhado de um clérigo e dez soldados. No ano seguinte ou no começo de 1612 ergue um forte que dá lugar à capital cearense: Fortaleza. Bravo e tenaz, gabava-se Martim de em Iguape e Mucuripe — guerreando nu, corpo negro-azulado de jenipapo, manejando arco e flechas — haver matado a mais de duzentos franceses e flamengos.

♦ Mas a Pêro Coelho, o Ceará fascinava. Um misterioso **Siará** que Alencar traduziu como **canto da jandaia** e Teodoro Sampaio como **canto ou fala do papagaio**. Filiando a palavra a vozes karirys, Capistrano julgava-a não traduzida satisfatoriamente. E' que na época da conquista, a terra cearense era muito dos Karirys e algo dos Potiguares e dos



BANDEIRA SAIU DA PENITENCIÁRIA PELA SEGUNDA VEZ

«SAIU MAS AUTORIZADO PELO JUIZ», ESCLARECE O DIRETOR ★ «FOI O MEU SUBSTITUTO QUEM AUTORIZOU», AFIRMA O JUIZ ★ ORDENS E CONTRA-ORDENS ★ O EX-TENENTE BANDEIRA MOVIMENTA-SE DENTRO DA PRISÃO, EXECUTANDO SERVIÇOS DE SECRETARIA E FOI ELE QUEM RECEBEU O REPÓRTER

Reportagem de W. GUARNIERI

O NOME do ex-tenente Bandeira voltou a figurar com destaque no noticiário dos jornais. Afirmaram que ele só comparecia à Penitenciária da Rua Frei Caneca para dormir... E que esse privilégio fora descoberto no sábado, 8 de abril, quando do casamento de uma sua irmã, no Leblon, ocasião em que o ex-tenente ausentara-se do presídio para comparecer à cerimônia.

Com o objetivo de esclarecer o assunto, fomos à Penitenciária do Distrito Federal. Ouvimos o secretário do Diretor, o juiz da Vara de Execuções, vários funcionários, um fã incondicional do sentenciado, que por lá se encontrava e que nos fez revelações inéditas — e finalmente, o próprio Alberto Jorge Franco Bandeira.

SAIU COM AUTORIZAÇÃO

Depois de preenchidas as formalidades de praxe para ingressar nas dependências da Penitenciária, a primeira pessoa com quem topamos já na ante-sala do diretor, foi justamente o réu do crime do Sacopã.

Sem que nos tivéssemos identificado como jornalistas, Bandeira nos atende cortêsmente:

— O Diretor não está. Mas, pode aguardar um momento que vou chamar o secretário dele.

E sumiu pelos corredores.

Com a chegada do sr. Cardênio Jayme Dolce, secretário-assistente do Diretor Hildebrando de Góis Cardoso, obtivemos a confirmação da saída de Bandeira para assistir ao casamento da irmã.

— Sim. Bandeira ausentou-se da Penitenciária — informa-nos — mas o fez devidamente autorizado pelo juiz da Vara de Execuções. E foi justamente para assistir ao casamento de sua única irmã. É um bom moço. Todos gostamos dele aqui. Diligente, atencioso, tem-se revelado de excelente comportamento. Serve até comigo aqui na Secretaria, em trabalhos de rotina, como auxiliar de escritório.

«JÁ BASTAM OS DISSABORES...»

Era dia de pagamento na Penitenciária; o ambiente era, pois, de euforia. O secretário-assistente convida à nossa presença o ex-tenente para que ele mesmo consinta em que sejam colhidos alguns flagrantes fotográficos.

Aí, então, pudemos observá-lo melhor. Bem barbeado, fisionomia tranqüila, mostra um aspecto de «garotão» em férias permanentes... Veste blusão branco, por cima das calças cinzas. Franze o sobrolho, quando de nossa indagação e a sua resposta vem rápida demais para que possamos argumentar:

— Meu advogado proibiu-me de receber jornalistas... Prefiro, sinceramente que o senhor não publique nada a meu respeito.

Põe as mãos para trás e vira o rosto, de cenho ainda franzido:

— Já bastam os dissabores por que venho passando — disse.

Com a chegada de outras pessoas, ao que parece visitantes, Bandeira aproveitou a deixa para esgueirar-se para fora da sala. Aproveitamos a oportunidade para despedir-nos, com intuito de alcançar o ex-tenente lá fora no corredor.

— Pois é isso. — Esclarece o sr. Dolce. As saídas de sentenciados sempre foram uma praxe aqui dentro. Presidiários houve, em administrações

passadas, que chegavam a ficar fora por mais de 5 dias... É um procedimento de rotina, e faz parte do plano de recuperação do condenado. Evidentemente as licenças não são concedidas assim sem mais nem menos... É preciso que o interessado tenha bom comportamento e preencha ainda outros requisitos a juízo da Administração.

CASAMENTO DA ÚNICA IRMÃ

Nossa retirada foi estratégica, pois Bandeira lá estava no corredor.

— Então, Bandeira?

— Fotografias, não, por favor.

A conversa toma rumo banal. Flamengo, tricampeonato, etc. Mas, Bandeira não está interessado em nada disso. Voltamos ao nosso objetivo:

— Haverá mais casamentos ainda na família?

— De irmã, não. Pois é a única que tenho. Compareci ao ato religioso, em casa, devidamente autorizado pelo juiz, e regressei. Nada mais.

«SOU INOCENTE. NÃO ACEITO INDULTO!»

Insistimos para conhecer sua opinião a respeito dos últimos pedidos de «habeas-corpus» feitos em seu favor.

A sua reação foi violenta:

— Não autorizei coisa alguma! Não encomendei nada a ninguém e nem sei de quem se trata.

E acrescenta agastado:

— Esses pedidos de «Habeas-corpus» só servem para me prejudicar.

— Fala-se também em solicitação de indulto, arriscamos.

A resposta veio, com um olhar feroz para o nosso lado:

— Sou inocente. Não aceito indulto!

Era uma pequena explosão. Bandeira logo se recompõe e pede licença para retirar-se. Caminha apressado em direção à sala onde trabalha. Já perturbado.

FALA O DIRETOR DA PENITENCIÁRIA

Pouco depois, tivemos oportunidade de avistar o Major Hildebrando de Góis Cardoso, atual Diretor da Penitenciária, que nos prestou esclarecimentos a respeito:

— Nas administrações anteriores, e até há pouco tempo, constituía praxe a autorização de saídas temporárias de sentenciados. Eu mesmo, na época em que assumi a direção desta casa, tive oportunidade de conceder esse privilégio a muitos condenados, sempre levando em conta o bom comportamento, o tempo de pena já cumprido e ainda alguns outros requisitos indispensáveis.

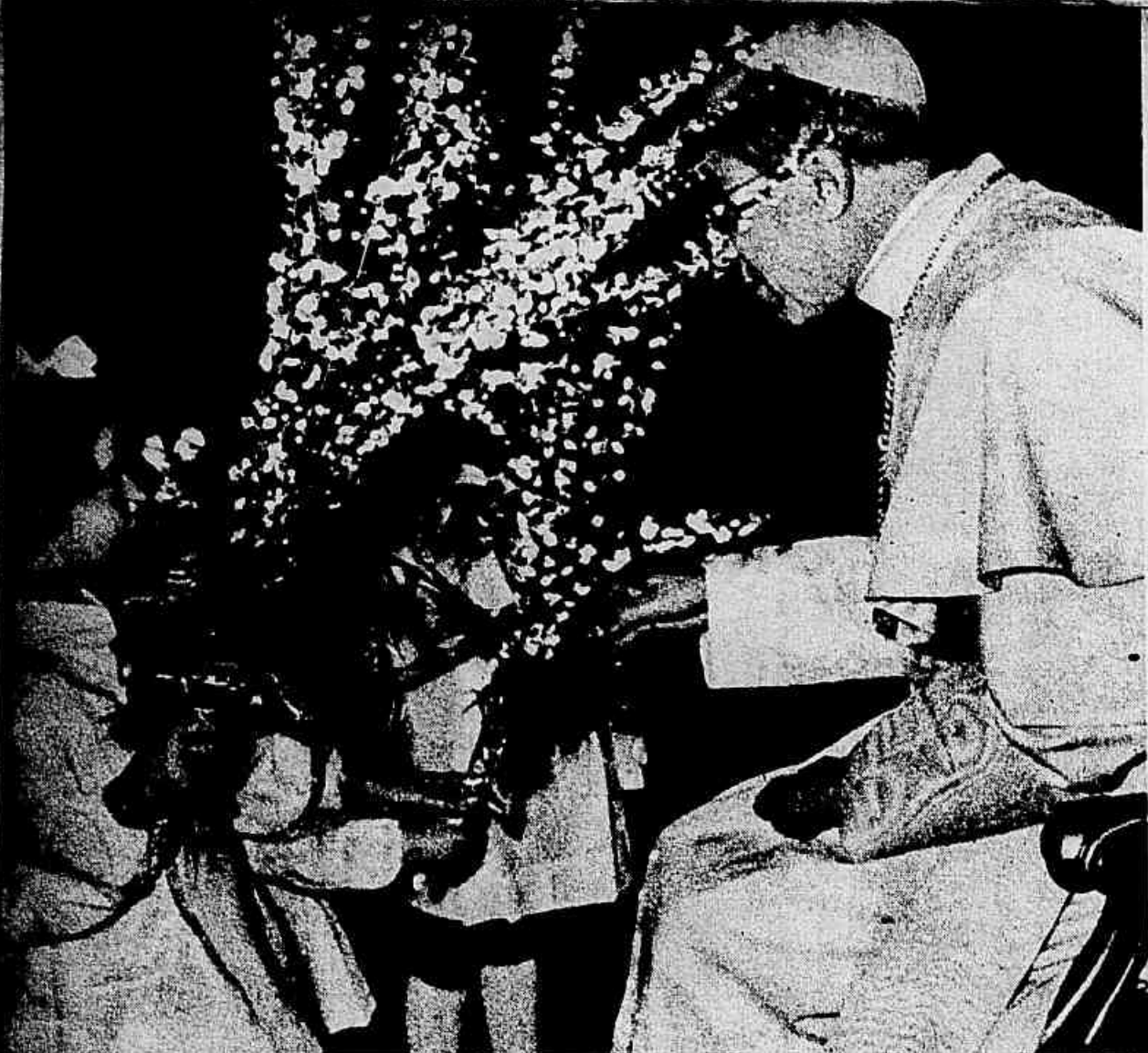
Essas saídas — assim como as visitas de companheiras e esposas dos que cumprem pena neste estabelecimento, obedecem a normas especiais e objetivam proporcionar aos sentenciados um tratamento humano, possibilitando, ainda, a sua pronta recuperação para reintegrá-la na sociedade.

É A SEGUNDA VEZ QUE BANDEIRA SAI

E prossegue:

— No caso desse moço Bandeira, já pelo Natal do ano passado eu havia eu determinações do Ministro da Justiça, autorizando-o a passar a festa

(Continua na pág. 58)



QUANDO COMPLETOU oitenta anos, Sua Santidade o Papa Pio XII recebeu a visita de numerosas crianças do mundo inteiro, que lhe levaram flores, e até dançaram de roda ante seus olhos. Eis algumas das crianças.



EM CUBA, Ernest Hemingway auxilia o ator Gary Cooper a vestir-se. Cooper, que foi o intérprete de «Por quem os sinos dobram» e de «Adeus às armas» no cinema, é um dos maiores amigos do famoso escritor.



O PAI DE GRACE KELLY possui um ginásio, em Filadélfia. Chama-se, êle, John Kelly, e foi campeão olímpico de remo. Ei-lo em plena sala de aulas, entre seus saudáveis e numerosos discípulos e discípulas.



DUETO DE AMOR há pouco executado num Jardim Zoológico inglês, tendo como intérpretes Jill Adams, estrelinha de cinema, e Fifi, delicado chimpanzé, hóspede da casa. Não sabemos se houve «bis» ou aplausos.

POR ÊSSE MUNDO DE DEUS



CADA UM lê como quer ou como pode. Essa pequena italiana, Maria Pia Casilio, por exemplo, prefere ler assim ajoelhada à beira da cama, o que (diz) acelera a circulação sanguínea. Resta saber: a dela, ou a nossa?

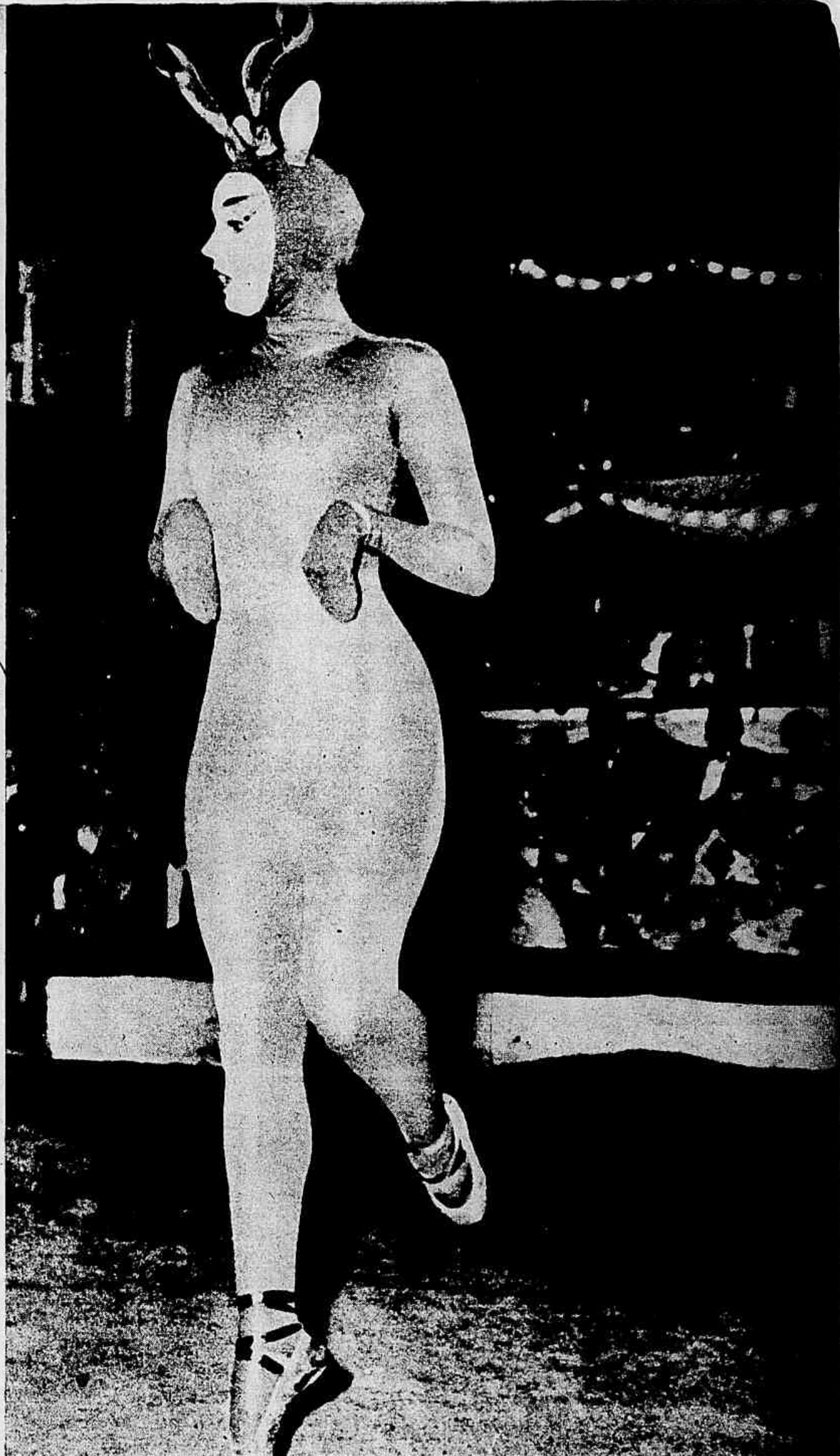


O NOVO arcebispo de Londres, Montgomery Campbell, toma posse da catedral de São Paulo, seguindo velhíssima tradição: na foto, ele bate, com seu báculo, por três vèzes à porta da famosa e bela catedral.



DANIELLE Darieux, que teve sua época, no cinema francês, fotografada em sua residência. Grande amiga dos animais, Danielle possui sete cães, o mais jovem dos quais aqui aparece, nos braços da sua carinhosa dona.

TRAVESTIDA em cervo, Ludmila Tcherina executa, num circo de Paris, um interessante número. O espetáculo, de beneficência, contava ainda com a participação de Jean Marais e de Gabriella Dorziat, e foi um êxito.



STEVENSON, candidato pelo Partido Democrático às próximas eleições americanas, visitou Litchfield, onde os habitantes deixaram crescer a barba, para o centenário da cidade. Esperto como ele só, discursou com uma barba postiça, o que, por si só, já lhe garantiu muitos votinhos...



VALVEZ por falta do que fazer, o Xá da Pérsia com a respectiva cara netade resolveu ir matar tigres em Bharaptur, na Índia. Eis aqui o «herói», ao lado da vítima, convenientemente cercado de soldados, fotógrafos e repórteres convocados para garantir, e testemunhar a grande proeza.

PIAFF. A MUITO GRANDE

Fernando LÔBO

● Quando circulou o boato de que Edith Piaff viria ao Brasil, já não dava mais tempo para ninguém acreditar, tantas e tantas vezes seu nome tinha sido ameaçado. Mas veio e veio para ganhar mais uma praça, aplausos fortes de um público que há muito sabia de sua figura como importância dentro da arte do mundo. Figura de temperamento estranho, de voz estranha e físico mais estranho ainda a notável Piaff, sem os argumentos plásticos que tanto aplacam o público, venceu barreiras enormes, como aquela do "Versailles" em New York e mesmo aqui, agora, no Copacabana Palace. Não somo a sua noite de estréia como um sucesso a ser assinalado pelo público que ali compareceu, público mesclado desse mundo de "granfas" que mal entende, nem pode entender coisas nem questões de arte. Ali estão mais para exibir suas mulheres e elas os seus vestidos e ganhar observações dos outros. Mas isso não vale como comentário. Vale só e sempre Piaff que agora está no ambiente mais tranqüilo do "Meia Noite", que se encontra com um público mais bem comportado que a entende bem e que sem dúvida ela também o entende melhor.



MARINA MARÇAL dançando os últimos dias do «Banzo Aiê».

FRASES QUE NINGUÉM MAIS DIZ :

- "Aqui estão os 50 cruzeiros para a feijoadinha de domingo"
- "Um «getulinho» pra você comprar de balas"
- "Um absurdo o uísque do «Vogue» a 35 cruzeiros"
- "Aqui é do 202, mande uma dúzia de «cascatinha» e bote na minha conta"
- "Um tostãozinho pelo amor de Deus!"
- "Pode deixar que eu pago tudo"
- "Convide a turma toda pra jantar lá em casa".

Roteirinho

Edith Piaff seguirá para S. Paulo exibindo-se na «boite» Lord ★ Do Municipal o côro que acompanha Piaff, no Copacabana Palace ★ Dorival Caymmi nas cogitações de Don Cicilo depois da temporada do Edu ★ Silvio Caldas na praça ★ Aracy viu o Rio e voltou para São Paulo ★ Inezita Barroso que faz sucesso na TV pode ser outro sucesso numa das nossas «boites» ★ E depois da Edith Piaff o que nos dará o Copacabana?



GENE DE MARCO cantava «eu não morro sem ver Paris».

E POR FALAR...

Em uísque. Assumiu a direção da COFAP Frederico Mindelo, paraibano de boa cépa, meu colega de faculdade noutros tempos no velho Recife. Está com as rédeas daquele órgão nas mãos depois de variadas direções terem feito daquilo uma coisa desacreditada. COFAP era, até bem pouco, sinônimo de subida de preço. Também me interesse pelos vários tabelamentos normais: banha, feijão, etc. Mas, deixo aqui a minha sugestão a Frederico Mindelo, para que ponha os olhos no «material» que está sendo servido e sorvido dentro das noites a pessoas de todas as idades: na maioria bebida falsificada, pelo preço que o dono estipula. Bem que poderiam

ser organizados «comandos» para verificar esta verdade, bem como estipular em seguida um preço definitivo para as variadas casas noturnas. «Boites» sem «show» têm cobrado «couvert», «boites» com «shows» têm vendido um líquido que mata como se fosse uísque. A «batida» não é difícil e há muita gente que se prontificará a apontar o «mapa da mina» dessas bandalheiras que têm acabado a boemia carioca e enriquecido os nossos «gangsters» nacionais. E para encurtar a história: nunca se vendeu tanto uísque paulista dentro das garrafas escocesas!...

MAS VAI DAÍ...

Que a maioria dos diretores de jornais impressados pelos seus che-

fes de publicidade começaram a pegar na rua certos tipos de bom físico, bom caminhar e nunca de opinião, para comandar as suas colunas especializadas. Eles entram como se fossem jornalistas, se compenetraram dessa função e escrevem sobre tudo mas sempre com a marca elogiosa: E ganham ordenado enorme, pois ganham por muitos lados. Esses não querem saber nunca onde está o uísque falsificado por duas razões: o deles é de boa marca e é de graça...

NOTAS

◆ J. FOMM acredita que o Mr. Frank reabra uma «boite» no Rio e traga apenas como atrações: Lena Horne, Bill Ekstine ou Nat Cole, pois são eles seus velhos amigos e lhe devem muitas gentilezas. Mr. Frank abriu e fracassou com o seu escurinho «Five O'Clock», que deu uma frequência de certo modo esquisita. Quanto a vinda desses astros por amizade, me parece de certo modo um tanto a base da fantasia. Não porque desacredite que aqueles cartazes não achem Mr. Frank do «peito», mas que eles têm muito o que fazer nos Estados Unidos e adjacências, como diria Ibrahim Sued.

◆ DUAS VELAS — No bôlo de aniversário do «Bacará». Muitos cronistas estiveram presentes e o bonito: todos os artistas que anteriormente se apresentaram naquela casa foram levar o seu abraço a Gigi.

◆ NANAI — Depois de ter dado muito carvão ao «Jirau», Nanai terminou o seu contrato ali e não pensou em renová-lo. Pensou em seguir para o «Cangaceiro» — o bar jeitoso mas sem orientação artística — acabou pensando na vida e querendo abrir um negócio que fosse seu. Assim é que vai nascer o «Nanai's Bar».



AURORA Miranda e Dorival Caymmi: «O que é que a baiana tem?»



Quatro morenas e uma loura



CINCO formosas pequenas do cinema americano realizam neste momento uma de suas maiores ambições: viajar através de vários países. São as cinco Goldwyn Girls que dia 5 de maio chegarão ao Rio. Elas representam o encanto, a elegância e a brejeirice do belo sexo na cidade do cinema.

Susan Alexander é originária do Canadá; Susan Ames é mesmo de Hollywood; Jann Darlyn passou seus dias escolares em São Francisco, Califórnia; Madelyn Darrow também nasceu em Hollywood e é de uma família de artistas; a loura June Kirby, que tem pouco tempo de Hollywood, ganhou alguma experiência como artista de comédia em teatros de Nova York. Recentemente, as cinco foram escolhidas por Samuel Goldwyn para tomar parte no filme «Eles e Elas» (Guys And Dolls), com Marlon Brando no protagonista. Pena que os produtores não o mandassem também, pois nesse caso o interesse redobraria. Principalmente para o elemento feminino... As garôtas medem em média 1m70, pesam 55 quilos e, de modo geral, suas medidas são estas: 91 cms. de busto, 55 cms. de cintura e 91 cms. de cadeiras.

Podem confrontar à vontade...

As pequenas que ladeiam Marlon Brando são, a partir da esquerda: Madelyn Darrow, Jann Darlyn, June Kirby, Susan Alexander e Susan Ames. Em baixo, Susan Ames, que nasceu mesmo em Hollywood.

GENTE E CO PORTU

A PRESENÇA DE CAMILO E EÇA — mas em terras vizinhas: Eça de Queiroz na telha Branco em São Miguel de Seide, loggia. Mortos faz tanto tempo, continuam terrâneos e reverenciados pelas gerações. Póvoa, depara com aquele belo monumento que o romancista nasceu. A casa e outra evidência, conta ao visitante da terra, dos poveiros. E quem vai a São Miguel de casa — agora vai ser museu — onde o a dição», viveu, escreveu algumas de suas os amigos do seu tempo, que eram poucos, rada, sob o controle de velhos moradores. Camilo, para que tudo seja reproduzido, breve, o velho solar oferecerá ao visitante, aquele que ali viveu e muito sofreu.

PÓVOA DE VARZIM — A estátua de Eça de Queiroz — «o pobre homem da Póvoa» — que todos os brasileiros visitam com emoção. Flagrante batido numa rigorosa manhã de inverno.

O INFELIZMENTE quem vai à Póvoa do Varzim já não encontra a casa em que nasceu Eça de Queiroz. São os poveiros os primeiros a lamentar que ela fosse demolida. Erguendo-se no mesmo sítio, uma construção mais nova. Pena, afinal, porque embora a passagem do romancista por aquela vivenda fosse rápida, ainda assim tocara mais e melhor a sensibilidade do visitante, a presença do velho solar. Mas lá está, na casa moderna, a placa elucidativa; nela põem os olhos principalmente os brasileiros, os que mais amam ao «pobre homem da Póvoa de Varzim». E se não encontramos a casa primitiva, ali está, quase em frente, para compensar, o monumento que nos deixa ver um autêntico Eça de Queiroz, em pose que deve ter sido clássica — o monóculo entalado no olho direito, a perna trançada, o jeitão de quem vai contar uma anedota. E principalmente o ar janota, que mostra a simplicidade do homem só em aparência «rafinée».

A poucos quilômetros, outro grande romancis-

ta do nosso idioma está presente em espírito. Camilo Castelo Branco. Lá está, em São Miguel de Seide, a casa em que ele viveu e sofreu, onde produziu muitas de suas obras, e que toda a gente cultua como se fora um templo.

Eça e Camilo podem ter sido, em vida, escritores de personalidades distintas e de temperamentos também opostos; mortos, ali estão, reverenciados pelos portugueses que vieram depois e citados a cada momento, quando é preciso aludir à Póvoa ou ao Seide.

★

Em S. Comba Dão, o pensamento do viajante volta-se, instintivamente, para a figura de Oliveira Salazar.

— Onde é que ele vive, quando aqui vem?

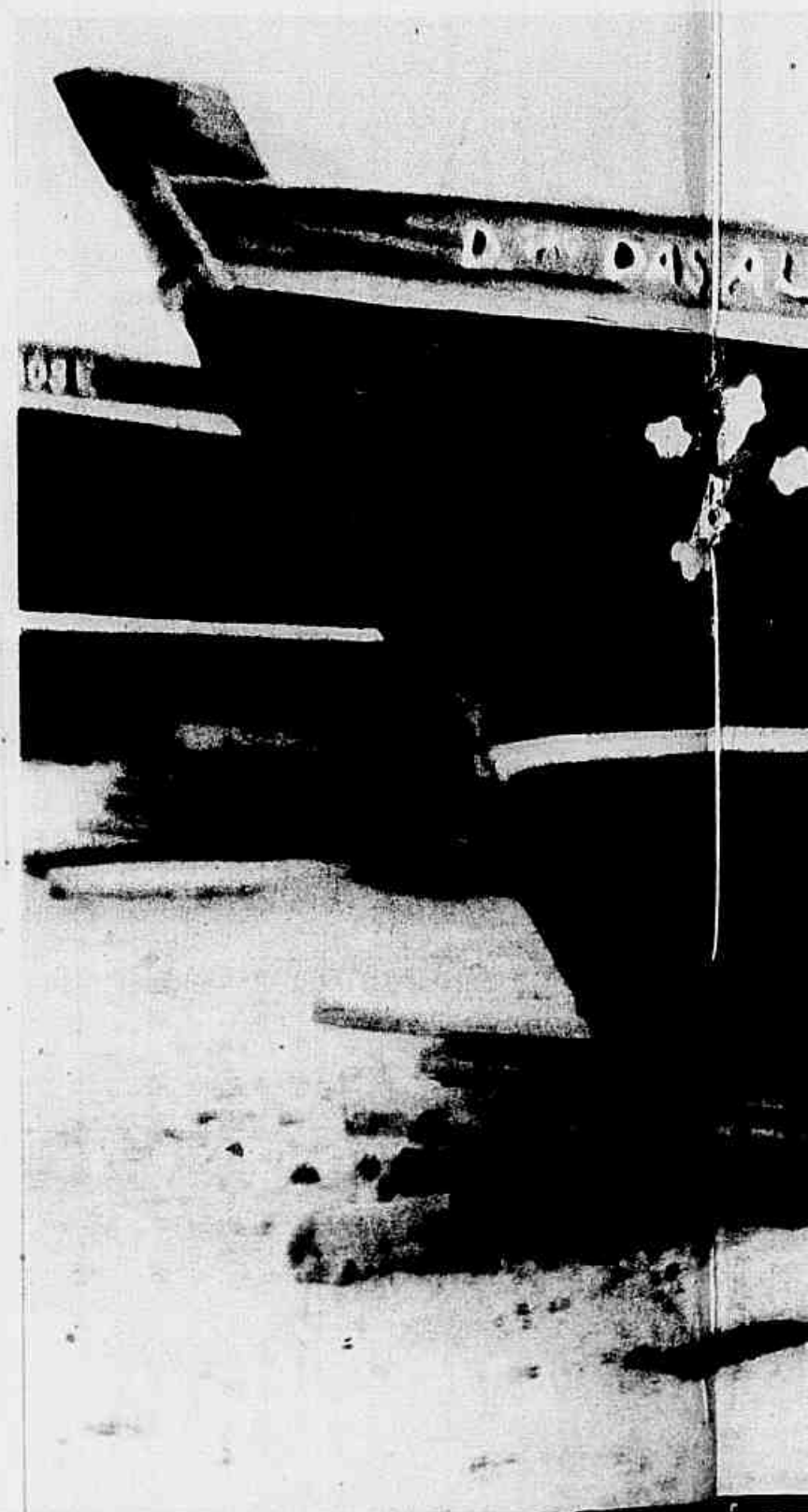
Muitos não de pensar que a casa de Salazar não seja casa, mas um palácio ou na pior hipótese, um palacete. Pois nem verdadeiramente casa, no largo sentido da palavra, chega a ser. O que se depara aos nossos olhos, numa curva

PÓVOA DE VARZIM — A manhã, com o mar violento, não permitiu que os poveiros saíssem nos seus barcos, para a pesca. Eles conversam, em grupos, junto ao «Ala Arriba!»

Texto e fotos de

CELESTINO SILVEIRA

REVISTA DA SEMANA — 32



E COISAS DE TUGAL

O E EÇA — Eles nasceram em datas distintas, a de Quiróz na Póvoa do Varzim e Camilo Castelo de Seide, logo adiante de Vila Nova do Fampo, continuam vivos na memória dos seus contemporâneos pelas gerações que os seguiram. Quem vai à Póvoa do Varzim, o monumento situado bem defronte à casa em Vila Nova do Fampo, a outra, mas na fachada, uma placa em homenagem à terra, o episódio tão grato ao coração de Camilo, a São Miguel de Seide, não deixa de visitar a casa — onde o alanceado autor de «Amor de Perdição» e de suas obras e onde também privou com os seus amigos que eram poucos mas sinceros. A casa foi restaurada pelos velhos moradores da vila, que ainda conheceram a casa e já reproduzido com fidelidade absoluta. E muito interessante ao visitante, reminiscências preciosas da vida que o sofreu.

estátua de
e homem
brasileiros
te batido
inverno.

SÃO MIGUEL DE SEIDE — A casa em que viveu Camilo Castelo Branco, agora restaurada, onde está sendo instalado um museu de recordações do grande romancista português.



PRAÇA
DO
ALMADA



Gente e coisas de...

ja desinteressados e novamente entregues à sua palestra rotineira.

A porta abre-se, uma pequena porta de caso de aldeia, e o rosto simpático de uma senhora idosa, de pequena estatura, vestindo de preto, a pele muito branca para contrastar, o olhar sereno, aparece convidando-nos a entrar. Entramos como se velhos amigos fôssemos, quando em realidade nos víamos pela primeira vez. E lamentamos a ausência do irmão de dona Marta — que talvez ali aparecesse pela Semana Santa, se os afazeres lhe permitissem, dissenos a boa senhora — enquanto ela passava a mostrar os retratos da família, inclusive de seus pais, pendurados à parede. E alguns objetos de uso particular do homem mais falado de Portugal. Tudo simples, humilde e sem aparato, como a própria gente e a própria terra. Por isso mesmo, tudo de um encanto incomparável e tocante.

★

A conversa estende-se pelos minutos adiante e, quando a visita é dada por finda, vamos retirar-nos. Conosco estão dois amigos portugueses, que nos acompanham nessa jornada, desde o baixo Minho até à Beira Alta. Saímos, conduzidos até ao pátio por dona Marta, que se despede desejando-nos feliz viagem.

E quando o carro se afasta, subindo a estrada, para dobrá-la na primeira curva, nossos olhos voltam-se para trás. Pequeninha, de olhos vivos e os braços cruzados, a silhueta escura de dona Marta lá está desenhada e voltada para nós. Intimamente, há de estar renovando seus votos de boa viagem.

da estrada, é uma pequena vivenda de porto e janela, de um pavimento, dessas moradas pobres, sem nenhum requinte nem indício de luxo. Por dentro, é ainda mais humilde. Aliás são duas as casas: uma em que vive dona Marta, irmã mais velha do Presidente do Conselho, e a outra, metros acima da estrada, em que ele vai descansar a cabeça de tantas preocupações, quando encontra a jeito um fim de semana ou umas pequenas férias de verão.

Ninguém pelas imediações, para vigiar. Não há policiamento nem por iniciativa particular. Apenas, a curta distância, alguns homens do povo espiam, curiosos, quando o nosso carro estaciona à porta da casa e a essa porta bate-mos, para trocar algumas palavras com a sua dona. A pequena distância, há uma dessas casas comerciais de comes e bebes, onde se reúnem, em grupos, os trabalhadores das vizinhanças. De mãos nos bolsos e as fisionomias traduzindo curiosidade, eles estendem a vista para onde nos encontramos. Depois voltam as costas,

PÓVOA DE VARZIM —
De madrugada, ao rumar para a praia, o pescador faz a sua prece no oratório da Praça de Almada e sente-se mais disposto a enfrentar o oceano.

SANTA COMBA DÃO — Nessa modesta casa, à beira de uma estrada, nasceu Oliveira Salazar. À porta, a irmã mais velha do mesmo, d. Marta do Resgate Oliveira Salazar.



UM LIVRO

UM POETA PARA INICIADOS

J. R. TEDEIRA LEITE

● JOSÉ PAULO Moreira da Fonseca, que estreara em 1947 com "Elegia Diurna", livro que despertou o entusiasmo de Augusto Frederico Schmidt, o qual nele descobriu os traços de "um verdadeiro destino de poeta", agora, após publicar "Poesias" (1949), "Concerto" (1950) e "Dois Poemas" (1951), fez editar nova coleção de poesias, enfeixando sua produção compreendida entre os anos de 1950 e 1955 (1).

Membro da chamada "Geração de 1945" — geração que engloba poetas de tendências as mais dispare, como, por exemplo, João Cabral de Melo Neto e Ledo Ivo —, José Paulo Moreira da Fonseca é um poeta grave, cuja poesia nos recorda, de leve embora, a de um T. S. Eliot, requerendo um tipo especial de leitor, de sensibilidade e inteligência igualmente apuradas. Poeta para iniciados, já o notara Sérgio Milliet (2).

A prova desse aristocracismo de José Paulo é, por exemplo, aquela mulher de seu poema "O Pêndulo", que exclama: "Quando Leonardo da Vinci morreu no Loire, era assim que eles oscilavam, quando Cromwell foi Lord Protetor da Inglaterra ou Giovanni Battista Pergolesi compôs "La Serva Padrona", era assim". Ou, logo no poema inicial da coletânea, belo e solene poema, "A Tempestade", parte primeira, a frase aparentemente sem relação com o todo: "Que tenta guardar Giorgione de Castelfranco?"

A maior parte dessas citações eruditas dentro do poema dizem respeito à pintura ("Diego Velasquez retrata o menino de Vallecás"), porém há-as também relacionadas à música ("Os reis de Nápoles ouviam Boccherini sob a noite"), ou ao teatro ("All hail, Macbeth! Hail to thee, thane of Glamis! Till Birnam wood remove to Dunsinane I cannot taint with fear").

Há um poema de José Paulo Moreira da Fonseca, porém, que encerra toda a sua Arte Poética: é "Sarabanda", que começa com o verso, bastante significativo:

"Desejo um poema casto e solene".

Todas as chaves da poesia do autor aí podem ser encontradas: a Noite, o Desengano, a Infinda Perda, a Tranquilidade Sem Consólo. Abundam, nos poemas de José Paulo, as citações diretas ou indiretas à Noite: "as campinas da noite" (Tempestade, I), "esta cidade noturna" (Tempestade, II), "Uma noite qualquer, bem me recordo" (Tempestade, III), "os olhos acesos na noite" (Tempestade, IV), "Estrelas são mil, e outras mil cravadas no abismo" (Os Leões), "Era um terreno baldio, era noite" (Noturno), etc. etc. Seria um nunca findar. Há, em José Paulo Moreira da Fonseca, certo encantamento pela Noite — encantamento que está presente, por exemplo, em Oswaldo Goeldi também. Não existirá, por acaso, certa correlação entre algumas gravuras de Goeldi e o poema "Noturno", há pouco citado?

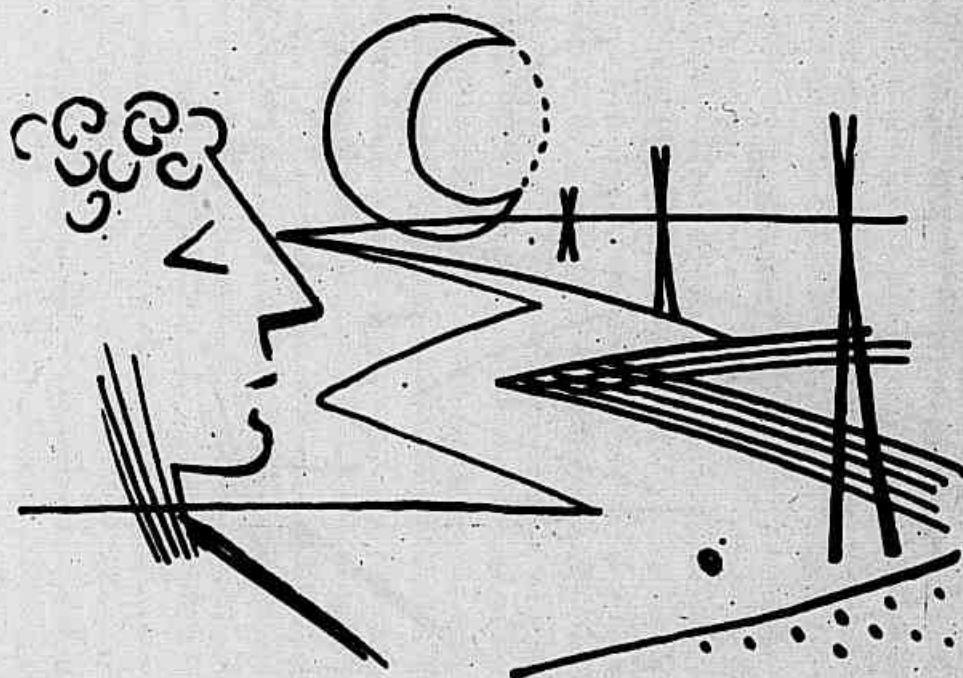
Era um terreno baldio, era noite.
Alguém acendeu a sala da casa próxima,
E conciso, o clarão veio surpreender uma égua
que aleitava sua cria...

O tema do Desengano aparece, aqui e ali, por todo o livro: "Cair. Sempre cair do infundo vazio" (Romance do Arzêdo Barroco, III); "Mas quem não morre em terra estranha?" (No enterro de um Estrangeiro); "Como Ícaro, à mercê da vertigem e do infortúnio, eu caio, Amor" (Canções, IV); "Mas tão rude e sôfrego, que dir-se-ia tudo perdido" (O Galo); e tantas mais. Aparece a Infinda Perda em poemas como Os Degredados ("E sós caminham ignorando em que rumo, feito homens que fôssem morrer"); como Exercício ("tudo... na posse e no tédio perde aquela secreta virtude"). Mas não há desespero, nunca, há a Tranquilidade Sem Consólo de que fala "Sarabanda", há uma calma certamente de fundo cristão, que se traduz no último poema do livro, em versos admiráveis:

Repousa,
Que tal é a paz, é o que somos,
Ainda silêncio e grito, nos quais não separas
A alegria, da dor.

- (1) José Paulo Moreira da Fonseca — "A Tempestade e Outros Poemas". Organização Simões Editôra. Rio, 1956. 140 páginas.
(2) Sérgio Milliet — "Panorama da Moderna Poesia Brasileira". Ministério da Educação e Cultura. Rio, 1953.

POESIA



Esboço de herói

Gosto de ver as árvores plantadas
no terreno claramente exposto
Gosto de ver a mansidão do pai
falando ao filho das coisas da vida
E também gosto do luar que transfunde
perenidade ao ressonar dos justos
Da cantiga sem nome esperando
tranquilidade a todos amanhã
Fundamentalmente eu gosto do rio
que desconhece a solidão dos meandros.

Eu — que me arrisquei no grande labirinto
sem novelo de lã, ou fio, ou corda.

RENATO ROCHA SANTOS
(do livro inédito "Quase Adolescente").

NOTAS

«ROTEIRO LITERÁRIO de Brasil e de Portugal» é uma Antologia da Língua Portuguesa, organizada há cerca de dez anos por Álvaro Lins e por Aurélio Buarque de Holanda e agora apresentada pela Livraria José Olímpio Editôra. São dois grossos volumes, o primeiro dedicado aos escritores portugueses, o outro aos do Brasil. Desde um título de venda de 1161 até ao soneto de Florbela Espanca e ao poema de Carlos Queiroz, no que se refere aos lusos, e do trecho de José de Anchieta ao ensaio de Artur Ramos, pelo que diz respeito aos nacionais, além de traduções e de cantos e contos folclóricos dos dois países, tudo desfila pelas 882 páginas que compõem a edição, valiosa sobretudo para os estudiosos que desejarem ter um apanhado geral, completo e minucioso, das literaturas de língua portuguesa. Louve-se, outrossim, o critério com que foram escolhidos os diversos trechos, e o minucioso trabalho de pesquisa nas fontes, e não — como é costume — em livros similares, critério e trabalho que permitiram evitar inúmeros lugares comuns encontrados em

publicações de tal natureza, e a repetição de erros grosseiros, mormente no que se refere às datas de edições e de nascimento e morte do autor. Livro que, certamente, é o melhor que jamais possuímos no gênero.

«OS ALBUQUERQUE MARANHÃO» é um poema histórico, já em segunda edição, de Petrarca Maranhão. Por ele desfila a saga da família Maranhão e da família Albuquerque. («Não há Maranhão que um dia / Degraus da glória não suba / Se herdou toda a galhardia / Dos heróis de Guaxenduba»).

CARLOS RIBEIRO inaugurou sua «Lojinha Pasárgada», ao lado de sua grande livraria, à rua São José. Original e comovente homenagem ao grande poeta Manuel Bandeira, nela se encontram sobretudo livros franceses.

EURIALO CANABRAVA é o novo chefe da Seção de Enciclopédia e Dicionário do Instituto Nacional do Livro.

O QUE É UM JUDEU?

Pelo RABINO MORRIS N. KERTZER, Diretor de Interreligious Services for the American Jewish Committee (Conclusão)

Exclusividade no Brasil para a REVISTA DA SEMANA. — Copyright United Press. — Segundo de uma série de artigos informativos sobre as grandes religiões atuais, escritos por especialistas em suas respectivas crenças.

EXATAMENTE, o que é um Rabino, e o que faz ele? Literalmente, «rabbi» quer dizer «professor». A autoridade de um rabino, com efeito, baseia-se não em sua posição, porém, nos seus ensinamentos. Um rabino não possui privilégios. E não é, de modo algum, um intermediário entre Deus e os homens. Na prática ortodoxa judaica, raramente é o rabino quem conduz os serviços do culto: disto se incumbem o Cantor. E qualquer leigo que possua conhecimentos religiosos pode subir ao púlpito e pregar para toda a congregação. Não existe hierarquia, na fé judaica.

A influência individual de um rabino está determinada pela sua habilidade em conservar o respeito de seus colegas e conhecidos, como intérprete da lei mosaica.

Um rabino moderno, como um ministro, é responsável pela educação religiosa, pelo culto na sinagoga, e pelas várias cerimônias que dizem respeito ao nascimento, ao batismo, ao casamento e à morte do judeu, bem como pela orientação espiritual dos fiéis.

É fato que, no Judaísmo, a casa é mais importante que o templo?

Sim. Muitas vezes, na História, foram proibidos os judeus de rezarem em público; as sinagogas e os templos foram arrasados ou fechados pelas autoridades. Porém, a vida religiosa judaica continuou inalterada, nos lares.

O centro da vida judaica, de sua religião, de seus costumes é o lar. O judeu encara sua residência como o lugar, por excelência, de cultuar Deus, da mesma maneira como, para ele, o casamento é uma tripla aliança entre um homem, uma mulher, e Deus.

Nossa religião é essencialmente familiar. A mãe que acende os candelabros, para a prece do Sabbath; o pai, que abençoa os filhos à mesa; as inúmeras cerimônias que circundam os dias santos; o «mezuzah» atrás da porta, significando que Deus está presente no lar, são partes integrantes da vida religiosa judaica.

Um semanário católico americano disse, há pouco tempo que «o proporcionalmente ínfimo número de crianças católicas que necessitam de assistência das autoridades públicas não deixa de ser um honroso testemunho do cuidado da família judaica».

Entre os judeus é raríssima a delinquência juvenil, e praticamente desconhecido o alcoolismo. Muito embora o divórcio seja permitido pelas leis do Talmud, a taxa de divórcios entre judeus é baixíssima. Só é permitido o divórcio, aliás, quando o amor e a harmonia acabaram entre os dois cônjuges, quando sua vida em comum é vazia e já despida de significação.

Usam todos os judeus chapéus, quando rezam?

Não. O judeu ortodoxo, por exemplo, usa um barrete ou um chapéu, não apenas quando ora, mas sempre. Os conservadores cobrem a cabeça, ao rezar. Mas os judeus reformados geralmente rezam sem qualquer espécie de chapéu.

Nos tempos antigos, cobriam os judeus a cabeça, durante o culto, levantando seus lenços de oração até à frente, de maneira a cobrir os olhos. Isso evitava qualquer distração, durante a prece, e possibilitava o máximo de concentração durante as orações. O chapéu, ou o barrete, são os descendentes simbólicos daquele véu ritual.

AS LEIS «KOSHER»

No Velho Testamento, livro «Levítico», estão estabelecidas certas regras para a alimentação diária dos judeus:

a) é proibido comer a carne de determinados animais, tais como carne de porco ou de cavalo, e alguns animais marinhos, como, por exemplo, siris e ostras;

b) a carne deve ser preparada de acordo com um ritual especial, e deve preencher condições de sanidade;

c) carnes, e derivados, e leite com seus derivados, não podem ser consumidos numa mesma ocasião. Diz a Bíblia, com efeito, que a carne não deve ser misturada ao leite, antigo costume pagão.

Maimônides, grande médico e filósofo, dizia que as restrições «kosher» eram preceitos de saúde e higiene, mormente no que se refere

ao consumo da carne de porco, que rapidamente se deteriora, nos climas quentes. Viu também esse grande judeu importantes preceitos morais na restrição de certos alimentos, de vez que, se evitamos satisfazer nosso apetite de determinados alimentos, mais fácil ser-nos-á evitar mais tentações que pela vida ocorrem.

Muitas das leis concernentes ao «kosher» dizem respeito ao modo de matar o animal, que não deve permitir que ele sofra. Um animal, com efeito, deve ser morto com o mínimo de dor, e o mais rapidamente possível, por um homem temente a Deus. Incidentalmente, os judeus estão proibidos de caçar.

Os judeus que seguem as leis de dieta não sentem, como tantos imaginam, essa privação com muita intensidade. Encaram as leis «kosher» como um símbolo de sua religião, uma lição diária de auto-disciplina e um constante lembrete de que os homens devem ter piedade pelos animais que o rodeiam, e que lhe fornecem alimento, com o sacrifício da própria vida.

Quanto judeus obedecem as leis dietárias, hoje em dia? Ninguém pode responder com certeza. Um bom índice talvez seja dizer que uns vinte por cento dos judeus, na América, seguem as leis «kosher», estritamente.

O TALMUD

O que é o Talmud?

O Talmud consiste em sessenta e três livros, contendo matéria de natureza jurídica, ética e histórica, escrita pelos velhos rabinos. Foi editado pela primeira vez quinhentos anos antes do nascimento de Cristo. É um compêndio de lei e de tradições, o código legal sobre o qual repousa a lei mosaica, e o livro utilizado no adestramento dos rabinos.

Entrelaçadas com as discussões dos eruditos estão centenas de parábolas bellissimas, resumos biográficos, notas históricas, epigramas e até anedotas interessantes — verdadeiro repatório da sabedoria, hoje, como há vinte e cinco séculos, atualíssimo.

Muitas das frases contidas no Talmud tornaram-se provérbios, com o rolar dos anos. Assim, por exemplo: «Um homem ignorante pode ser um santo», ou «Não olhe para o frasco, mas para a essência que ele encerra».

O TORAH

O que é o «Torah»?

A palavra «Torah» tem duas acepções: em sentido amplo, significa um meio de vida. É, nesse sentido, sinônimo de ensinamento, sabedoria, amor a Deus. Sem ele, a vida não tem valor nem significado.

No sentido mais restrito, o Torah é a essência, pura e bela, dos cinco livros de Moisés — a Bíblia, do Gênesis ao Deuteronômio —, guardada na Arca, na sinagoga. Durante o Sabbath, um trecho do Torah é lido em voz alta no templo.

Quando o Torah é tirado da Arca, ou Altar, levantam-se os crentes. Um judeu piedoso beija inclusive o livro, colocando seu véu ritual sobre



AS VELAS do altar estão sendo acesas. Repare-se no barrete que cobre o crânio do celebrante. No interior do altar, está conservado o Torah — os Cinco Livros de Moisés.

o pergaminho, evitando, pois, que seus dedos toquem diretamente o valioso volume. No culto judaico, é o Torah o objeto de mais alto valor. Pela história, durante tantos séculos, têm-se visto o caso de homens oferecerem a vida para salvar, em determinadas situações, o Torah de destruição ou profanação.

O «YOM KIPPUR»

«Yom Kippur» significa «Dia de Expiação». É o último de dez dias de penitência. Consiste em 24 horas de preces e de jejum, durante as quais o crente — e a congregação em péso — rememora o catálogo das transgressões humanas — orgulho, ódio, vaidade, luxúria, etc. etc. É em tal dia que se faz a prece: «Pai, pequei diante de Ti». Diz aliás o Judaísmo que não só a prece, como também o amor e as boas ações, propiciam aos homens a graça divina.

Conta o rabino Israel Salanter uma história, que aconteceu justamente num «Yom Kippur», com sua congregação. Essa estava muito justamente alarmada, porque, em dia importante como aquele, seu rabino não aparecera ainda. Depois de longa busca, encontraram-no no estábulo de um seu vizinho cristão. A caminho da sinagoga, o rabino encontrara um bezerrinho perdido, de propriedade do cristão. Ternamente tomara o atemorizado animalzinho nos braços e o reconduzira até ao dono verdadeiro. Fôra essa a sua prece de «Yom Kippur».

«ROSH HASHANAH»

«Rosh Hashanah» quer dizer «Ano Novo». Aplica-se ao período de dez dias de Penitência, durante o qual é dado um balanço na vida de cada judeu, que, assim «passa em julgamento diante do Trono Divino». É a época em que os judeus se auto-analisam, comparando o que fizeram com o que deveriam ter feito. O «Rosh Hashanah» do corrente ano, por exemplo, marca o ano judeu de 5.717.

Entre as orações então utilizadas figura uma que pede ao Senhor que cedo mande o dia em que «todos os homens concordem em servi-Lo» — o dia em que a Humanidade, unida fraternalmente, se entregue ao exclusivo serviço da maior glória de Deus.

A PÁTRIA E ISRAEL

Deve um judeu, digamos: americano, obedecer primeiramente à América do Norte, e depois a Israel? Ou tudo se passará ao contrário?

A unidade lealdade devida por um judeu americano é para com os Estados Unidos da América do Norte. Isso, sem «mas», ou «se».

Para o judeu, o Estado de Israel é somente o território milenar de seus antepassados, berço de sua fé e terra onde surgiu a Bíblia. É também, atualmente, a morada de mais de um milhão de judeus, depois de agonias sem conta e de assassinatos em massa ocorridos nos últimos vinte anos.

Certamente, não é de estranhar que todos os judeus, do mundo inteiro, tenham especial afeição por Israel. Nem é de estranhar que a coragem e o arrôjo do milhão de israelenses que atualmente habita o país conquiste a admiração de todos os povos do universo, seja qual for a sua religião.

Porém, emoções religiosas nada têm a ver com deveres políticos. Muitos americanos mantêm ainda fortes laços de amizade com a terra judaica de seus antepassados. Porém, sua lealdade, do ponto de vista político, vai somente para a América do Norte onde nasceram. Também um católico nascido no Japão obedece unicamente ao Japão, do ponto de vista político, e a Igreja Romana, do estritamente religioso.

A seguir: «O QUE É UM CATÓLICO?»

O RABINO-CHEFE Jacob Fink, pregando à comunidade israelita, no templo do Rio. Qualquer crente instruído na Religião Mosaica pode assomar ao púlpito, e falar aos seus irmãos crentes.



CINE-ROMANCE

HORAS DE DESESPÊRO

♦ RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA — Continua a família Hilliard prisioneira em sua própria casa de um grupo de bandidos foragidos da penitenciária. Todas as tentativas de Dan Hilliard para retomar o controle da situação falharam da maneira mais completa. Um dos miliantes acabou por matar um velho servidor da casa, que descobrira, por acaso, o automóvel dos fugitivos na garagem dos Hilliard. O policial Jesse Bard sabe que o grupo está na cidade, porém ignora o ponto exato em que se encontra. As buscas prosseguem, porém.



A FIM DE evitar que o namorado saiba que sua família está em poder de um grupo de assassinos, Cindy Hilliard força um rompimento com o atônito e inconsolável Chuck.

DEPOIS que entregou a um mensageiro seu bilhete dactilografado para ser dado à polícia, sem revelar sua identidade, Dan Hilliard voltou para seu escritório. Ali, encontrou-se com o jovem Chuck Wilson, que o aguardava. O rapaz, depois de pedir desculpas por incomodar Dan, disse-lhe que tinha certeza de que havia algo de errado com Cindy Hilliard.

Dan tentou afastar Chuck, pretextando cansaço, porém o rapaz não se deixou abater, e continuou falando.

— Cindy está abatida, como se passasse as noites em claro. Tem os olhos brilhantes, como se chorasse diariamente. Se sou eu a razão...

— Não, não é você a razão.

A voz de Dan era seca e incisiva. Mas Chuck insistia mais e mais. O outro acabou por dizer-lhe:

— Chuck, não se meta nisto.

Ferido e espantado pelo tom de voz de Dan, Chuck indagou-lhe, estupefato:

— O senhor nem se importa?! Que espécie de pai é acaso?

O ruído do aparelho de comunicações interrompeu a conversa: «mr. James» chamava ao telefone.

Era Kobish, utilizando o nome de guerra que Glenn lhe dera. Dizia a Dan que se encontrava num ponto determinado em um subúrbio da cidade, e pedia que o outro, ao voltar para casa passasse por ali, para apanhá-lo. Assim que percebeu a voz do bandido, Dan pediu a Chuck que se retirasse para a outra sala, pois aquele era um assunto particular. Chuck o atendeu.

Então, Dan recusou-se a obedecer às ordens de Kobish. Kobish, porém, afirmou que, ou Dan o buscava, onde estava, ou então ele mesmo telefonaria para a polícia, usando o nome de Dan, e depois para o próprio Glenn, dizendo que Dan o denunciara. E' claro que o chefe tomara, então, as «providências» necessárias...

Aterrorizado, Dan exclamou:

— Espere! Dentro de uma hora aí estarei para apanhá-lo. E' que não posso ir mais cedo.

Dan saiu como um raio, do escritório, sem sequer olhar para o jovem Chuck, ou para a secretária, intrigada.

x x x

Jesse Bard Carson, do F.B.I., e Frederiks, da Polícia Estadual, juntamente com outros policiais e soldados, estavam junto ao cadáver de Patterson, havia pouco encontrado, naquela clareira, por um patrulheiro. O comissário confirmava que fôra um calibre 38 o causador da morte de Patterson. Ora, calibre 38 usavam também os bandidos escapados da Penitenciária. Quem sabe o matador não fôsse justamente um desses bandidos? Quando Bard disse isto, Frederiks achou graça:

— Ora, Bard, também estás com essa obsessão? Não é possível! Não podes culpar Griffin de todos os crimes ocorridos no Estado!

— Pois então me diga quem, senão aqueles três patifes, teriam necessidade de liquidar com um velho como Patterson?!

Após o que, deu as costas para Frederiks.

e pediu a seu auxiliar, Winston, que lhe arranjasse os nomes de todos os fregueses de Patterson, de vez que, muito provavelmente, um daqueles fregueses fôra a última pessoa a ver o leiteiro com vida.

x x x

Enquanto levava Kobish para casa, Dan apenas notou que algo de horrível tinha acontecido, quando viu Kobish que, tirando o revólver do bolso, pôs-se a sorrir sãdicamente, ao observar que no tambor restavam agora apenas três cápsulas!...

Dan e Kobish penetraram pela porta da cozinha, e logo deram de cara, na sala de estar, com Eleanor, que se fazia acompanhar de Miss Swift, jovem professora de Ralphie. Eleanor saltou da cadeira, quando viu o bandido, o qual imediatamente se escondeu num vão da cozinha. Dan salvou, porém, a situação, pois percebeu que tinha de salvar, a qualquer custo, a vida da pobre professora. Disse, pois, que encontrara um velho amigo, Kobish, num bar, e parece que ambos tinham bebido um pouco mais do que seria de desejar... A mestra ficou espantadíssima quando Dan cambaleou diante de sua figura. Levantou-se, pedindo humildemente desculpas a Eleanor, por ter presenciado cena tão degradante. E estava a ponto de retirar-se, quando Ralphie, penetrando, como sempre, às carreiras, na saleta, estendeu-lhe o caderno de exercícios, com o último efetuado por ele havia apenas alguns momentos. Tomando-o e juntando-o aos demais livros e cadernos, ia retirar-se a moça, quando Dan, enbargando-lhe os passos, arrebatou-lhe o caderno do filho das mãos, ao mesmo tempo em que lhe perguntava:

— C queêêêê? A senhora encoraja essas composições horrorosas desse pirralho?

A, gastada, Miss Swift retrucou:

— O senhor não está em condições de discutir coisa alguma neste momento.

Percebendo que conseguira fazer a jovem acreditar que estava realmente bêbedo, Dan prosseguiu:

— Bem, pode ser... Esperarei, para ler amanhã... Que tal, um golesinho, miss Swift? Sejamos bons amigos, está bem?

Dessa vez a moça enrubescou, e retirou-se. No minuto seguinte os três bandidos penetravam na saleta, e felicitavam, às risadas, o desempenho de Dan, que, segundo Glenn, fôra perfeito. Nem no cinema vira jamais outro tão bom. Depois de rir um pouco às custas do pobre chefe de família, Glenn exigiu que este lhe entregasse o caderno do menino. Como Dan não o fizesse, arrancou-o violentamente de suas mãos, e leu, no mesmo, as poucas linhas que Ralphie nêle escrevera: «Querida Miss Swift, traga-nos auxílio o quantos antes, por favor...»

— Garôto sabido, disse Glenn. Mas infelizmente, a sabedoria do danadinho falhou...

Por êsse tempo, Eleanor contou, soluçando, o caso de Patterson ao marido. Os seus soluços aborreceram Glenn, que a mandou retirar-se para seu quarto.

Então, quando ficaram sós, Dan tirou do bolso um envelope contendo dinheiro, e estendeu-o a Glenn, dizendo que tinha chegado pelo correio, à tardinha. Abrindo o envelope, e contando calmamente as cédulas, Glenn perguntou:

— A tardinha? Hum... Mas não dava tempo, creio eu. Pois Helen não me disse que pusera o envelope hoje de manhã? Bem, de qualquer modo, dinheiro é dinheiro, sempre ajuda... Muito obrigado, Dan...

Quando Hal soube que o que Dan entregara a Glenn fôra suas próprias economias, propôs ao irmão que não esperassem mais o dinheiro prometido por Helen, mas que se retirassem logo. Glenn porém rejeitou a idéia, dizendo que o pessimismo de um rapaz bem pode levá-lo, antes do prazo, à morte...

— É. A morte é aonde iremos todos, dentro em pouco, se você continua com sua obstinação...

Glenn então virou-se para Kobish, perguntando-lhe pelo revólver que lhe emprestara. O homenzarrão tirou-o do bolso, mirou-o com agrado, nas mãos robustas, virou-o e revirou-o entre os dedos, e depois, sorrindo sempre, disse que se sentia muito feliz com a arma no bolso, e que tencionava conservá-la em sua companhia...

Dan resolveu aproveitar-se da situação. Disse que deseja fazer saber a Glenn que tinham combinado que, quando o bandido partisse, le-

(THE DESPÉRATE HOURS)

CAPÍTULO VI

Glenn Griffin	HUMPHREY BOGART
Hal Griffin	DEWEY MARTIN
Sam Kobish	ROBERT MIDDLETON
Dan Hilliard	FREDRIC MARCH
Eleanor	MARTHA SCOTT
Cindy	MARY MURPHY
Ralphie	RICHARD EYER
Cuck Wilson	GIG YOUNG
Jesse Bard	ARTHUR KENNEDY

«Screenplay» por JOSEPH HAYES — Novelização de GIULIO ANFUSO — Direção de WILLIAM WYLER — Produção da Paramount Pictures

varia alguém como refém. Queria que Glenn o levasse, e a mais ninguém!

A voz sarcástica de Glenn veio interrompê-lo:

— Na hora, eu lhe direi o que fazer, papai... Tão cedo quanto chegue aqui a bolada, eu o levarei a passear conosco, menino... E até lá, já sabe, não vá procurar encrencas...

— Isto é uma promessa, Griffin.

— E' claro, é claro: promessa é promessa. Mas lembre-se: nada de encrencas...

Quando Dan subiu para o quarto, Glenn puxou o irmão para um canto.

— Hal, eu sei o que o preocupa. Mas não se afobe: se a causa é aquela pequena, nós a levaremos também, só para você...

Dan bateu amigavelmente no ombro do rapaz, mas êsse se desvencilhou, com ódio, das mãos do irmão, dizendo-lhe:

— Tu me achas capaz de aceitar tal oferecimento?

(Cont. na página 58)



DAN entrega dinheiro de seu bolso, como se fôsse o de há muito esperado, a Glenn. Esse agradece, e afirma que continuará aguardando a bolada prometida pela pequena...



AVENIDA
SANTOS DUMONT, 894
NOVA IGUAÇU
ESTADO DO RIO

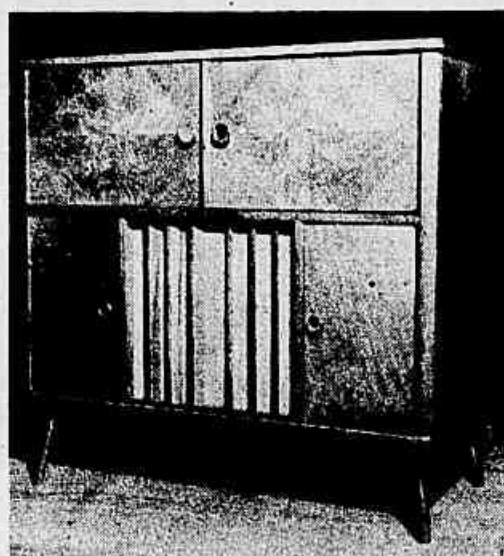
FABRICANTES especializados de caixas e móveis
para rádios e vitrolas nos estilos clássicos

CHIPENDALE

RÚSTICO

COLONIAL

bem como de novas linhas
modernas em Pequia Marfim
ou Imbuia, nos gêneros
FRANCÊS, RETANGULAR, etc.



QUALIDADE, DURABILIDADE, Magnífica apresentação

Tôdas as nossas caixas

(HI — FI) ALTA FIDELIDADE

A venda nas melhores casas do ramo

EM QUALQUER PONTO DO
BRASIL QUE V. S. RESIDA

O MUNDO
PORTUGUÊS

UM JORNAL PARA O BRASIL E PORTUGAL

*Estará Tôdas as Semanas ao Seu Alcance. Seja
Assinante Dêste Moderno Semanário e Esteja em
Dia Com os Acontecimentos da Pátria de Camões!*

Assinaturas:

AV. RIO BRANCO, 277 - 12.º - GRUPO 1.203 FONE 32-0499
RIO DE JANEIRO

LEIAM

ESPORTE
ILUSTRADO

TUDO SOBRE ESPORTES
AS QUARTAS-FEIRAS — PREÇO: CR\$ 5,00

MÚSICA

BOLIVAR COSTA

FESTIVAL MOZART

◆ Inaugurou-se no dia 14 de abril próximo passado, no Teatro Municipal, a Décima Sexta Temporada da Orquestra Sinfônica Brasileira, com o já de há muito esperado «Festival Mozart», que contou com a participação do violinista Oscar Borgerth e do soprano Lia Salgado.

Notamos, logo de início, que o nosso principal conjunto orquestral apresentou-se sensivelmente melhorado, tendo, sob a firme direção do maestro Eleazar de Carvalho, se conduzido com invulgar maleabilidade, sobretudo na interpretação da «Sinfonia N.º 40, em Sol Menor». Também o famoso «Concerto Para Violino e Orquestra, em Ré Maior, K. 218», teve condigna execução, salientando-se a excelente participação do violinista patricio Oscar Borgerth. Da recente apresentação dêsse «virtuoso» na França, vale a pena transcrever as palavras do crítico H. de La Grange, referindo-se à sua estréia em Paris: «Borgerth não se classifica entre os violinistas atordoantes, mas muitas vezes intragáveis, da escola russa, nem entre os intérpretes robustos, porém quase sempre deficientes, do ponto de vista técnico, da escola alemã. Ao contrário, Borgerth é uma personalidade musicalmente sólida e atraente, não obstante ser ainda um pouco tímido». Em que pese esta restrição final, que, se verdadeira, possui um sentido mais

psicológico do que propriamente artístico, não temos receio de reconhecer em Borgerth um intérprete de grandes qualidades. Ainda que até certo ponto impessoal — o que provavelmente lhe atribui maior perfeição formal — trata os temas com pureza e vivacidade, refazendo, a cada momento, a dose de expressividade obliterada pela preocupação técnica.

Quanto ao soprano Lia Salgado, que cantou a ária «Voi Che Sapete», da ópera «As Bodas de Fígaro», e «Exultate Jubilate», absolutamente não correspondeu à expectativa. Sua voz não possui o calor, nem a docilidade requeridas para a interpretação da obra mozartiana. Ressente-se quase por completo de força expressiva, carecendo mais ainda de colorido — qualidades indispensáveis a uma cantora do porte que a sra. Lia Salgado se pretende. Certamente, muitos dos que estiveram no Municipal naquela tarde, se perguntarão quais os motivos determinantes da escolha de Lia Salgado para participar da estréia da Temporada. A êsses diremos que do prestígio oficial ninguém se livra, ou melhor, todos se aproveitam. Enfim, não devemos esquecer que a Orquestra Sinfônica Brasileira muito depende do Ministério da Educação e Cultura.

DISCOS

RECITAL DE HARPA DE EDWARD VITO. — Em interessante disco de 12" (doze polegadas), temos agora uma excelente seleção a cargo do ex-harpista da Orquestra Sinfônica da NBC, Edward Vito. Essa gravação — densa e límpida — consta do «Concerto em Dó Maior para Harpa e Cordas» de Mozart (arranjo da Sonata em Dó Maior para Piano, K. 545, pelo próprio Vito); do «Concerto em Si Bemol Maior, opus 4, N.º 6» e «Passacaglia em Si Bemol Maior», da Suite para Cravo, N.º 7 de Handel (arranjo de Vito); «Jeux d'eau» de Salzedo, originariamente composto para harpa; «Arabesques N.º 1 e N.º 2» de Debussy (num arranjo de Henrietta Renie); «Prelúdio em Dó Maior, opus 12, N.º 7» de Prokofieff, também composto para harpa; e finalmente, «Dança Espanhola N.º 1» de «La Vida Breve», de Manuel de Falla (ainda num arranjo de Edward Vito). Tôdas as adaptações são magníficas, ressaltando-se a execução, que é de grande estilo. — CLP — 12010 (Copacabana).

x x x

VALSA DE TCHAIKOWSKY. — Trata-se de uma seleção de valsas de Tchaikowsky, pela Orquestra Sinfônica da RCA Victor, sob a regência de Fritz Reiner. Interpretação apurada, num disco de 10 polegadas (sêlo vermelho), que contém a Valsa da Quinta Sinfonia, a conhecida Valsa da ópera Eugen Onegin, a «Valsa das Flores» da «Suite Quebra Nozes», a do «Lago dos Cisnes», e por último a de «Bela Adormecida». — BRL — 3000 (RCA Victor).

◆ NOTICIÁRIO — Após os sucessos conseguidos na estréia da Temporada dêste ano com a dupla Gulda e Klein, e posteriormente, com as «Marionetas de Salzburgo», ABC-PRO ARTE, darão prosseguimento ao seu magnífico programa. Ainda em maio apresentarão o «Quarteto de Budapeste», em junho Rudolf Firkusny (pianista) e Isaac Stern (violinista); a cantora negra Glória Davy e a Orquestra de Câmara de Berlim (julho); a seguir, teremos o pianista Louis Kentner e Tamara Toumanova. Encerrará a Temporada um «Festival Mozart».

Os revendedores

ELGIN

desafiam

seu poder de atenção!

resolva aqui o
GRANDE TESTE

Há um
tesouro em
sua **ELGIN**

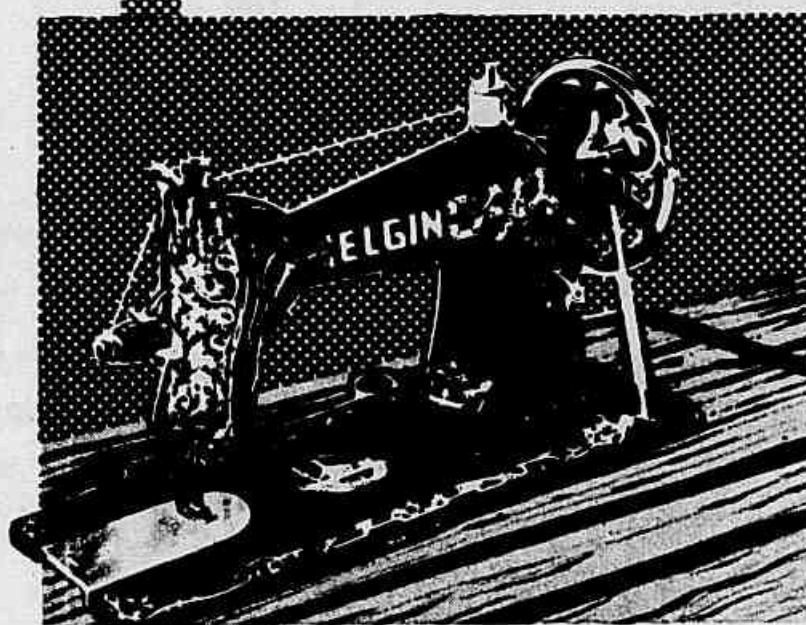
- Conte quantas **ELGIN** podem ser formadas com as letras da arca.
- Preencha no seu Revendedor **ELGIN** mais próximo a fórmula apropriada dando o resultado do teste.
- Se o seu resultado for o certo, V. receberá pelo correio um interessante passatempo - grátis!
- Só serão consideradas as respostas que nos chegarem até 15 de Julho do corrente ano.

Faça agora o teste de qualidade...

Experimente no Revendedor **ELGIN**
a mais suave, rápida e completa máquina de costura que V. poderia desejar!
E Lembre-se sempre que para máxima garantia de uma costura perfeita,
há um tesouro em sua **ELGIN**!

LINCE prop.

ELGIN - Fábrica de Máquinas de Costura S. A.
Caixa Postal, 4575 - São Paulo



ELGIN - A MÁQUINA DE COSTURA DE FAMA MUNDIAL

20 anos de garantia

OS REVENDEDORES ELGIN - DE NORTE A SUL EM TODO O BRASIL!



Grupo tirado durante uma das audições do «Clube do Guri», onde aparecem vários artistas.

RENOVAÇÃO

SPECTATOR

● Em TV, como em todos os setores da atividade humana, é necessário uma constante renovação de idéias. Essa necessidade é ainda maior quando se trata de algum serviço visando imediatamente ao público; então, torna-se maior ainda o perigo da rotina. Os recursos técnicos e materiais de que dispõem as nossas emissoras de TV não são muito numerosos, mas, desde que esses veículos destinem-se a informar e distrair ao público, todos os esforços serão pequenos a fim de que essa tarefa seja desempenhada satisfatoriamente.

Nos meios artísticos nacionais temos elementos de real valor, que com frequência aparecem no vídeo; mas, aproxima-se a estação das temporadas internacionais e o espectador aguarda a exibição de atrações tão boas ou melhores do que as que aplaudiu em anos anteriores. O que lhe será apresentado? Todos os programas, inclusive os que permanecem sendo televisionados durante vários anos e mesmo que estejam em constante sucesso, de quando em quando devem passar por uma completa revisão, a fim de que se verifique se há algo de novo e mais interessante que possa ser incluído para maior proveito dessas apresentações.

Os concursos dos mais variados tipos sempre alcançam sucesso, sejam os prêmios distribuídos aos que comparecem ao auditório ou destinados aos espectadores que a eles concorrem por carta. É necessário, no entanto, que o programa seja bem organizado e que os prêmios realmente compensem aqueles que a eles concorrem. Jacy Campos, elemento que sempre se destacou no elenco da TV-Tupi, voltou a aparecer ante as câmaras, depois de uma viagem de estudos aos EE.UU. Suas apresentações e produções nessa nova etapa, entre as quais destaca-se «Camera 1», pela originalidade e interesse que despertam, tem alcançado grande sucesso. Pena é que a oportunidade que teve Jacy, não possa ser oferecida a muitos outros dos elementos que trabalham em TV e que, desse modo, poderiam aumentar os seus conhecimentos nesse setor e, de volta, ofereceriam ao público grandes programas.

A necessidade de uma periódica renovação e transformação nos programas que já têm algum tempo de duração é muito necessária, mas, por outro lado, pode-se também aproveitar, com sucesso, idéias de antigas apresentações. Isso provam as exibições do «Trem da Alegria», através do Canal 13, que depois de passar por algumas adaptações, necessárias à transformação que sofreu de programa radiofônico em atração de TV, tem conseguido agrado junto ao público, apresentado sob a forma de «show» onde se exibem os mais variados artistas.

Em TV, o êxito de um programa está em estreita dependência da sua boa organização e apresentação e isso acontece com as exibições infantis, «shows», e até mesmo com os debates sobre os mais complexos temas. É necessário também ter sempre em vista a consideração pelo público que procura na TV um veículo de informação e distração e que, portanto, merece que os maiores esforços sejam feitos a fim de que se evite a rotina e a desorganização.

VAMOS MELHORAR?

O programa «Histórias de tia Lúcia» continua não cumprindo a sua finalidade, isto é, distrair às crianças que comparecem ao estúdio da TV-Tupi e às que assistem de casa, através de histórias educativas. Por que continuar fazendo dessas apresentações «shows» onde se exibem meninos e meninas sem a menor aptidão artística?

GRAU DEZ:

... Para Chuca-Chuca e seu conjunto, que se apresentam com muito agrado executando os mais diversos ritmos, no programa «Variedades» do canal 6. Aliás, a exibição desse conjunto constitui o ponto de maior interesse dessas atrações, que em geral são bastante fracas.

... Para Malba Tahan e a sua «Matemática divertida». Crianças e adultos assistem às aulas demonstrando interesse pelas explicações claras e originais que lhe são fornecidas sobre conhecimentos matemáticos que antes lhes pareciam de difícil compreensão.

... Para Maria Teresa, cantora do nosso folclore e que se apresentou em um dos «shows» musicais da TV-Tupi, cativando os espectadores com a sua beleza e voz bastante agradável.

Essa moça poderia ser aproveitada com maior frequência, em outros programas.

... Para a TV-Rio, que tem em «O que vai pelo mundo» um excelente tele-jornal. O locutor Aridalves Visconti, com muita naturalidade e precisão de termos, narra aos tevendo o que eles vêem no momento, através de filmagens.

... Para Lúcia Matos e Alberto Peres, que continuam vivendo com muita naturalidade os papéis que lhe são confiados no «Teatrinho TV». Em uma das últimas apresentações, Lúcia apareceu aos espectadores como um turista americana, encantada com o panorama descortinado do alto do Pão de Açúcar, e estava realmente esplêndida.



A extraordinária Leny Eversong em breve se afastará por algum tempo da TV, para cumprir um contrato, já assinado, em uma cadeia de emissoras argentinas. Feliz viagem e muito sucesso, Leny!

... Para Jaci Campos, que no seu «Carrossel ao redor do mundo» tem outra ótima produção. O programa se propõe a levar semanalmente o telespectador a realizar uma viagem a determinado país, conhecendo paisagens naturais (através de filmagens) e aprendendo um pouco sobre a sua música e costumes, narrados com muita precisão por Murilo Neri.

Portugal foi o ponto de atração para a primeira audição do programa e o público encantou-se com a viagem.

... Para Lúcia Matos e Murilo Neri que, com muita graça e vivacidade, através de um jogo de boliche realizado frente às câmaras, têm oportunidade de oferecer os mais variados prêmios e mantêm o espectador em casa torcendo pela vitória deste ou daquele candidato.



viaje com luxo e conforto no
Super-G Constellation

Pela primeira vez, na rota do Atlântico, estes modernos quadrimotores cruzam os céus da América, estabelecendo ligação rápida e direta do Brasil para os Estados Unidos, o Uruguai e a Argentina.



A disposição dos passageiros, cabinas de luxo... poltronas reclináveis... saleta-de-estar com serviço de bar... cozinha internacional com refeições quentes... e no esmerado serviço de bordo — a tradicional cortesia Varig!



VARIG

NOVA YORK

TRUJILLO

BELEM

RIO
S. PAULO
P. ALEGRE
MONTEVIDEO
B. AIRES

BALBINO TRABALHA PELA RECUPERAÇÃO DA BAHIA

Trabalho intenso em todos os setores. Soerguimento da "Navegação Bahiana", da "Viação do São Francisco" e da "Estrada de Ferro Nazaré". Cresce a popularidade do governador bahiano

(Primeira de uma série de duas reportagens)

♦ O governo do sr. Antônio Balbino cresce de popularidade. Esta é uma verdade que não pode ser contestada, nem pela pequena mas solerte oposição que lhe é movida por meia dúzia de descontentes e de saudosistas. Sem querer relembrar os escândalos apurados e que, pela sua gravidade, tanto abalaram a opinião pública da Bahia, o governo do Estado está empenhado, realmente, na completa restauração de sua terra. Não lhe interessam as obras de fachada. A administração é norteada pelas realizações de sentido humano e social, realmente de interesse coletivo. É que a ação do governador está em conexão com as promessas do candidato. Governo de justiça e de equidade, de tolerân-

cia e de dignidade, de trabalho e de moralidade administrativa, vê-se o sr. Antônio Balbino, ao fim do primeiro ano de sua gestão, cercado do respeito, da admiração e do acatamento do povo bahiano — prêmio maior que poderia realmente esperar. Em todos os setores administrativos há um sôpro de trabalho, de renovação e de entusiasmo, máxime na Secretaria de Viação, onde o seu titular, o jovem engenheiro Josafá C. Borges — que já provara sua capacidade na direção da Estrada de Ferro Leste Brasileiro — vem imprimindo uma atuação dinâmica aos serviços que lhe são confiados.

NAVEGAÇÃO BAHIANA

A Navegação Bahiana foi encontrada no mais completo abandono. A maior parte de sua frota estava paralisada, inclusive o «Bahia» e o «José Marcelino», dados como imprestáveis. Os demais navios, os poucos que trafegavam, ofereciam, à empresa, um rendimento irrisório — receita tão reduzida que mal bastava para as obrigações imediatas de combustíveis e de lubrificantes. A subvenção estatal não atendia as despesas de pessoal e de extraordinários, durante um mês. Banido o crédito, as compras só podiam ser feitas a dinheiro. A displicência sufocava, em verdade, os últimos resquícios da organização burocrática. Previa-se, a qualquer instante, a paralisação do tráfego e a venda dos navios como ferro velho, seguindo o destino dos que já se encontravam encostados, abandonados à sua própria sorte. Esta a situação em que foi encontrada a Navegação Bahiana. O atual governo, porém, não recuou da tarefa. Com energia e determinação enfrentou o problema, que, há muitos anos, vinha desafiando a argúcia e a capacidade de várias administrações. Encostados, em completo abandono, foram encontrados o «Bahia» e o «José Marcelino». Nos estaleiros estavam o «Cachoeira», o «Dois de Julho», o «Belanísia», o «Canavieiras» e o «Pôrto Seguro». Navegando, em estado precário, o «Avante», o «Mascote» e o «Visconde de Cairu». Em bom estado, apenas, o «Nazaré» e o «Paraguassu». Os trabalhos foram iniciados em um clima de entusiasmo e de otimismo. O «Bahia» e o «José Marcelino», tidos e havidos como imprestáveis e deficitários, passaram por grandes reformas, tal o estado em que se encontravam. O «Bahia» passou a fazer a linha Salvador-Ilhéus-Rio, com regularidade, não lhe faltando carga nem passageiros, dando, assim, apreciável lucro financeiro, além de estar servindo ao povo e às classes produtoras. O «José Marcelino», mais alguns dias, estará seguindo a mesma trilha.

Acabara-se, desse modo, um «tabu» de longos anos — que esses navios eram deficitários. O navio «Canavieiras» foi transformado para a queima de «fuel-oil», assim como o «Paraguassu», ficando, ambos, com novas características de economia, rapidez e segurança. O «Mascote» sofreu reparo geral no casco, crenagem no convés, revisão nos cavernames, limpeza dos motores e pintura geral. O «Cachoeira» está passando por um reparo geral, além da substituição dos motores, devendo deixar o estaleiro em breves dias. O «Visconde de Cairu» sofreu reparo parcial. O «Belanísia» teve o seu motor totalmente reparado. O «Dois de Julho» sofreu, também, reparo parcial, constando de serviços no motor, no casco e nas cobertas. No corrente mês será lançado na linha Salvador-Itaparica o navio «João das Botas», moderníssimo, de construção holandesa. Como se vê, passa a Navegação Bahiana por uma completa transformação. A receita que em 1954 fôra de Cr\$ 9.144.900,00, aumentou, em 1955, para Cr\$ 14.521.747,20 — o que representa uma diferença para mais no valor de Cr\$ 5.376.847,20.

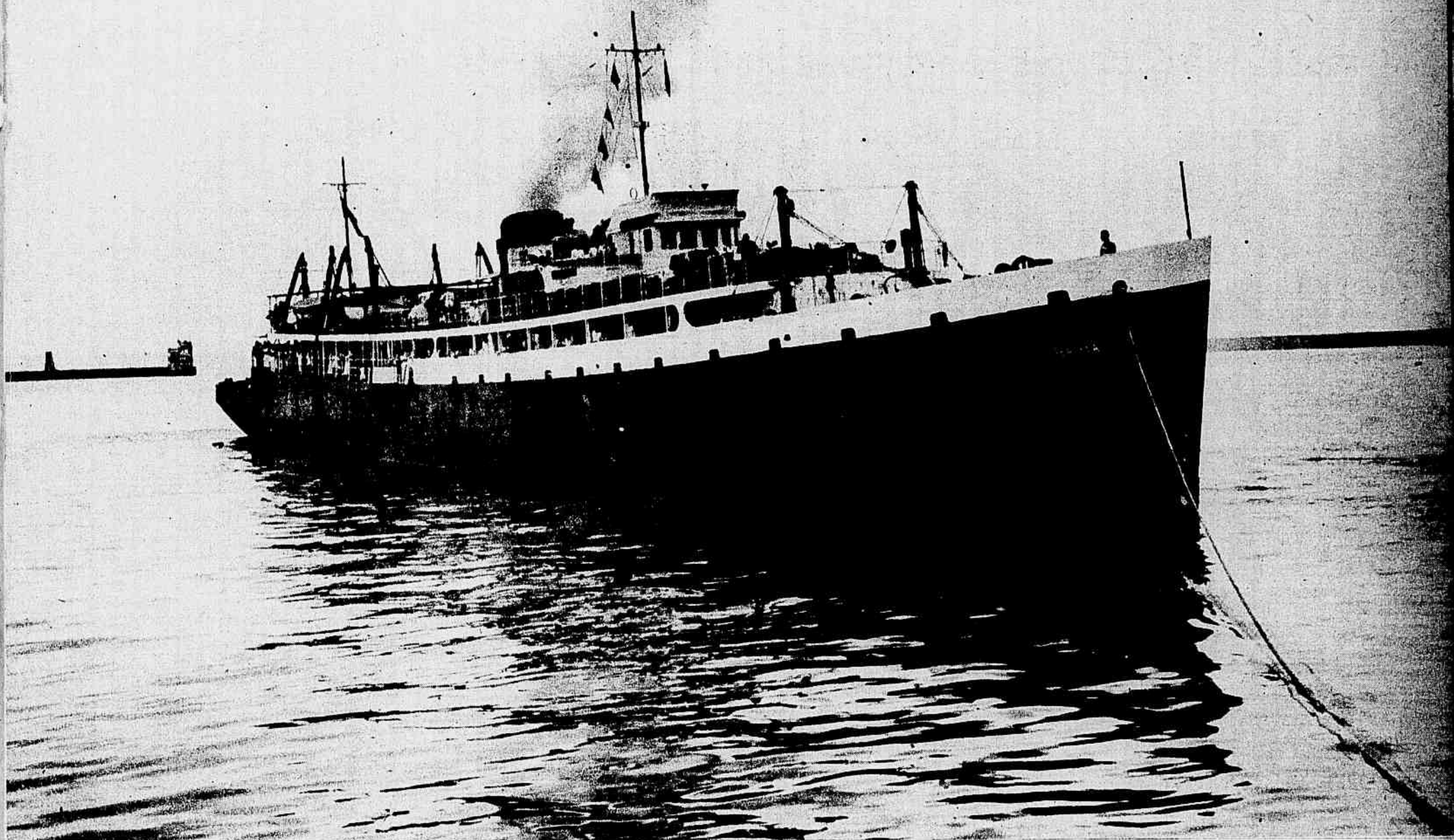
Durante o ano de 1955 foram realizadas, pela Navegação Bahiana, 2.513 viagens, cobrindo um percurso de 92.710 milhas, sobrepujando, assim, largamente, o número de viagens e de milhas do ano anterior. Esses navios transportaram 520.754 pessoas, sendo 1.203 na linha costeira, 4.595 na linha interestadual e 514.956 nas linhas internas. Também aumentou o movimento de carga: foram transportados, em 1955, 591.046 volumes, quando em 1954 apenas foram transportados 138.983.

Foi instalado, no Edifício Pedroso, um restaurante para os operários, sob a orientação do S.A.P.S. Foi instalada, também, a Escola Almirante Japeassu, assim como reorganizados os gabinetes médico e dentário.

ESTRADA DE FERRO DE NAZARÉ

♦ A Estrada de Ferro de Nazaré não fugia à regra geral. Abandono. Indiferença. Desorganização. O funcionalismo com três meses de atraso. Os trens trafegando sem horário, sem regularidade, deixando, nas estações, milhares de volumes acumulados. Ao comércio devia-se Cr\$ 6.000.000,00. A Caixa de Aposentadoria dos Ferroviários um débito de mais de Cr\$ 15.000.000,00 de contribuições atrasadas. O descrédito da estrada no comércio era completo. Estes fatos acarretavam prejuízos ao povo e às classes produtoras, além de contribuírem para o constante desprestígio do serviço público. O tráfego, na verdade, estava na iminência de um colapso total, com quase tôdas as suas locomotivas em estado precário. As classes de passageiros não se encontravam em melhores condições. Daí as medidas de trabalho intenso e constante no

sentido do soerguimento da velha e tradicional ferrovia. Foram recuperadas, através de reparos gerais, as locomotivas ns. 14, 22, 28, 34 e 35 e a locomotiva Diesel n. 1. Sofreram, também, reparos gerais, 1 prancha, 9 vagões e 7 carros de passageiros. Foram submetidas a reparos parciais as locomotivas ns. 24, 26, 27, 30, 31, 32 e 33, além de 5 pranchas, 24 vagões e 25 carros para passageiros. Não ficou nisso, porém, o esforço da atual administração. Foi construído um carro para passageiros com 44 lugares, além de um Carro-Chefe, Correio e Bagagem. Cinco vagões de carga foram montados. Com estas providências, aliadas a uma rigorosa fiscalização e ao retôrno da ordem, da disciplina e do espírito de equipe, voltou, pouco a pouco, a Estrada de Ferro de Nazaré, a ocupar o lugar de real importância que sempre desfrutou na rica e próspera região a



O navio «Bahia», depois de recuperado no governo Antônio Balbino, regressa de uma de suas viagens ao Rio de Janeiro. Por vários anos, essa unidade e seu irmão gêmeo «José Marcelino», que daqui a pouco estará também navegando, estiveram paralisados, acarretando um enorme prejuízo para o erário bahiano. Balbino fê-los voltar à atividade.

que serve. Os trens passaram a trategar no horário, regularmente, transportando, dia a dia, um maior número de passageiros e de volumes. Com estas medidas as locomotivas deixaram de se abastecer de água salgada, ficando resolvido o problema do abastecimento de Jequié. A renda da estrada que em 1954 fôra de Cr\$ 7.522.935,50, aumentou, em 1955, para Cr\$ 12.745.694,30. A diferença para mais no valor de Cr\$... 5.222.758,80, evidencia, por si só, o esforço e a dedicação que norteiam os trabalhos da Estrada de Ferro de Nazaré, novamente integrada em sua verdadeira função e finalidade, isto é, servir com presteza e eficiência a sua região. Toda a mercadoria que ficara, acumulada, ao longo

das estações, foi prontamente entregue ao seu ponto de destino. A renda aumentou. A confiança do povo e das classes produtoras voltou a estar presente na eficiência e na regularidade dos serviços da estrada. Tanto assim, que, em 1955, foram transportados 492.372 passageiros e 759.204 volumes. O consumo de lenha era astronômico! No ano de 1954 foi de 74.289 metros cúbicos para um percurso de 121.365 quilômetros, enquanto que em 1955 esse consumo baixou para 55.134 metros cúbicos, embora o percurso tivesse aumentado para 141.586 quilômetros. Também o problema da água foi resolvido no atual governo, com a instalação das caixas d'água de Itaquara e Jaguaquara.

VIAÇÃO BAHIANA DO SÃO FRANCISCO

♦ A Viação Bahiana do São Francisco é de primordial importância para a região a que serve, de vez que não dispõe de outro meio de transporte. Nem por isso vinha merecendo a atenção e a assistência do poder público. Como a Navegação Bahiana e a Estrada de Ferro de Nazaré, encontrava-se, a Viação Bahiana do São Francisco em estado de abandono e desorganização. Basta seja dito o seguinte — de toda a frota **só um navio trafegava**. O seu crédito e as suas finanças estavam arruinadas, chegando, mesmo, a se tornar deficitária para com os seus fornecedores e servidores, assim como para o IAPM. O atual governo encontrando em tráfego uma só unidade — o cargueiro «Fernandes da Cunha» — recuperou, em poucos meses, os vapores «Barão de Cote-gipe», «Delsuc Moscoso», «Siqueira Campos» e «Jansen de Melo», além

das alvarengas «Nona», «Barreiras» e «Xique-Xique», que, atualmente, trafegam na linha tronco e nas linhas do Rio Grande e do Rio Preto. Nesses trabalhos de recuperação, convém salientar, foi unicamente utilizado o pessoal da empresa, material em depósito e verbas estaduais. A Viação Bahiana do São Francisco, lutando, embora, com sérios problemas, está servindo satisfatoriamente a zona do grande rio nacional, com as suas unidades empenhadas, regularmente, no transporte de cargas e de passageiros. O soerguimento da velha empresa prossegue, sem solução de continuidade, interessado, como está, o governo do Estado, na convocação de todas as forças vitais da terra bahiana para o auxílio da grande obra que vem empreendendo sob aplausos gerais.

UMA SEMANA NO RIO DE JANEIRO

Viagem, hotel de 1.^a classe em Copacabana e um prêmio extra de Cr\$ 5.000,00, tudo pago por PN!

PN

CONVIDA OS RADIALISTAS DO INTERIOR PARA UM ESTÁGIO DE SETE DIAS NA RÁDIO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO

Para premiar um radialista do interior com sete dias de estágio na Rádio Nacional do Rio de Janeiro, com todas as despesas pagas, a revista **PN** lança um GRANDE CONCURSO DE ASSINATURAS ao qual poderão concorrer todos os radialistas do interior do país.

Além do estágio na Rádio Nacional, viagem aérea e estada em hotel de primeira classe em Copacabana, a revista **PN** oferece um prêmio em dinheiro no valor de Cr\$ 5.000,00 ao vencedor do Grande Concurso de Assinaturas, que terá a duração de dois meses, iniciando-se em 15 de maio e terminando em 15 de julho.

NÃO DEPENDE DE SORTEIO — SÓ DE VOCÊ!

Faça o mínimo de 50 assinaturas de **PN** em sua cidade e imediações, e venha trabalhar com os profissionais da Rádio Nacional. E, aqui chegando, escolha o setor de sua preferência para estagiar: administração, redação, "broadcasting", direção artística, rádio-teatro, sonoplastia, técnica.

Use o seu prestígio pessoal no comércio, na indústria, no rádio, na imprensa de sua cidade e V. poderá vir passar umas férias no Rio com tudo pago por **PN**.

Preencha agora a sua ficha de inscrição abaixo, e nós lhe mandaremos, imediatamente, as fórmulas de autorizações de assinaturas, o material de propaganda e o regulamento do Grande Concurso de Assinaturas de **PN**. Comece a trabalhar logo para conquistar o prêmio de sete dias de estágio na Rádio Nacional, despesas de viagem e estada, e mais Cr\$ 5.000,00 em dinheiro, tudo pago por **PN**.

Sr. Jorge Bruce
Revista PN
Caixa Postal. 3748 — Rio

Desejo inscrever-me no Grande Concurso de Assinaturas de **PN** que oferece como prêmio ao vencedor uma semana de estágio na Rádio Nacional do Rio, com tudo pago, e mais Cr\$ 5.000,00 em dinheiro. Mande-me com urgência as fórmulas de autorizações, o regulamento do Concurso e material de propaganda, pois quero iniciar logo o trabalho.

Nome
Endereço
Cidade Estado
Emissora Cargo que ocupa
Ass.

Atesto que o sr.
exerce o cargo de nesta emissora.

Nome da emissora
Assinatura do diretor
..... de 1956.

(Domingo, 6 de maio de 1906)

POR AQUI E POR ALLI

◆ As experiencias feitas recentemente, demonstram que a telegraphia sem fio dá melhores resultados durante a noite que durante o dia. Os navios de guerra americanos, surtos no Oceano Atlantico, communicaram de dia uns com os outros, a uma distancia apenas de 1.000 kilometros; de noite, com os mesmosapparelhos e em circumstancias absolutamente identicas, trocaram-se telegrammas até 2.040 kilometros. Ignora-se, por emquanto, com exactidão a que se deve attribuir tão curioso phenomeno. Alguns homens de sciencia pensam que é elle devido ao calor e á luz do sol que, durante o dia, se oppõem á plena acção das ondas.

★

◆ Na Camara e no Senado começou uma inesperada mas benefica e moralisadora reacção contra a escondalosa postergação da lei eleitoral, em boa hora idealizada pelo sr. conselheiro Rosa e Silva, afim de que a representação nacional deixasse de ser, como até hoje, uma comedia de baixo jaez. Iniciou-a o sr. dr. Candido Mendes de Almeida, procurando annullar as eleições de dous districtos d'esta capital, inclusive a eleição de senador. Assim, na Camara e no Senado, o contestamento do pleito de 30 de janeiro, com documentos que provaram sobejamente a fraude mais descarada, já fallou expondo os motivos em que basêa o pedido de annullação das eleições.

★

◆ O Convenio de Taubaté continua a fazer gemer os prelos; houve a descoberta de uma conspiração na França que, parece, deu em agua de bacalhau; as ruas continnam esburacadas; prosseguem as demolições; e emquanto isto o pobre e o remediado soffrem horrorosamente com a carestia das habitações.

Curiosidades

O amamentar de um principe herdeiro é uma questão seria; as provincias disputam sempre a honra de lhe dar ama. A que amamentou a Princeza Yolanda de Saboya, filha mais velha do Rei da Italia, recebeu 60 mil francos e uma pensão vitalicia. O primeiro filho do Rei da Inglaterra foi creado por uma irlandeza. O baptismo é tambem cerimonia complicada. Os Hohenzollern recebem-no, deitados n'uma «cuna» de Frederico o Grande, sobre uma placa de ouro onde se gravam os seus nomes. O Czarwitsch foi levado á Egreja de Peterhoff, no meio de grande apparato militar, n'um carro puxado a 8 cavallos, entre dous generaes. Quando se baptisou o futuro Czar das Russias manifestou-se com trez gritinhos. O baptismo do Principe Nicolau da Roumania apresentou um episodio curioso. Deveria ser apadrinhado pelo ministro da Russia, o Principe Dolgorouki. Este chegou a tempo; mas outro tanto não aconteceu á bagagem, e portanto, não tinha uniforme para vestir. Mandou-se parar o serviço dos comboios e um comboio especial partiu á busca das malas, e o herdeiro do throno pôde

enfim receber o baptismo, nas mãos de um padrinho fardado. Tudo isto custou ao Rei da Roumania 15 mil francos e uma demora de vinte minutos na cerimonia.

★ DO PAÇO PARA O CLAUSTRO — O boato de que a rainha-mãe, de Hespanha, diz um jornal portuguez, tomará o véo depois do casamento do Rei Alfonso, traz ao espirito publico a lembrança de que a viuva de um ex-rei está presentemente em um convento da ilha de Wight. A real freira é a Princeza Adelaide de Lowenstein-Wertheim-Rosenberg, que comprou o collegio da ilha de Wight, perto de Ryde, onde vai installar-se em breve. Depois da sua chegada á Inglaterra, aquella senhora recebeu a visita do Rei Eduardo e de outras pessoas da familia real. Outra senhora, mais nova, todavia, da mesma familia de Lowenstein-Wertheim-Rosenberg, é tambem freira no mesmo convento d'aquella ilha, e uma terceira pertence ás irmãs pobres de S. Francisco.

★ HOMENAGEM POPULAR — Fica á disposi-

Humorismo

Dialogo entre o dono da casa e os criados:

— Ó Pedro, você está ahí?
— Sim, senhor.
— Que está fazendo?
— Nada, senhor.
— E você, João, está ahí também?
— Sim, senhor.
— Que está fazendo?
— Estou ajudando Pedro.
— Quando acabarem, mandem-me as botinas engraxadas.

Um cavalheiro hespanhol, de alta no-

breza, possuidor de uma porção de titulos e de uma quebradeira inda maior, bateu de noite, á porta de uma hospedaria:

— Quem é? grita da janella, tonto de somno, o hospedeiro.

— É con Juan-Pedro-Hernandez-Rodriguez de Villanueva Y Caracoles de San Thiago de Besteros, caramba! Conde de Malatra, cavalleiro de San Pedrito de Alcantara, marquez de Sacatrapo Y Villanueva de logo!

O hospedeiro fechou a janella dizendo:
— Sinto muito, meu caro senhor, mas não posso hospedar tanta gente.

REVISTA DA SEMANA

Edição semanal illustrada do JORNAL DO BRASIL

Anno VII — N. 112

DOMINGO, 6 DE MAIO

Numero 120 248



MEZ DE MARIA

Theatro

Entre as muitas novidades
De que este Rio anda cheio
Contamos hoje o "Quo Vadis"
Em successo no Recreio.

Maison Moderne conquista
Victorias sobre victorias.
Não ha como aquelas vistas
E tudo mais são historias.

O Casino tem agora
Outro nome estrangeirado
Ganha gente a deitar fóra
Com seu elenco variado.

No Carlos Gomes garanto
Sem receto que me espiche
Vai fazer successo e tanto
A tal revista "O Maxixe"

Pudéra, muito provóca
A verve, o espirito, o tróte
Vê-se alli seu João Phoca
De braço com D. Xiquete.

Acabo estas rimas toscas
Avisando, encafiado,
Que o resto inda está fechado
Para dar descanso ás moscas.

JOÃO RIBALTA

ção dos leitores da «Revista da Semana», uma lista de subscrição para uma homenagem popular ao dr. Pereira Passos, Prefeito do Districto Federal.

★ CHRISTO NO JURY — Conforme lóra anunciado, realizou-se domingo transacto a solemnidade da collocação da imagem de N. S. Jesus Christo na sala das sessões do Tribunal do Jury. Essa grandiosa manifestação a que se associou o povo catholico, foi de uma imponencia indescriptivel.



Só tem escrito tragédias... que fazem rir, mas a culpa não é dele — A sua pior tragédia foi "Entre os bichos de boa-vontade". Vestir-se de papagaio e não fazer rir é muito triste! — O que vem a ser o "estilo S.S."

De ALEXANDRE ALENCASTRE

Silveira Sampaio define-se a si mesmo:

—EU SOU O COMENDADOR VENTURA
(POR DENTRO E POR FORA)

♦ Silveira Sampaio é o homem dos sete instrumentos dentro de um teatro. E quase sempre o que ele faz dá certo. Empresário, autor, ator e diretor de suas peças e de suas companhias, possui a varinha mágica do sucesso. Não faz muito tempo, fui encontrá-lo em São Paulo satisfeíssimo porque repetia lá, em maior escala, o êxito alcançado recentemente aqui no Dulcina com a peça «No país dos Cadillacs», esgotando até as galerias do Teatro Santana e provando assim que seu teatro já atingiu o chamado «grande

público» não se limitando apenas à elite. Para não perder tempo, lá mesmo em São Paulo escreveu e montou um novo «show»: «Na terra dos presidentes», de estilo político-humorístico, que passou a apresentar com o mesmo agrado na boite Oásis. Roubando-lhe alguns minutos, consegui umas respostas não muito humorísticas, como desejava, para algumas perguntas que pairam nos lábios curiosos de muita gente e principalmente dos nossos leitores. Ai vão elas para satisfazê-los, de uma vez por todas.

REPÓRTER: — É verdade que se fez empresário-ator a fim de representar suas peças, depois de uma «peregrinação» de vários meses, ou mesmo anos, aos escritórios das companhias teatrais e sempre inutilmente, pois apenas obtinha «promessas vãs»?...

SILVEIRA: — A história não é bem assim. Minha primeira peça: «A INCONVENIÊNCIA DE SER ESPÓSA» foi encenada pela Companhia de AIMÉE em 1948. Nesse mesmo ano o arquiteto LAURO LESSA me procurou dizendo que estava em entendimentos com o dr. HUMBERTO SANTOS para construir um pequeno teatro, num edifício da Praça General Osório, mas que só o fariam se eu constituísse companhia própria e fôsse para lá. A proposta me pareceu interessante e assim foi criado o TEATRO DE BÓLSO (quem assim o batizou foi o CARLOS PERRY) e eu me tornei empresário. Agora, também é verdade que durante o tempo de estudante tive peças recusadas por quase todas as companhias da época.

REPÓRTER: — Esse feito seu, todo especial e próprio, de representar, você já o tinha imaginado e delineado, ou foi surgindo e se criando, durante os primeiros ensaios, à proporção que você ia se integrando melhor na sua interpretação, e sentindo as suas nuances e detalhes?

SILVEIRA: — Foi durante a leitura, para minha mulher, do 2º ato da «INCONVENIÊNCIA...» que surgiu, sem eu mesmo saber como, isso que alguns críticos colocam entre aspas como sendo «o teatro Silveira Sampaio». Acredito que eu tenha sofrido influências do «Ballet-Joss» e da história em quadrinhos do «COMENDADOR VENTURA, POR DENTRO E POR FORA». A criação dos gestos, das marcas, vem espontaneamente. Mas, depois, eu me dou ao trabalho de analisá-los. E, jamais encontrei um «gesto gratuito». Há sempre uma razão inconsciente que determina a sua criação.

REPÓRTER: — Às vezes têm-se a impressão de que você também se diverte com o público, quando está representando; que goza com as suas reações e manifestações na maneira de gostar e apreciar o que está assistindo. É verdade?... Por que?... E, o que você sente, nessas ocasiões?

SILVEIRA: — Num sábado, quando estava no SERRADOR, um espectador disse ao entrar na fila da bilheteria: «OLHA AÍ!... QUANTA GENTE PAGANDO PARA VER O SILVEIRA SAMPAIO SE DIVERTIR». Realmente, eu sempre piso

o palco com prazer. O público percebe isso e gosta. E eu gosto quando percebo que o público está gostando. O público percebe que eu gosto que ele esteja gostando, e gosta mais. E eu mais. E o público mais. Dízima periódica.

REPÓRTER: — Por que, atualmente, os artistas negros (coloreds), estão em tão grande projeção no teatro e no rádio, sobrepunhando, mesmo, os artistas brancos? Você mesmo, nos seus últimos «shows», principalmente em «NO PAÍS DOS CADILLACS», dá uma prova disso. Por que?

SILVEIRA: — Os artistas negros trazem para o palco uma vitalidade nova. Estão começando a expandir os seus dotes artísticos. Têm a força e a beleza de tudo que é primitivo.

REPÓRTER: — A inspiração vem-lhe sempre, a qualquer hora e momento, bastando apenas uma sua solicitação? E, vem brotando fluente, aos jorros, como água da torneira?... Ou vem homeopaticamente? Ou a prestações?

SILVEIRA: — Geralmente eu «sinto um estalo» e nasce uma idéia feliz, que depois, à seguir, começo a desenvolver, pouco a pouco. Às vezes, também acontece que eu vou à procura dessa «idéia».

REPÓRTER: — Quando escreve, precisa se isolar, ou escreve em qualquer lugar, e com qualquer barulho ou conversa?

SILVEIRA: — Quando a «idéia» é encontrada, qualquer lugar, qualquer momento, serve para trabalhar.

REPÓRTER: — Já escreveu algum drama ou tragédia? Pretende escrever? E, representá-lo, também?

SILVEIRA: — Pode ser que ninguém ache. Mas, para mim, até hoje, eu só escrevi tragédias. Há algo mais trágico do que o «grotesco»?

REPÓRTER: — No palco, qual foi a sua pior emoção? O seu pior momento?

SILVEIRA: — Em «PAZ ENTRE OS BICHOS DE BOA VONTADE». Fazer graça vestido de papagaio e ninguém rir é triste. Também, quem me mandou fazer uma personagem que não era trágica? Nesse momento, o trágico fui eu, em pessoa.

REPÓRTER: — Quais os papéis que lhe deixaram melhores recordações?

SILVEIRA: — De uma forma geral, o meu melhor personagem é aquele que estou representando no momento. Até hoje, com exceção do Papagaio, todos deixaram boas recordações. Mas não nego que tenho um fraco muito grande pelo «PETÚNIO».

SILVEIRA SAMPAIO, homem dos sete instrumentos do teatro brasileiro. Suas peças são encenadas com êxito, invariavelmente, nas casas de espetáculos de todo o Brasil. Médico, trocou o consultório pelo palco. Agora vive para o seu público, e para a família. Ei-lo ao lado de sua filha.



MARTA

NÃO recordo o nome da rua. Ou melhor: o número. Era 46 ou 48. Lá ficava um restaurante mexicano onde muitas vezes fui comer, com a nostalgia das comidas condimentadas que me davam os «blue plates» dos restaurantes americanos. Comida que já vinha com os vidrinhos de sal e pimenta do reino, para o freguês temperar, pouco apetitosa para o meu paladar afeito ao vatapá e outros pratos fortes, era para mim um sofrimento sentar-me à mesa de qualquer daqueles restaurantes limpos e de pratos fotogênicos que enchiam Nova York. Refugiava-me nos restaurantes latino-americanos, espanhóis, italianos, fazia incursões pela cozinha idisch e até indiana, ia me regalar com o «chile and beans», os tamales e os tacos daquele pequeno restaurante da rua cujo número não guardo.

Era uma porta só, mesinhas redondas, clientela expansiva, o espanhol cruzando o espaço, ruidosamente, e uma garota de orelhas ligeiramente cabanas, branca e não morena, feia e não bonita, Marta e não Carmem, nem Consuelo, nem Rosário. Mas jovem, mas alegre, mas viva. Era o condimento melhor do restaurante de pratos fortes, apimentados e imaginosos.

— Bom dia, Marta!

Marta era amiga de todos. Conhecia as preferências de cada um, já vinha lá de dentro, quando nos avistava, com o nosso prato predileto. Ou trazia o que julgava ser o prato melhor na ocasião e o impunha com uma doçura irretorquível.

— «Usted» vai gostar.

Nós gostávamos sempre.

— Tequila?

Trazia.

— Estava guardada para «usted».

Falava em inglês mas substituíra, sistemática, o «you banal pelo usted» que tinha um sabor de intimidade em sua voz, esta sim, quente e cantante.

— Marta!

Era o dono do restaurante que a cada passo a chamava. Porque Marta parava em todas as mesas, sempre que os acasos do trabalho o permitiam, tagarelando feliz. Marta sabia que era toda voz. Por isso falava. A voz embelezava-lhe o rosto, empinava-lhe os seios, estes também — viva a saudade! — impecáveis e novos, dava-lhe musicalidade aos movimentos e meneios.

— Chile con carne — pedia uma voz.

— Chile con carne — cantava ela, depositando o prato na mesa.

E todos nós, que não éramos muitos, e que já mais ou menos nos conhecíamos de vista, embora houvesse em comum, entre nós, apenas Marta, esquecíamos muita vez os tamales, os tacos e o chile con carne para acompanhar os volteios de Marta, no seu constante ir e vir ao som da linda voz. Esquecíamos, principalmente, a vida que rodava e corria lá fora, apressada e estúpida, rumo ao «subway», rumo ao trabalho, rumo ao sanduíche de queijo com folhinha de alface e rodela de tomate, rumo à vitamina ou à história em quadrinhos.

— Andou viajando?

Para Marta só uma viagem podia justificar o desaparecimento de qualquer de nós, por al-

gum tempo. E como eu vivia peregrinando de restaurante em restaurante, e, verdade seja dita, não era dos mais assíduos, como eu sempre confirmasse a pergunta, Marta passou a considerar-me viajante profissional.

— Hello, viajero!

E por Viajero me conhecia e tratava.

— «Usted» que viaja tanto, já esteve no México?

Tinha perguntado em inglês. Informei em inglês que não. Marta lamentou em espanhol que eu não conhecesse o México. E desde então foi somente em espanhol que me falou, privilégio que concedia naturalmente apenas a seus compatriotas, incluindo-me assim entre os que recebiam a graça especial de sua voz, que em espanhol era mais linda.

Um dia, depois de uma ausência de semanas, apareci no restaurante.

— Que deseja?

A voz era hostil, o rosto não me era estranho. Moreño, cabelos negros e duros.

— Marta? — perguntei.

— Falo de pratos — disse o homem, estendendo-me o menu.

Escolhi ao acaso, o prato veio, comi em silêncio. Em silêncio outros homens comiam nas mesas de guarnições coloridas, rumor apenas de talheres e louças. Um indivíduo qualquer acompanhava, empolgado, as aventuras gráficas de um herói de músculos de aço, queixada rija e testa curta.

As mesas estavam povoadas, como de costume. Na caixa, o dono do restaurante, que de lá comandava o movimento da casa, fora substituído por uma rapariguinha loura, bonita e inexpressiva. O dono servia, Pablo. As mesas

estavam ocupadas, já disse. Mas o restaurante me parecia vazio.

Onde estaria Marta? Estaria doente? Ou teria voltado ao México? Estava, possivelmente, de férias. Quis perguntar a Pablo. Mas o tom hostil com que recebera a minha primeira pergunta não me animava a insistir.

Comi com vagares. Talvez ela aparecesse ainda, talvez viesse trabalhar somente à tarde. Idéia tola, naturalmente. A ausência de Marta já devia durar por alguns dias, porque o ambiente parecia outro. Os clientes eram praticamente os mesmos. Aquêlê silêncio, porém, era de uma longa falta, bem se via. Todos penavam pela ausência da voz que vinha a todas as mesas, embalada em sorriso.

Nova idéia tola me assaltou. E se Marta houvesse morrido? Era pouco provável. Era jovem e sadia demais para morrer assim. E se tivesse morrido, Pablo teria tido outra reação. Com certeza ela se desaviera com o patrão ou com algum cliente. E por isso deixara o serviço. Mas como saber? Aos outros clientes não podia perguntar. Lá cada qual tinha a sua mesa. Ali todos tinham mais o que fazer. E ninguém confraternizava de mesa para mesa. Não estávamos, evidentemente, numa pequena aldeia mexicana. Afinal, saí. Pensei todo o dia em Marta. Pela primeira vez pensava em Marta, fora do restaurante. Foi com surpresa, mesmo, que me vi assim, a cada passo, recordando Marta, vagamente preocupado com a possibilidade de nunca mais a ver. «Al fin y al cabo», como tantas vezes dizia ela, em que é que me interessava o caso? E que importância tinha para mim revê-la ou não? Foi com êsse raciocínio que a afastei do meu pensamento, à noite, e fui assistir a um filme de guerra em que os alemães eram de uma burrice impressionante e um «foreign correspondent» engazopava toda a política, toda a espionagem, e quase todas as tropas de Hitler.

Uma semana passou. Um dia, atormentado no escritório, a hora do almoço chegando, sen-



ti vontade de comer chile com carne. E imediatamente Marta voltou ao meu espírito. Uma espécie de angústia me tomou. Teria voltado? Nem tirei da máquina a folha em que estava escrevendo. Fui ao cabide, apanhei o sobretudo, afritei apressado uma tempestade de neve. Entrei no restaurante, afobado, procurando. Havia menos gente nas mesas. A loura inexpressiva continuava na caixa. O dono servia. Escolhi demoradamente o meu prato, os olhos no cardápio um longo tempo, pedi chile com carne. Sim, Marta devia estar de férias. Marta voltaria. Quase disse comigo: Marta precisa voltar. E tive um estremeção quando ouvi um «buenas tardes» festivo. Era uma jovem que chegava, alegre e ruidosa, saudando Pablo e ocupando uma das mesas. Não, não era Marta.

No dia seguinte, levado por uma força invisível, passei pelo restaurante. Não entrei. Olhei da porta. A sala, como nos últimos tempos, quase vazia. Os fregueses eram novos, quase todos. Continuei, agora francamente agoniado — agoniado por que, santo Deus? — e fui acabar comendo umas lagostas sem sabor no restaurante de Dempsey.

Por vários dias não pensei, ou procurei não pensar, em Marta. E por que pensar, se nada tinha com Marta, se afinal a conhecia tão pouco e Mabel era tão bonita e beijava tão bem?

Mas de novo a lembrança de Marta me avas-salou. Sua voz bonita dava graça ao andar.

Deu-me uma espécie de amok. Lá fui eu para a rua 46 ou 48. Dessa vez entrei, entrei resolu-to, muito à vontade, como quem ia apenas co-mer num restaurante indiferente. Parecia, po-rém, uma casa estranha, embora sobre as me-sas estivessem as mesmas guarnições colori-das, a lourinha fizesse a cada passo barulhen-tar a caixa registradora, e Pablo me estendesse o mesmo cardápio familiar, com sua voz dura, a mesma dura voz com que tantas vèzes alas-tara Marta de nossas mesas.

Degustei os meus tamales. Tomei uma cerve-ja sem gosto. Várias vèzes tive a tentação de interpelar Pablo. Mas ele era telegráfico nas pa-lavras, o olhar enxuto e negro, atenção distraí-da nos pedidos da clientela.

E como agora eu estivesse positivamente re-solvido a saber, e como agora sentisse que era preciso saber — saber por que, santo Deus? — no dia seguinte voltei. Fui para isso ao restau-rante. Meus olhos com certeza estavam dizendo tudo. Devia ser assim. Porque Pablo, assim que me viu, veio a mim. E sêco e inesperado, antes que eu pedisse um prato ou perguntasse:

— No viene, no vuelve más!

Desde então eu fiquei mais assíduo. Nunca mais Pablo me falou em Marta nem perguntei por ela. Mas ele me recebia agora como quem recebe um companheiro, não um simples fre-guês.

Conto de
ORIGENES LESSA

Desenho de
J. RIBEIRO

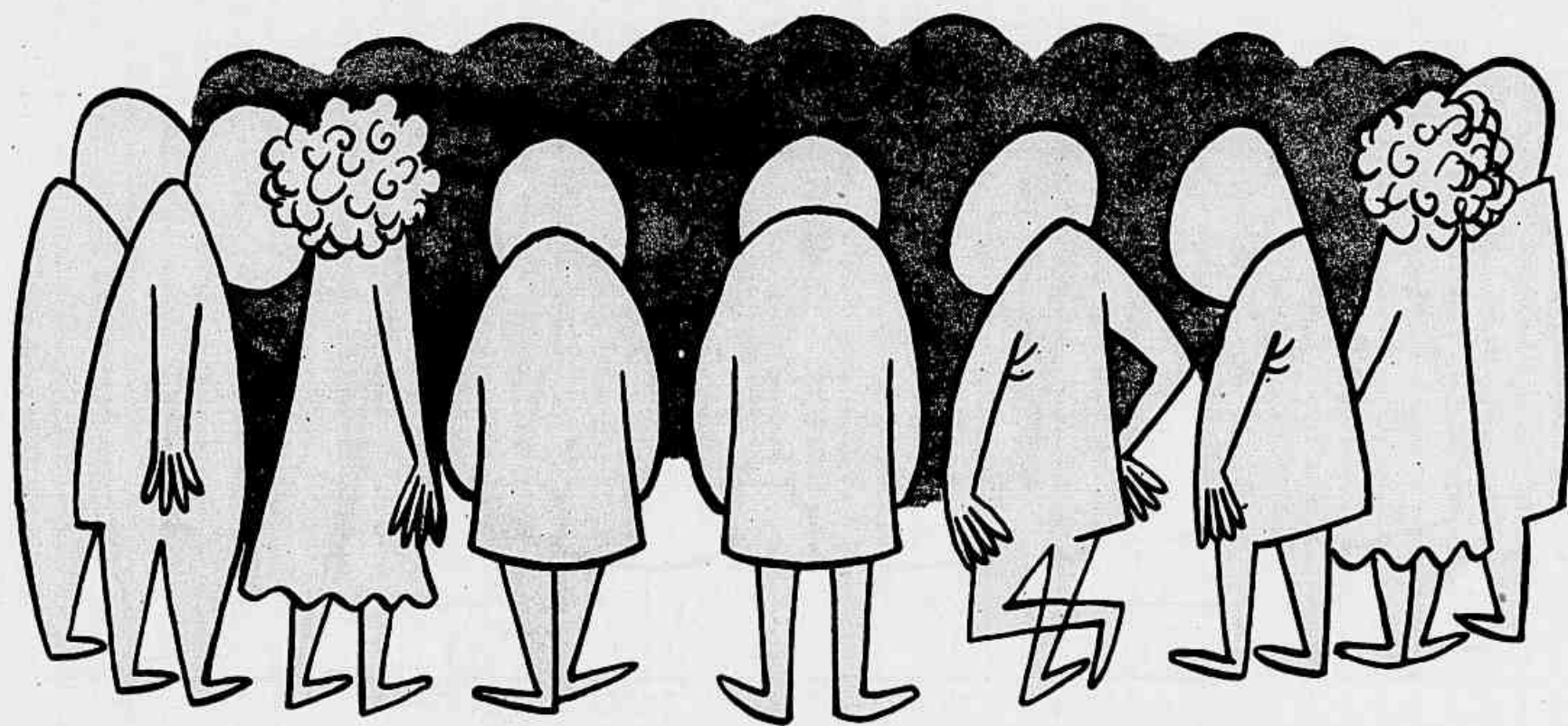


FORTUNA (afinando a voz) **APRESENTA**

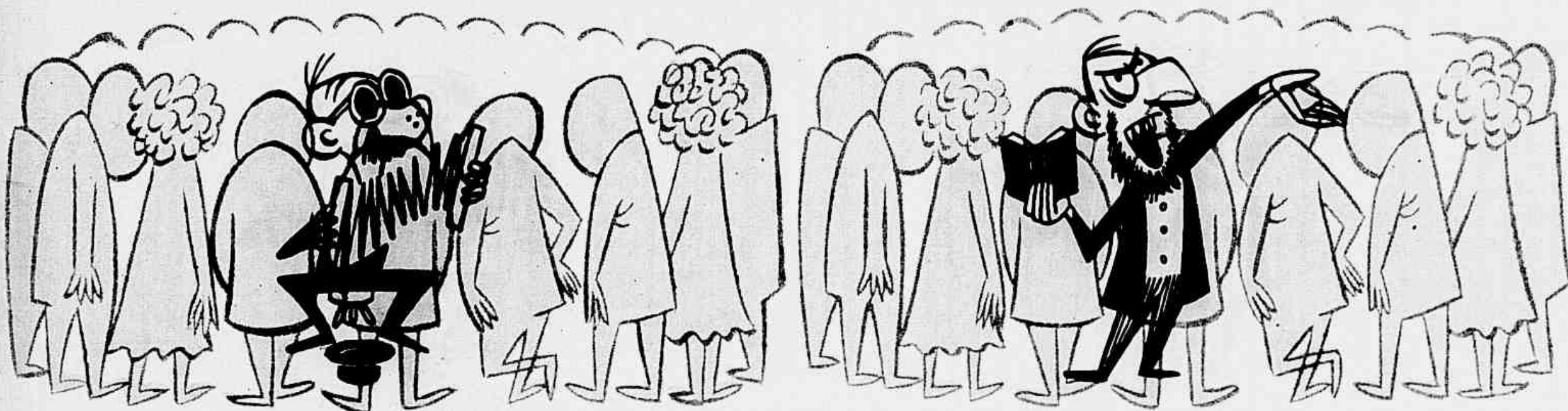
Cirandas da Cidade



Passarás, passarás, ora deixa eu passar. Para cá e para lá, dança e contradança, para lá e para cá, a gente passa.

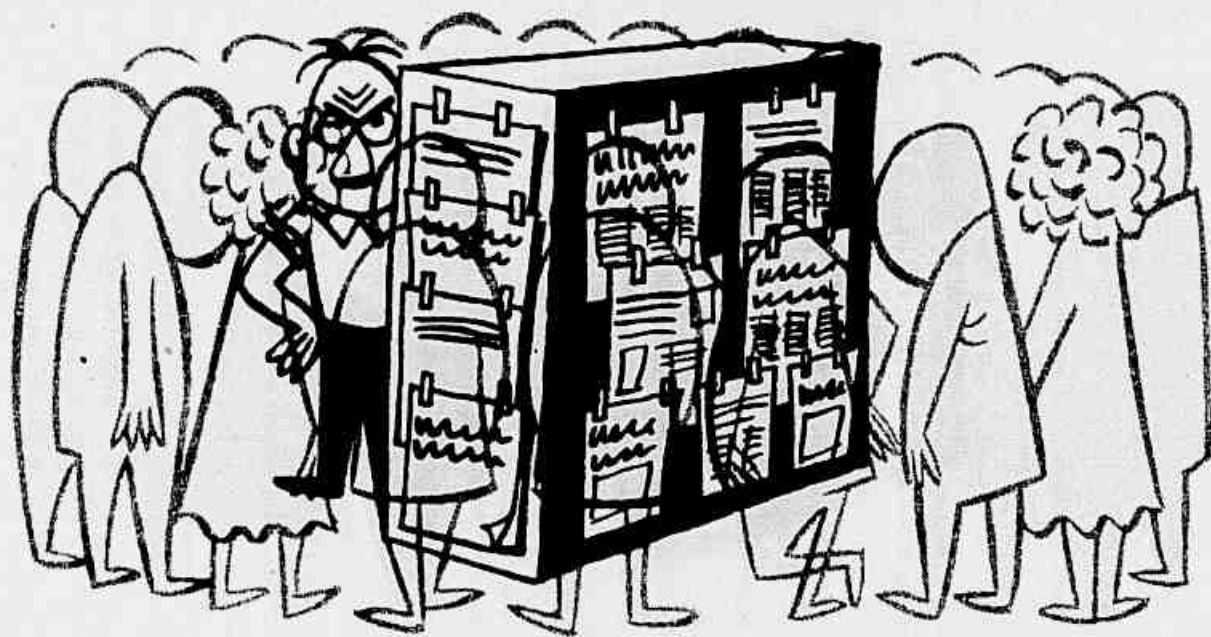


Súbito, algo desperta a atenção dos que passam e logo forma-se uma ciranda sem cantigas no meio da rua.
QUEM ESTÁ NA RODA?



É o ceguinho musical

O pregador bíblico



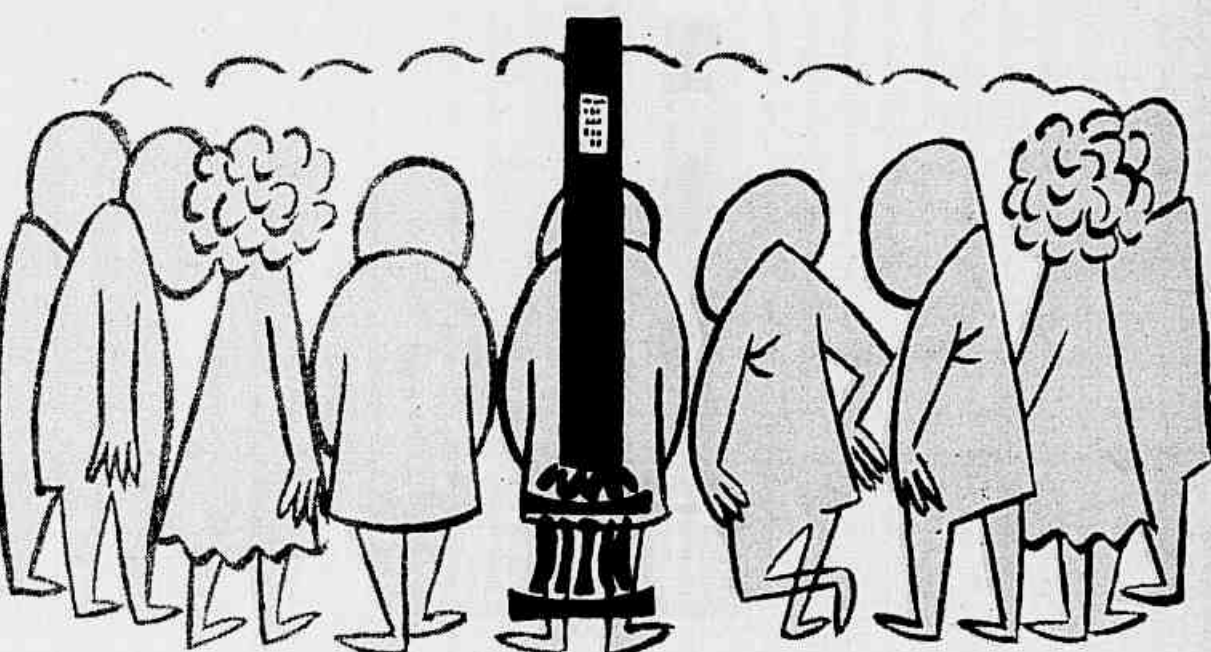
As manchetes do dia



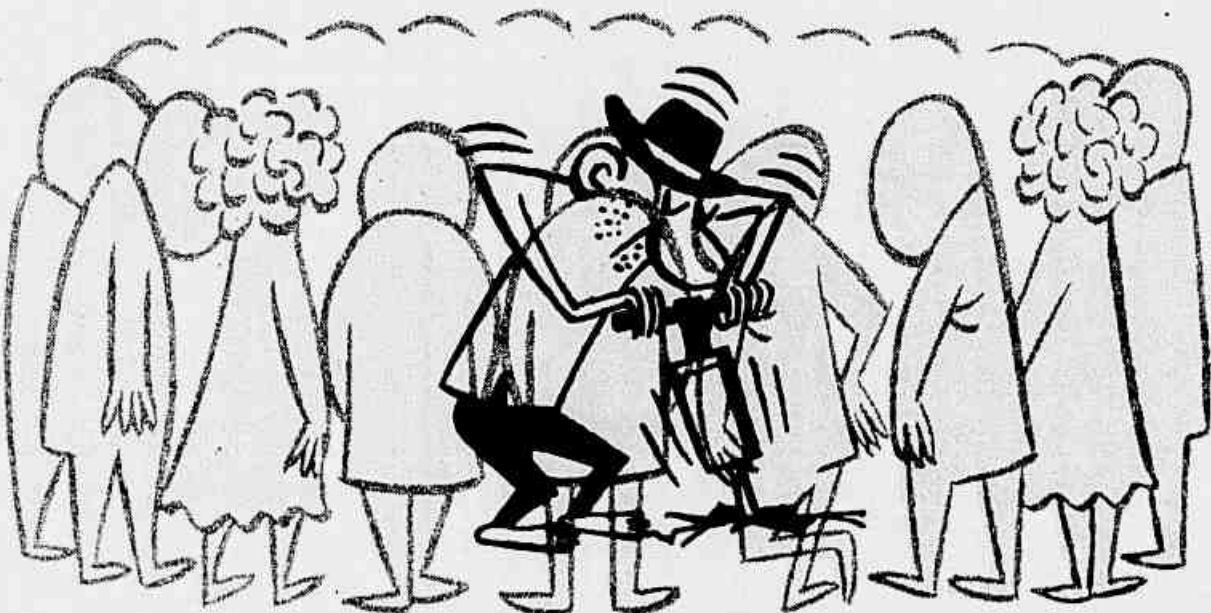
O camelô



O faquir urbano



O Bicho

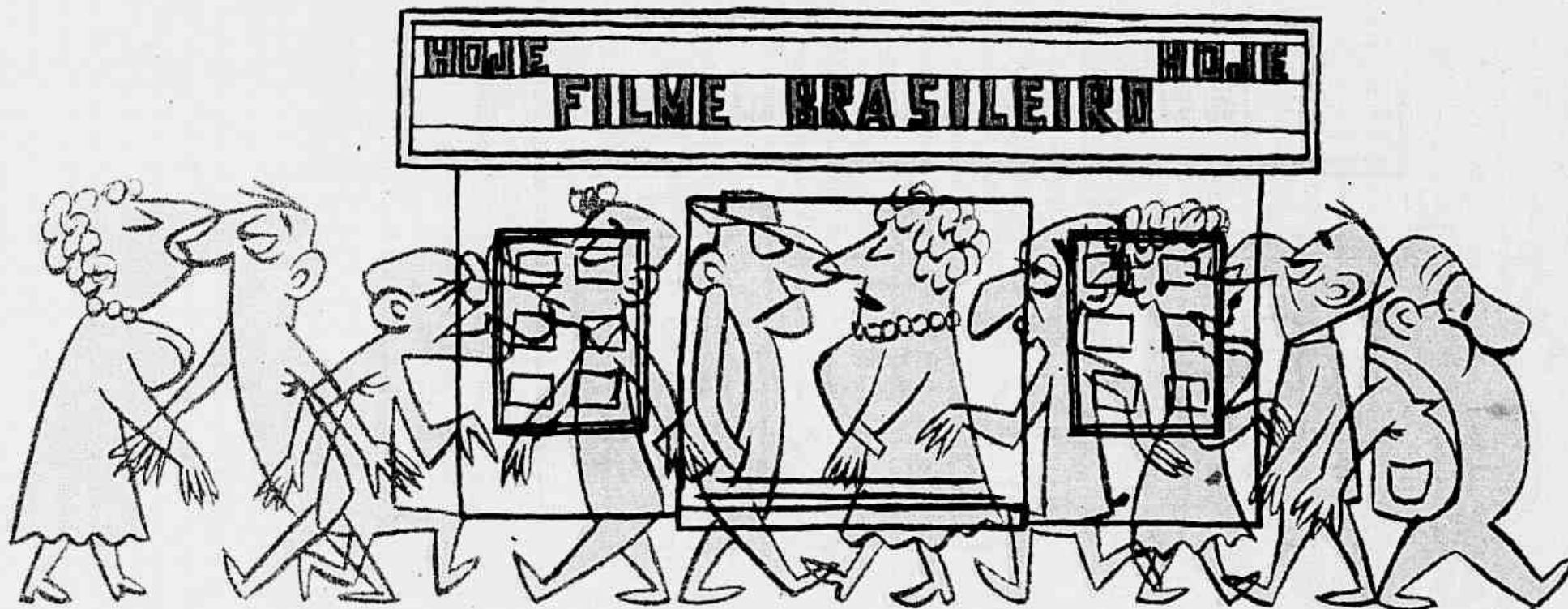


Um homem que trabalha



Ou mais um ex-pedestre

MAS DIANTE DISTO ...



... passarás, passarás, ora deixe eu passar. Para lá e para cá, dança e contradança, para cá e para lá, a gente passa.

Ciúmes?

● Ter ciúmes, além de ser uma prova de pouca confiança no marido é sempre de resultado desastroso.

Existem duas espécies de ciúmes: o justificado pelo temperamento de um marido realmente atraído pelas outras mulheres; e o injustificado, resultante de temores vagos, suscitados somente pela sua imaginação. De um modo ou de outro, o ciúme não tem razão de ser e pode mesmo prejudicar a sua felicidade. No primeiro caso, é inútil, pois "ele" continuará a se interessar pelas "outras" apesar das cenas que você possa fazer. Se lhe tem amor, procurará fazê-la sofrer menos, agindo às ocultas, mas haverá sempre intrigantes que se incumbirão de atormentá-la.

No segundo caso é perigoso. Se você manifesta ciúmes sem motivo, pode estar despertando desejos de infidelidade no marido mais leal do mundo! Acuse-o, inocentemente de cortejar a sua amiga X; bastará isso para que ele note mesmo a beleza ou a elegância de X e lhe dê razões para ter ciúmes.



A esposa ideal

● Antigamente, no velho Japão dos Samurais e dos quimonos coloridos, das casas de bambu e dos jardins cheios de crisântemos, usava-se dar às jovens que se casavam o tradicional grupo dos "três macaquinhos" que com as mãos tapam os olhos, a boca e os ouvidos. Era uma alusão às virtudes que numa esposa são indispensáveis para a felicidade do lar e que se resumem numa só: a discrição. Quando necessário, a mulher ideal deve ser surda, cega e muda, para defender a sua felicidade e dos que lhe são caros. Calar-se para evitar uma discussão, não ver e não ouvir o que possa perturbar a estabilidade familiar é prova de sabedoria e bom senso. Muitas vezes a loquacidade excessiva irrita o marido, a curiosidade mórbida o exaspera, a receptividade aos mexericos aborrece-o. Não há porque submetê-lo à tortura de ouvi-la contar a briga que teve com uma amiga ou enumerar os defeitos da empregada. Se esta não serve, mande-a embora e arranje outra, o problema é seu e cumpra-lhe resolvê-lo sem precisar recorrer a seu espôso.

Momentos difíceis

◆ A esposa inteligente sabe renunciar quando preciso a um bem-estar imediato que possa prejudicar o sucesso futuro do marido. Isso acontece, geralmente, nos primeiros anos de casamento, em que a situação econômica do espôso está se firmando e as despesas aumentam com o nascimento do primeiro filho. Mas pode suceder também em outras fases da vida do casal. Compete à mulher superar corajosamente as fases economicamente difíceis, sem se queixar. Ao contrário, procurando ser compreensiva nas horas de desânimo, a fim de que «ele» possa prosseguir na sua carreira com entusiasmo, passados os momentos negros.

Há ocasiões em que a esposa deve ser a colaboradora silenciosa e ignorada, que aconselha com a intuição e sagacidade femininas. A compensação lhe virá depois, com a gratidão e o amor de seu marido.

Week-end na cozinha

Foi uma leitora, que se casará agora no fim do mês de maio, quem pediu algumas receitas de recheios para os sanduíches que vai servir no dia das bodas.

Amasse um queijinho fundido, junte um pouco de: azeite, pimenta, algumas gotas de limão e de molho inglês. Parta alguns pimentões bem picadinhos (batidinhos) e acrescente à massa de queijo. Misture bem com um garfo.

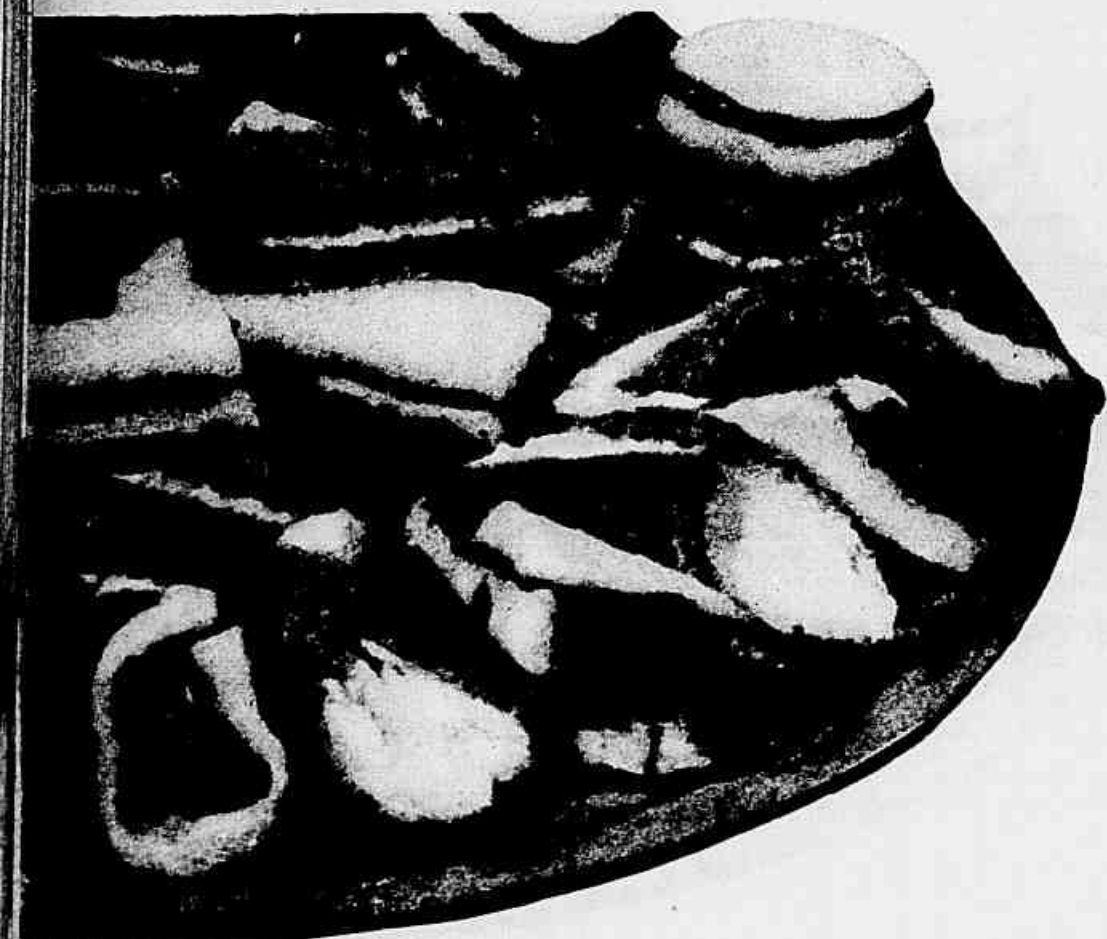
Uma cebola ralada, salsa picadinha, aipo picadinho, uma salsicha grande desmanhada e esmigalhada: tudo isso com uma boa maionese.

Parmeão ralado, maçã esmagada, molho de pimenta, vinagre, azeite e sal. Este é um recheio bem picante.

Queijo fundido, alcaparras esmagadas, tudo bem misturado, constitui um recheio de ótimo sabor.

Manteiga, salsa e cebolinha verde muito bem picados, azeitona preta em pedacinhos miúdos. Misture bem.

Queijo creme, passas sem caroço picadas fininhas, pickles e pimenta. Bem amassado tudo junto.





LER NA CAMA

♦ Se você gosta de ler na cama, procure ter uma boa lâmpada de cabeceira, bastante forte, e colocada de jeito a não fazer sombra sobre o livro. No entanto, não deve o abajur de cabeceira ser a única luz acesa do aposento, para não limitar excessivamente a zona iluminada. Durante a leitura a cabeça não deve ser colocada muito baixa, para não forçar a posição dos olhos. Muita gente já tem tido sérias alterações da visão pelo hábito de ler na cama em má posição e em má luz. Além disso, forçar a vista é dar causa ao aparecimento de rugas em redor dos olhos, que tanto enfeiam e envelhecem a fisionomia. Depois de uma leitura prolongada, será bom lavar os olhos, para descansá-los, com água boricada (solução a 2%) ou, simplesmente, com água e sal (uma colher das de sopa para um litro d'água).

(Na foto Elizabeth Taylor — Paramount).

Como regar as plantas caseiras

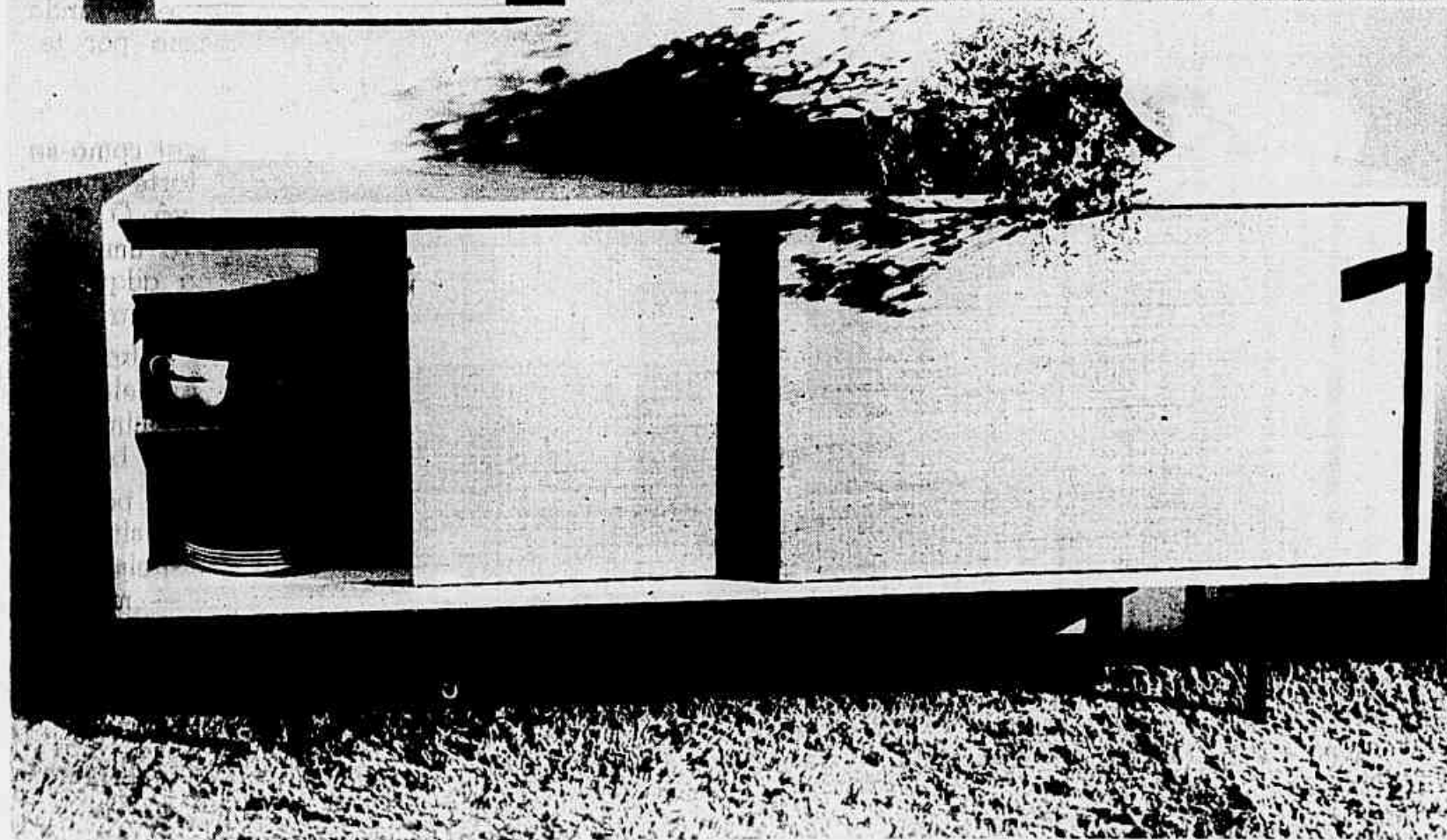
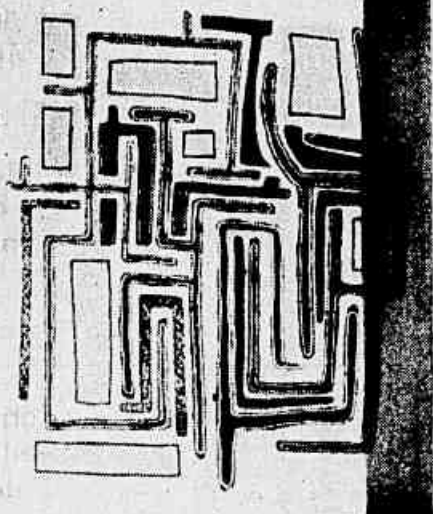
♦ Pode parecer a muita gente que regar vasos de plantas seja tarefa fácil e de rotina. No entanto, quando isso não é feito de maneira correta, pode causar mais mal que bem às flores e folhagens que você conserva com tanto carinho e que dão a seu lar um aspecto moderno e agradável.

O número de vezes em que deve molhar as plantas, por dia, ou por semana, depende do grau de secura do ambiente em que estão. Deve-se regar as plantas quando se nota que **É PRECISO**: a terra deve ser mantida úmida, e mais vale regar muitas vezes com pouca água que copiosamente em grandes intervalos.

A terra nunca deve ser deixada seca. Quando isso acontece, racha, forma uma fresta junto à parede do vaso, e depois o líquido escorre por essas rachas e fendas até o fundo sem penetrar na terra.



Sugestão para o lar



● Temos publicado sempre nesta seção fotografias de móveis destinados aos apartamentos modernos: funcionais e concentrados. O de hoje, além das qualidades acima tem uma outra: **é originalíssimo.**

Em madeira marfim, com pés palitos negros, é dotado de portas de correr forradas com esteirinhas finas. As alças (que fazem o papel de puxadores) são em couro natural.

Uma prateleira interna proporciona espaço para toda a louça de um lado e toda a roupa de mesa do outro.

Na parte superior gavetas para talheres, descansos de pratos, toalhinhas e guardanapos menores.

O móvel é uma das últimas criações do decorador norte-americano Florence Knoll. A disposição do curioso quadro abstrato, lateralmente sobre o "buffet", é também uma sugestão para o seu futuro lar (Foto USIS).

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706 Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Rembolsos Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº

NOME Nº
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 98,00

CALÇADO



Máximo conforto
garantia absoluta

LEIAM

REVISTA

DA

SEMANA

7 CRUZEIROS

EM TODO O BRASIL

NO DIA DO CASAMENTO...

(Cont. da página 27)

natalina em companhia de seus familiares. Mas, não foi uma ordem específica para Bandeira, muitos outros condenados tiveram também essa «chance»; sempre, como faço questão de reafirmar, levando-se em conta os requisitos indispensáveis que permitem a obtenção de tal privilégio.

Refere-se o major Hildebrando a novas instruções do Ministro da Justiça recomendando que só o Juizado poderia autorizar as saídas.

— O requerimento vai daqui devidamente informado, e o Juiz deferir ou não como melhor lhe parecer. Todavia, em fins do ano passado, o dr. Soares de Pinho, despachando no requerimento de um condenado, determinou que a Administração desse estabelecimento se absteresse de encaminhar solicitações de saída, porquanto entendia que não cabia a ele, como Juiz, autorizá-las. Deixava, contudo, a critério do Diretor a concessão desses favores.

«Logo depois, no entanto, recomendações expressas do próprio Ministro da Justiça revogavam aquela minha faculdade, determi-

nando que as referidas saídas ficariam na dependência da autorização do juizado de execuções.»

«Como o Juiz se negava a atender as solicitações, durante todo esse tempo deixaram os interessados de requerer o favor. Mas, com as férias do dr. Soares de Pinho, o Juiz que o substituiu nas funções, não pensando do mesmo modo, restabeleceu a antiga praxe, concedendo algumas autorizações de saídas, dentre as quais a de Bandeira, para assistir ao casamento de uma irmã.

«Voltou, agora, o dr. Soares de Pinho, e a situação continua a mesma de antes: Somente ao Juiz cabe as autorizações de saídas temporárias, e como ele não as concede, tão pouco os condenados as requerem.

FALA O JUIZ

A 20ª Vara de Execuções funciona, por comodidade do serviço, nas dependências da própria Penitenciária. É seu titular o Juiz A. Soares de Pinho.

Preparava-se S. Exª para sair, e por isso não foi muito cordial o nosso primeiro encontro:

HORAS DE DESESPERO

(Cont. da página 39)

A hostilidade entre os irmãos crescia, tornava-se agora aberta. Glenn, aborrecido, rilhou os dentes, e falou:

— Está bem. Se não queres, não queres mesmo. Mas vou já ensinar quem é que manda, aqui dentro. Passe-me a automática que está contigo.

Hal apertou a arma volumosa no bolso, e respondeu:

— Estou muito bem com ela. Tire a de Kobish. A minha, conservarei comigo.

«Era o primeiro ato de revolta contra o irmão mais velho. Não seria, é certo, o último.

x x x

Numa cozinha de pequeno restaurante, Jesse Bard, Fredericks e vários guardas examinavam um mapa da região onde fora encontrado o cadáver de Patterson. Enquanto o examinavam, Carson e um outro detective penetraram no recinto. Carson trazia na mão o bilhete dactilografado que Dan entregara a um mensageiro, pedindo-lhe que o levasse ao posto de

polícia mais próximo. Jesse o leu: «A polícia. Gente inocente estará, com os fugitivos, no automóvel que procuram... Buscar identificar o autor desse bilhete será causar grande perigo a essa mesma gente...»

Era só o que Fredericks queria ouvir. Fêz menção de sair, até que Jesse o deteve pelo braço, perguntando-lhe aonde ia. Ora, bater em algumas residências das imediações, até encontrar os fugitivos!

— Esqueça esse plano. É claro que precisamos encontrar os três facinorosos, mas não pondo em risco a vida de uma família inocente.

— Olhe, Jesse, a piedade é algo que não se pode ter muito, na polícia.

Jesse olhou para Carson, e disse:

— Ouviu isso, Carson? Sabe agora porque o pobre autor deste bilhete não se assinou, e não deseja o auxílio da polícia?...

— O que é que você propõe, Jesse? perguntou Carson, calmamente.

— Que se bloqueiem as estra-

das, e que se revistem, cuidadosamente, todos os automóveis. E que se fique, também, de sobreaviso, porque tudo, agora, poderá acontecer. Tudo!

Carson pensou algum tempo, e depois disse:

— Okey. Faremos como você disse.

E virando-se para um auxiliar:

— Dê ordens à polícia para bloquear as estradas.

Agora, Fredericks não tinha outra alternativa senão colaborar com o rival.

x x x

Ao deixar Cindy o trabalho, encontrou-se com Chuck, o qual ofereceu-se para acompanhá-lo até em casa. Ela, porém, falou-lhe asperamente, até que ambos chegaram em frente à casa da moça. Chuck, então, desejou saber a razão de sua irritação. Mas a moça apenas lhe disse:

— Olhe, Chuck, eu não quero mais vê-lo. Nunca mais, ouviu?

E correu para a sua casa.

(Cont. no próximo número)

O AVÔ ARKHIP E LENKA

(Cont. da página 13)

Depois, separando bastante as pernas, fixou nos mendigos os seus grandes olhos sem expressão. Lenka olhava-o com curiosidade.

O avô piscava os olhos, esperando que o desconhecido falasse. O cossaco permanecia mudo. Por fim, tirando fora da boca a metáfora da língua, apanhou com ela o bigode e meteu-o quase todo na boca. Chupou-o e tornou a deitá-lo fora. Em seguida rompeu o silêncio, que ia fazendo embaraçoso.

— Vamos — é preciso que me sigam.

— Por que? — Perguntou o avô, estremecendo. Alguma coisa estranha fez palpar o coração de Lenka.

— É necessário... tenho essa ordem!... Sigam-me.

E levantando-se empreendeu ele primeiro a marcha. Mas tendo voltado a cabeça e visto que eles não se moviam, gritou-lhes com voz colérica:

— Que esperam?

O avô e o neto levantaram-se rapidamente e seguiram-no.

Lenka olhava o avô com obstinação e observou que lhe tremia a cabeça e que lhe rangiam os dentes. O avô procurava alguma coisa no seu peito e olhava receioso em sua volta. Lenka compreendeu que alguma coisa remordia a consciência do velho, como em caso análogo, em Taman, algum tempo antes, e ao recordar aquela história, suspirou e estremeceu ao mesmo tempo.

Em Taman, o velho tinha roubado roupa branca num pátio, e tinham-no apanhado com a boca na botija. Escarneceram-no, insultaram-no, e bateram-lhe, e fizeram-no sair imediatamente da cidade, não obstante começar a cair a noite... E a noite era tão sombria!... Tiveram ambos que passá-la ao sereno, estendido na areia, num estreito da praia, enquanto o mar rugia surdamente, toda a noite, e de um modo lúgubre. A areia ge-

nia, removida pelas ondas que a açoitavam, e o avô estêve se lamentando continuamente até que amanheceu o novo dia e rogando a Deus que o perdoasse por ter sido ladrão.

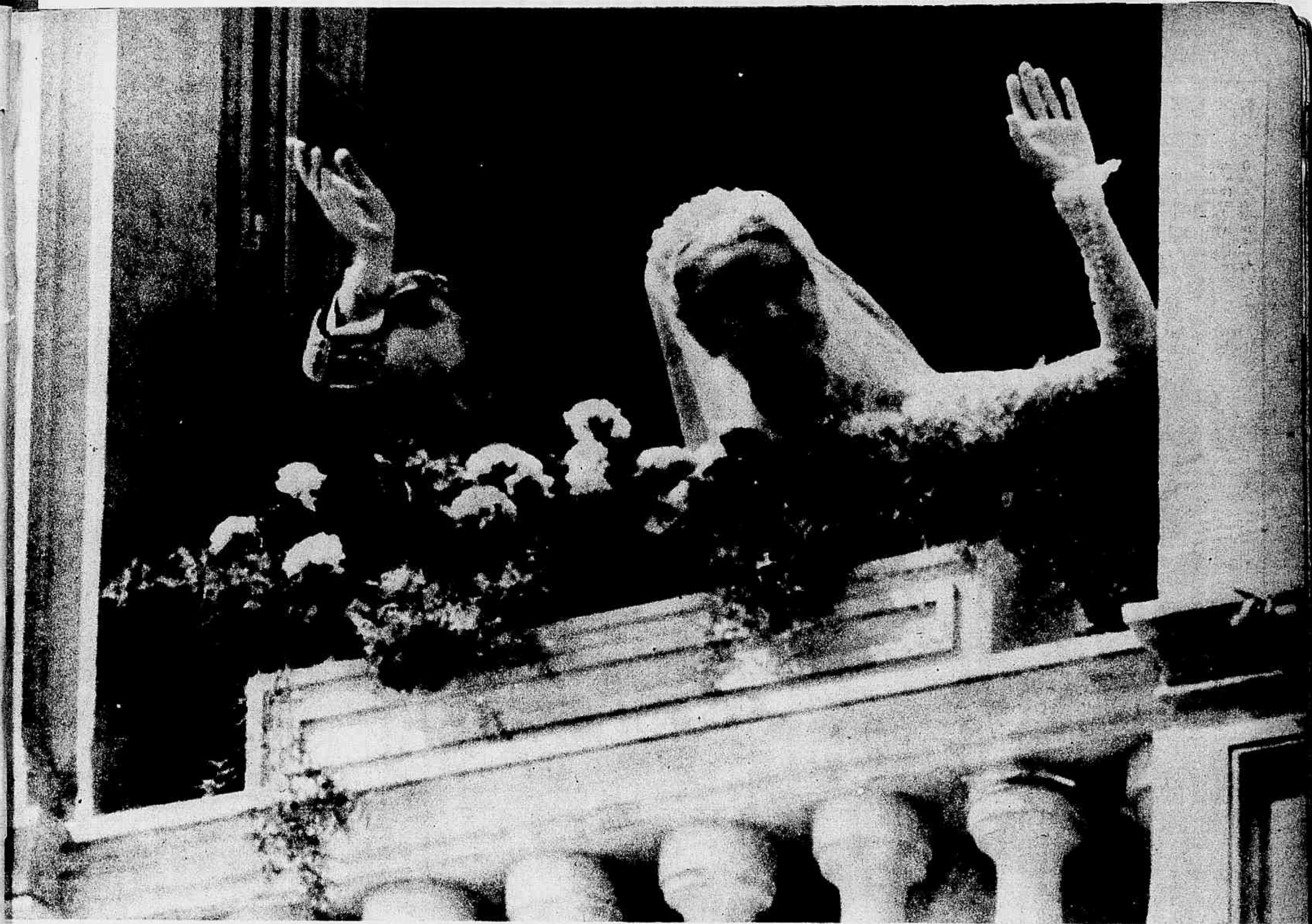
— Lenka!

Este voltou a estremecer como se tivesse recebido um forte murro nas costas, e olhou o avô. O rosto oblongo de Arkhip estava um pouco mais exausto e tinha adquirido uma cor mais opaca. Tremia.

O cossaco caminhava à frente a uma distância de cinco ou seis passos, fumando no seu cachimbo e fazendo barulho com o seu bastão.

— Toma isto!... Atira-o por entre a erva, mas marca o sítio em que o deixas... para depois facilmente o encontrarmos, — murmurou o avô com voz apenas perceptível. E arriando-se bem ao seu neto, passou para as mãos dele um pequeno embrulho.

(Continua no próximo número)



DO ALTO de uma janela, Grace e Rainier saúdam seus súditos. Pouco antes, tinha sido realizado o casamento de ambos, pelo bispo de Mônaco, o norte-americano Gilles Barthe. Esse talvez tenha sido o casamento do meio-século. — GRACE, com seu cãozinho «Olivier» nos braços (em baixo), embarca no iate de seu marido, Rainier III. Não sabemos se o cachorrinho saltou no 1º pôrto, para não perturbar o célebre «Enfim sós»...



GRACE

PRINCESA DE MÔNACO

AFINAL CONSUMADO O ROMANCE DE AMOR QUE ABALOU O MUNDO ★ NA CATEDRAL MONEGASCA, GRACE KELLY RECEBEU, EM CASAMENTO, AO PRÍNCIPE RAINIER III, SOBERANO DE MÔNACO ★ Suntuosas solenidades comemorativas do evento chamaram a atenção universal para o minúsculo principado mediterrâneo

Fotos U.P. e KEYSTONE

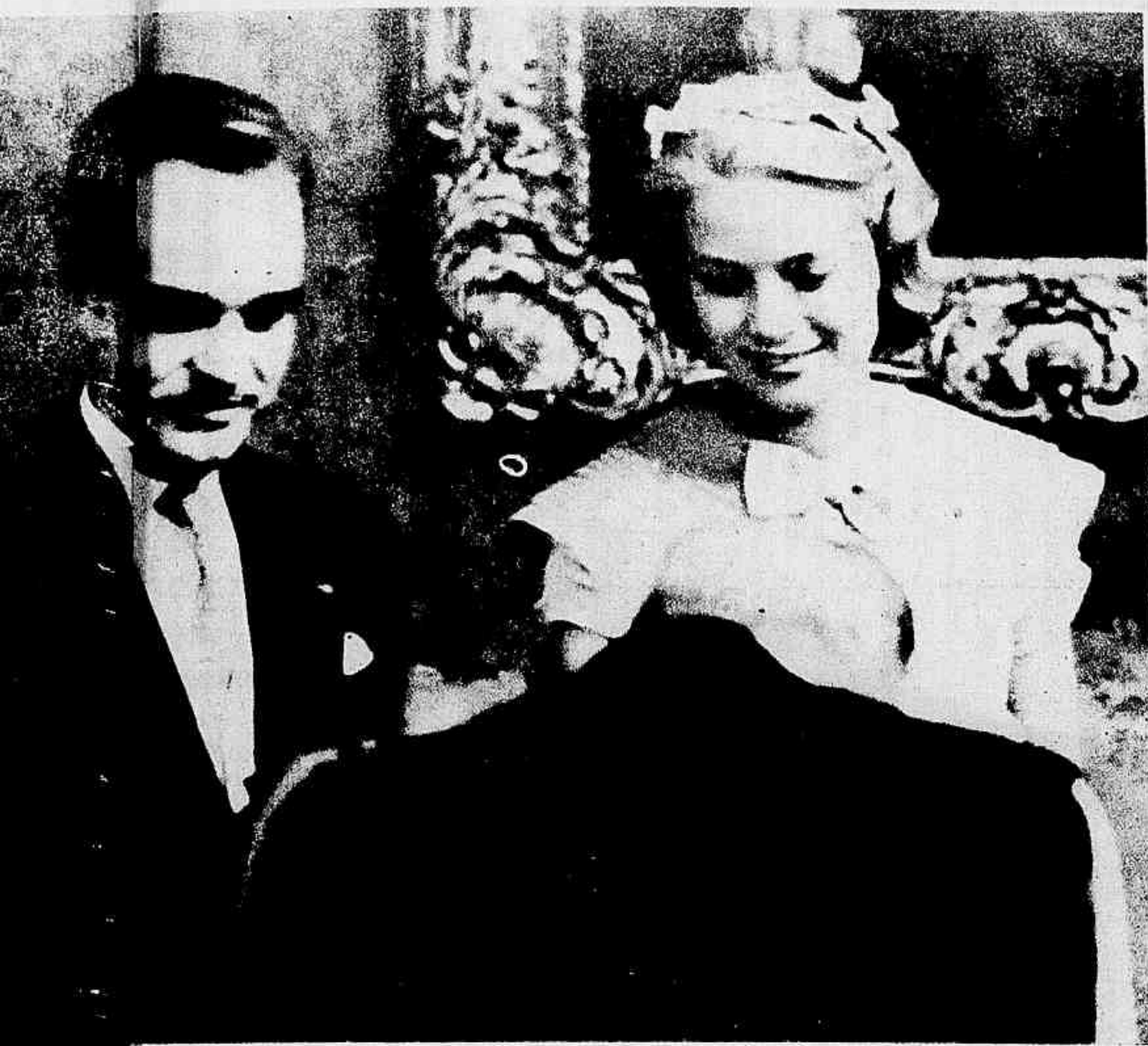


A CERIMÔNIA civil, um dia antes, atraiu igualmente grande número de convidados. Os diplomatas desfilaram, um a um, ante o jovem par de noivos.

RAINIER COLOCA em Grace a aliança simbólica sob o olhar do bispo de Mônaco e de várias outras personalidades civis e religiosas.



A CAMINHO DO IATE DEPOIS DE, pelo rito católico ao qual pertencem, se terem recebido reciprocamente como esposos, Grace — já agora princesa de Mônaco — e Rainier III, mais príncipe do que nunca, em seu uniforme cintilante de condecorações, tomaram o «Rolls-Royce» do palácio, e, através de extensa fila de guardas de várias nacionalidades, e escoltados por longa fileira de motociclistas, atravessaram ruas e avenidas de seu Estado-mirim, dirigindo-se ao Palácio Imperial, onde se refizeram um pouco da longa cerimônia. Depois, novamente tomaram o carro imenso, rumando, já então, para a graciosa baía de Mônaco, onde já os esperava, prestes a largar ferros, o iate de Sua Majestade, no qual passarão a lua de mel.



PELO braço do pai, a louríssima Grace Kelly chega à Catedral, ostentando um belo vestido de noiva. A multidão a ovacionou muito.



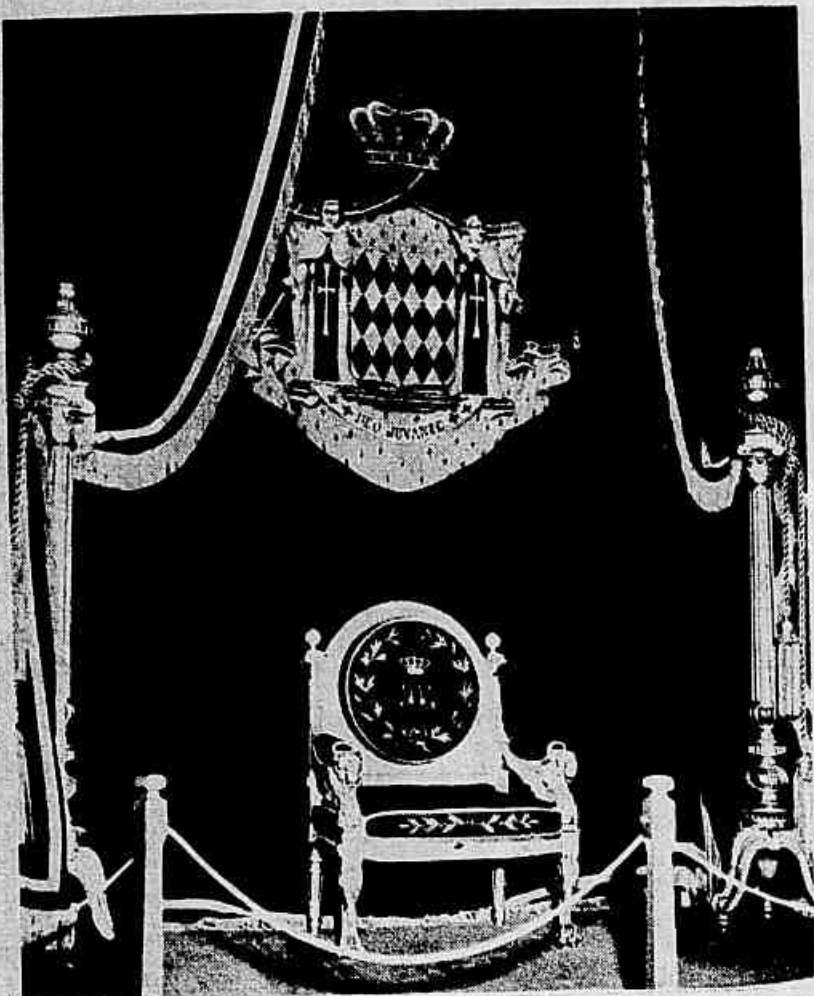
CONRAD Hilton, representante pessoal do Presidente dos Estados Unidos, Eisenhower, acompanhou de perto todas as cerimônias.

civil.
atraiu
de nú-
dados.
esfila-
ante
noivos.

◆ DESDE O DIA 19 de abril, Grace Patricia Kelly, célebre artista de cinema norte-americana, tornou-se, por casamento, soberana de Mônaco. Em uma solenidade que certamente marcará época, e que os cronistas sociais de todo o mundo já apontam como o casamento mais suntuoso dos últimos vinte anos, os jovens noivos, Grace, com 25, e Rainier, com 31, uniram-se pelos laços matrimoniais. A multidão, no templo, e fora dele principalmente, prorrompeu em aplausos quando o celebrante, bispo Gilles Barthe, de Mônaco, proclamou a ambos marido e mulher, segundo o ritual católico, ao qual ambos pertencem. Pode-se dizer que mensagens de congratulações, quando não valiosíssimos presentes, chegaram de todas as partes do mundo para o casal. E os noivos, após terminadas as cerimônias nupciais, retiraram-se para o iate real, que imediatamente zarpou para longe de olhares indiscretos dos impertinentes repórteres e fotógrafos...

CA em
simbó-
do bis-
de vá-
nalida-
giosas.

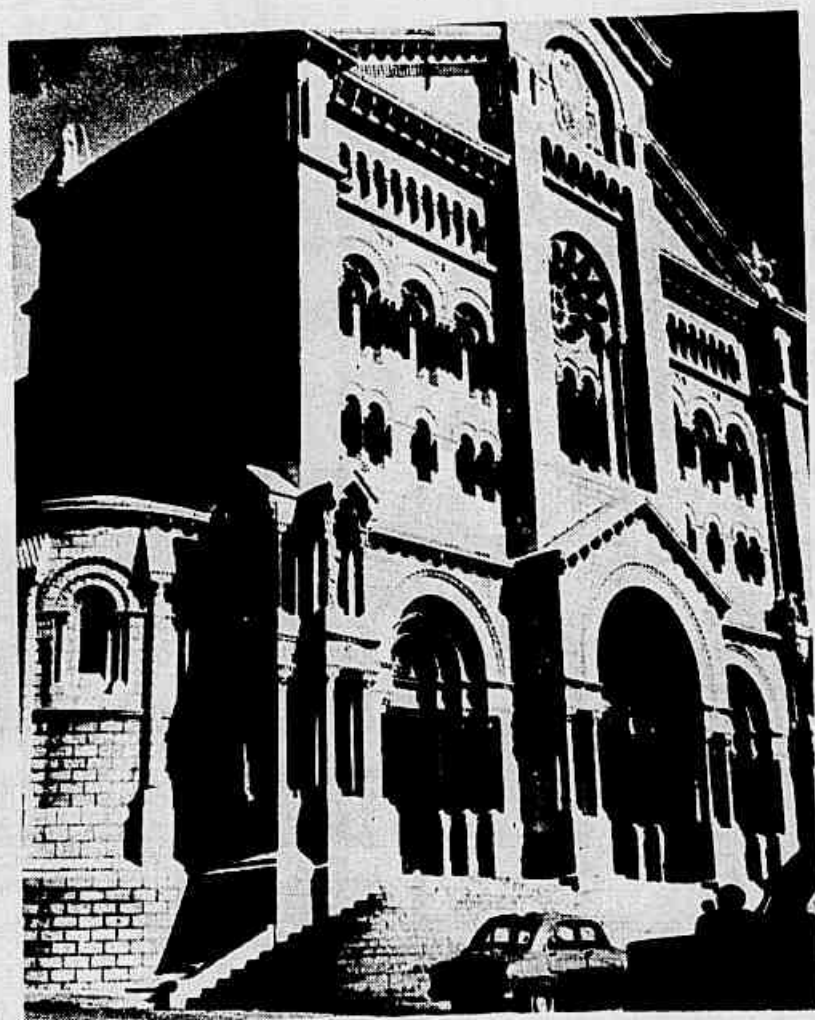




O PALÁCIO de Rainier só dispõe de um trono, que aparece na foto. Com o casamento, o príncipe terá que dar a consorte uma beiradinha...



O BISPO Gilles Barthe oficiou a cerimônia — talvez a mais imponente realizada no pequeno Estado debruçado à beira do Mediterrâneo.



NESSA CATEDRAL, sob as vistas de apenas quatrocentas pessoas, casaram-se Grace e Rainier. O casamento civil fôra no dia anterior.



HOUE INÚMEROS furtos de jóias, na semana do casamento de Grace. Essa jovem, por exemplo, Margee Pamp, dama de honra da noiva, foi roubada em diamantes num valor de dez mil dólares. Para essa também, o casamento de Grace Kelly será algo inesquecível...

EIS O PANORAMA que descortinará Grace Kelly, tôdas as manhãs, ao despertar: lá em baixo, a graciosa baía de Mônaco, onde o iate do casal, de linhas modernas e elegantes, sobressai entre dezena e meia de pequenos barcos.

OS TÍTULOS DE GRACE — Com seu casamento, Grace Kelly tornou-se possuidora dos seguintes títulos: Princesa de Mônaco; Duquesa de Valentinois; Baronesa Du Billis; Milady de Romans, de Crest, de Chabreul, de cesa de Mônaco; Duquesa de Valentinois; Baronesa Du Billis; Milady de Romans, de Crest, de Chabreul, de Grane, de Sauzet, de Savasse, de Saint-Marcel, de Chateaufort de Mazenc, de Saint-Euphemie; Marquesa des Baux; Milady de Saint-Remy, de Maurelles, de Vuisanques, de Mas de Langier, de Beategard, de Servanse, Du Cap de Verre, de Mular, de Montblanc, de Boulonet, de Boisvert; Condessa de Carlades; Baronesa de Cal-Vinet; Milady de Turmande-Minzelle, de Mantignon; Condessa de Torigni; Baronesa de Saint-Lo; Baronesa de La-Thumutiere; Baronesa de Hambye; Milady de Bieville, Du Perron, de Saint-Symphorien; de Plessis-Grimult; Condessa Sur-Vire, Du Mamel, de Rochetesson, de Breuil, de Coyon, de Gateville; Duquesa de Estouville; Condessa de Gournay; Milady de La Ferte en Braye, de Valmont-Banquemart, de Bec-aux-Cachois, de Bec de Montagne, de Moulins-Berneval, de Bouville, de Fauville, D'Hericourt, de Moulin de Toy, de La Hise, Des Loges, de Monchonville, de Mareuil, de Saint-Martin-en-Champagne, de Tiergeville, de Petit-Torcy, de Varengeville, de Venvermerville; Duquesa de Mazwrin; Princesa de Chateau-Porcien; Condessa de Ferrete, de Tann, de Rose-mant; Baronesa d'Altkirch; Milady d'Omout, de Brieuilles, de Donchery; Duquesa de Mayenne; Condessa de Belfort; Milady de Barriller, de Bohans, de Bermont, d'Egueniques, de Collonge, de la Menche, d'Offemont; Condessa de Molady d'Isenheim; Baronesa de Rumigny; Marquesa de Montcoronet; Baronesa de Rozoy; Condessa de Longeumeau; Marquesa de Cilly; Milady de Bellegambe, de Brisacier, de Clairauy, de Godefroy, de Grand Champagne, de Mouregard, de Mortplaisir, de Ontrichet, de Saint-Gahilaire, de Saulx; Baronesa de Massy; Senhora D'Antony, de Verrieres; Marquesa de Guiscard; Milady de Badicourt, de Baugies, de Balancourt, de Bethancourt Envau, de Brivades, de Buchoire, de Fontavant, de Chauny, de Orpeingy, de Dampcourt, de Dury, de Goyer, de Greourt, de Mirancourt, de Maucourt, de Mondescourt, de Neullieu, de Plemmer-Patte-d'Oie, de Vanchelles, de Villeserve, de Villet de Viry, de La Fere, de Marle, de Ham, de Saintgobain, de Beaurepaire, de Hauthion.



RAINIER E GRACE



UMA PAUSA DEPOIS DA CERIMÔNIA

GRACE KELLY e Rainier III fazem uma pausa no caminho, ao deixarem a Catedral. A cerimônia foi longa e soleníssima, e a multidão de convidados — da mais alta estirpe, diga-se de passagem — comprimia-se calorenta, no interior do pequenino templo, onde apenas fotógrafos e repórteres de duas revistas — «Life» e «Paris Match» — tiveram acesso. O Presidente Eisenhower enviou o magnata Conrad Hilton a Mônaco, a fim de pessoalmente representá-lo nas cerimônias. Muitas outras nações se fizeram representar nas bodas, que certamente marcarão época. Marinheiros franceses, ingleses e americanos formaram a guarda de honra dos jovens noivos.

nas
Rai-
rior.

Prin-
de
des
unse,
Cal-
a de
t, de
adés-
de
oges,
e, de
Rose-
a de
mont;
Con-
efroy,
onesa
de
y, de
i, de
n, de



ÚLTIMO FLASH

A "ESTRELA" NÃO É RACISTA

◆ Quando, recentemente, foi levado a efeito em Caxambu, um pequeno festival do Cinema Brasileiro, seus promotores foram acusados de praticar o racismo naquela simpática estância hidro-mineral. Eles teriam negado convite a uma jovem de nome Carolina, devido a seu pigmento, o que, por sua vez, teria levado a moça «colorê», a mover um processo contra o prefeito de Caxambu. E' evidente que a acusação estava destituída de fundamento, quando vários elementos de cor andaram sendo ali muito aplaudidos, e se o nosso amigo Grande Otelo deixou de comparecer, foi porque algum compromisso particular o impediu de fazê-lo. O convite, reiterado aliás, êle recebeu. Sabendo dessa acusação Mara Rúbia que é o tipo da mulher democrata e amiga da rapaziada, resolveu por iniciativa própria não só desmentir, mas ainda provar a balela da denúncia. E posou para o nosso fotógrafo, ao pespegar uma sonora beijoca (som Perspecta e tela panorâmica) em um dos vaqueiros das Alterosas, que também compareceu ao Festival. O homem acabava de pegar um touro à unha e como prêmio ganhou o ósculo perfumado da irrequieta atriz, que por sinal deu a nota de sensação na referida festa cinematográfica. Desta vez, houve sombra e água fresca da boa, de Caxambu. (Valeu a propaganda).

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevideu. Na Argentina: Interpresa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO
DISTRIBUIÇÃO:
AGÊNCIA POLANO
Rua João Bricola, 46

REVISTA DA SEMANA

Ano 56 — N° 18 — Rio de Janeiro — 5-5-1956

Propriedade da
Companhia Editora Americana
Diretor-Presidente.....**Gratiliano Brito**
Diretor-Comercial.....**Ivan Guimarães**
Diretor-Gerente.....**Wenceslau Quintais**
Diretor de Publicidade.....**J. M. Costa Júnior**
Redatores e corretores.....**S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna**
ENDEREÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano.....	Cr\$ 350,00
Seis meses.....	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano.....	Cr\$ 380,00
Seis meses.....	Cr\$ 190,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano.....	Cr\$ 500,00
Seis meses.....	Cr\$ 250,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 8,00.
Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Sei muito bem
o que
O TELEFONE
significa
PARA MIM
Diz a modista!



O MEU AJUDANTE. - O telefone do meu atelier de costura não pára. Por êle, recebo pedidos e consultas sobre as melhores fazendas para a temporada.



AVIAMENTOS. - Eu peço todos os aviamentos, na casa de que sou freguesa, pelo telefone. Como poupo tempo e como faço o meu trabalho render!



INTERCAMBIO - Nós, modistas, depois de consultarmos os figurinos, trocamos idéias e sugestões pelo telefone.



PROVAS COM HORA MARCADA.

- Sem o telefone, minhas freguesas não gosariam êste privilégio: provas com hora marcada, garantindo uma entrega dentro do prazo fixado.



SOBRECARGA DE TRABALHO - Quando o meu serviço aumenta, peço pelo telefone, ao bar próximo, um almoço, poupando assim muito tempo.



ELOGIOS. - Não é só o dinheiro que nos satisfaz. Nada mais agradável do que receber um telefonema da freguesa que está radiante com o vestido que lhe fizemos.

Sim. Não só para a modista, como para qualquer profissional, o telefone é de um valor inestimável. O progresso do Distrito Federal exige a expansão do serviço telefônico, e essa expansão está se tornando cada vez mais difícil devido ao constante encarecimento do material e da mão de obra! Assim, somente com a atualização das tarifas será possível a obtenção de recursos indispensáveis à manutenção adequada do serviço e à sua expansão.



COMPANHIA TELEPHONICA BRASILEIRA

Procurando servir sempre melhor





nos centros elegantes do Brasil...

Em Jequiá-Mar, famoso clube da praia de Guarujá,
em São Paulo, o ambiente agradável é um convite à reu-
nião de pessoas de bom gosto...

E na elegância de todos sempre se destaca o hábito de fumar...

hollywood
uma tradição de bom gosto

